UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas

Amanda Monteiro Diniz Carneiro

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NO GRUPO GUERRILHEIRO URBANO ARGENTINO MONTONEROS (1969-1980)

Diamantina

2017

Amanda Monteiro Diniz Carneiro

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NO GRUPO GUERRILHEIRO URBANO ARGENTINO MONTONEROS (1969-1980)

Dissertação apresentada no Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Linha de Pesquisa: História, Cultura e Poder

Orientador: Prof. Dr. Rogério Pereira de Arruda

Diamantina

2017

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618.

C289a Carneiro, Amanda Monteiro Diniz
A atuação das mulheres no grupo guerrilheiro urbano argentino Montoneros (1969-1980) / Amanda Monteiro Diniz Carneiro. – Diamantina, 2017.
143 p.

Orientador: Rogério Pereira de Arruda

Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

1. Grupo Montoneros. 2. Grupos armados. 3. Política. 4. Atuação das mulheres. 5. Esquerda argentina. I. Título. II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 322

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Amanda Monteiro Diniz Carneiro

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NO GRUPO GUERRILHEIRO URBANO ARGENTINO MONTONEROS (1969-1980)

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Pereira de Arruda

Data de aprovação: 14 de fevereiro de 2017

Profª Drª Elisa de Campos Borges
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Davidson Afonso de Ramos
Faculdade Interdisciplinar de Humanidades – UFVJM

Prof. Dr. Rogério Pereira de Arruda
Faculdade Interdisciplinar de Humanidades – UFVJM
Orientador

Diamantina, 2017

Aos meus pais, Jorge e Marilene, pelo apoio incondicional e constante incentivo.
Aos professores Dr. Rogério Pereira de Arruda e Dra. Elisa de Campos Borges, pela confiança, compreensão e excelente orientação.
A todos que perderam suas vidas lutando por “liberdade” e “justiça social”.

AGRADECIMENTOS

Faço um primeiro agradecimento à minha família, que me apoiou intensamente nessa caminhada. À minha mãe, Marilene, por todo o incentivo e dedicação; ao meu pai, Jorge, pela compreensão e cuidado; à minha irmã, Avana, pelo apoio; às minhas avós, Noeme e Carmem Lêda, pelo exemplo de perseverança e luta; ao meu esposo Breno, pela paciência, carinho e apoio nas horas de maior dificuldade.

Agradeço ao professor Rogério, meu orientador, que confiou em meu trabalho e possibilitou meu amadurecimento como pesquisadora. À professora Elisa, por toda a dedicação e direcionamento desde os tempos da Graduação. Obrigada por todos os ensinamentos, que tornaram a minha pesquisa prazerosa e feliz! Sem vocês, este trabalho não seria possível.

A todos os meus amigos e amigas que contribuíram para a conclusão desta pesquisa, especialmente à minha amiga Malena, que colaborou intensamente na busca pelas fontes bibliográficas e que me ajudou a conhecer um pouco mais da Argentina.

Ao meu amigo Marcelo, por me ajudar a solucionar problemas “insolucionáveis”.

Agradeço à UFVJM, pela bolsa institucional, e aos professorxs Davidson e Elisa, por aceitarem fazer parte da minha banca. Tenho certeza de que suas contribuições irão enriquecer de forma significativa meu trabalho.

Agradeço também a todas as mulheres que lutaram e lutam por um mundo melhor, rompendo com a lógica da dominação de gênero e questionando normas tradicionais hierárquicas.

Por fim, agradeço a todas as pessoas e instituições que colaboraram para que este trabalho fosse concluído.

RESUMO

Esta dissertação analisa a atuação das mulheres no grupo de esquerda argentino denominado Montoneros no período entre 1969 e 1980. O grupo surgiu, aproximadamente, em fins dos anos 1960, a partir da esquerda peronista. Nesse sentido, pretendemos entender e discutir com abrangência as relações entre as referidas mulheres e o grupo. Para isso, exploramos os espaços de atuação política dessas mulheres; os papéis desempenhados por elas; as relações com os demais participantes do grupo e da sociedade de modo geral; finalmente, discutimos as dificuldades e tentativas de se estabelecer o papel feminino dentro da organização, sem a apropriação do "jeito" masculino para fundamentar suas atuações no grupo e no meio social. Em síntese, este trabalho busca novas perspectivas para se pensar as mulheres como personagens históricos como quaisquer outros, independentemente de comparações e juízos de valor construídos historicamente e reproduzidos de forma hierárquica como regras naturais.

Palavras-chave: Grupo Montoneros, Grupos Armados, Esquerda Argentina, Atuação das mulheres, Política.

RESUMEN

Esta disertación analiza la actuación de las mujeres en el grupo de izquierda argentino denominado Montoneros en el período de 1969 a 1980. El grupo surgió, aproximadamente, a fines de la década de 1960, a partir de la izquierda peronista. En ese sentido, pretendemos entender y discutir las relaciones entre las referidas mujeres y el grupo de forma amplia. Para eso, exploramos los espacios de actuación política de esas mujeres; los papeles desempeñados por ellas; las relaciones con los demás participantes del grupo y con la sociedad de modo general; finalmente, discutimos las dificultades y los intentos de establecer el papel femenino dentro de la organización sin la apropiación del modo masculino de fundamentar sus acciones en el grupo y el medio social. En síntesis, este trabajo busca nuevas perspectivas para pensar a las mujeres como personajes históricos como cualquier otro, independientemente de comparaciones y juicos de valor construidos históricamente y reproducidos de forma jerárquica como reglas naturales.

Palabras clave: Grupo Montoneros, Grupos armados, Izquierda Argentina, rendimiento de las mujeres, Política.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the performance of women in the left-wing group called Montoneros in the period between 1969 and 1980. The group emerged approximately in the late 1960s from the Peronist left. In this sense, we intend to comprehensively discuss and discuss the relationships between these women and the group. For this, we explore the political activity spaces of these women; the roles played by them; the relations with the other participants of the group and society in general; finally, we discuss the difficulties and attempts to establish the feminine role within the organization, without appropriating the masculine "way" to base its actions in the group and in the social environment. In summary, this work seeks new perspectives to think of women as historical characters like any others, independently of comparisons and value judgments historically constructed and reproduced hierarchically as natural rules.

Keywords: Montoneros Group, Armed Groups, Left Argentina, Women's action, Policy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 09

1 A REVOLUÇÃO CUBANA, O CONTEXTO ARGENTINO E A CONSTRUÇÃO DE IDEIAS PARA FORMAÇÃO DOS GRUPOS DA NOVA ESQUERDA NA ARGENTINA..... 14
1.1 As influências da Revolução Cubana na Argentina 14
1.2 A Argentina, o peronismo e a construção dos ideais da nova esquerda 20
1.2.1 O peronismo e as reinterpretações da nova esquerda 25
1.3 O antiperonismo e a resistência peronista 36
1.4 A etapa final do antiperonismo: os governos de Illia, Onganía e o fortalecimento de grupos de esquerda 41
1.5 As mulheres, a política e a sociedade argentina 45

2 ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO DO GRUPO MONTONEROS 58
2.1 Montoneros e o movimento Sacerdotes para o Terceiro Mundo 59
2.2 A formação inicial do grupo Montoneros, a Operação Pindapoy e o seu fortalecimento..... 65
2.3 A nova estruturação de Montoneros e o retorno de Perón à Argentina 81
2.4 Montoneros: a morte de Perón, a atuação da Tríplice A e a ditadura civil-militar de 1976..... 87

3 A DÉCADA DE 1970: INSERÇÃO E PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NOS GRUPOS ARMADOS E MONTONEROS 93
3.1 A importância da discussão de gênero para a escrita da história 94
3.2 Os reflexos sociais da atuação das mulheres nos grupos armados 101
3.3 A atuação das mulheres: os “papéis femininos” no grupo Montoneros 108
3.4 Os espaços masculinizados nos grupos da nova esquerda: lutas e adequações femininas para estabelecimento de espaço no grupo Montoneros 115
3.5 Conjunturas de participação e colaboração das mulheres no grupo Montoneros.. 121

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 131

REFERÊNCIAS..... 134

INTRODUÇÃO

O grupo guerrilheiro urbano denominado Montoneros, originário da esquerda peronista, foi considerado por muitos teóricos o grupo mais importante do período. A esquerda peronista, em linhas gerais, era composta por jovens inspirados na revolução, na luta contra o imperialismo e o fim do capitalismo.

Os Montoneros não eram diferentes: constituíam-se, em sua maioria, de jovens que tinham a pretensão de transformar a Argentina em um país socialista nacional. O grupo atuava em assaltos a bancos e sequestros, entre outras ações, com o objetivo de arrecadar dinheiro e armas para, segundo eles, serem usados na construção de uma nação livre, justa e soberana. No entanto, a formação do grupo não se explica apenas a partir de características restritas ao meio argentino. É importante ressaltar que a formação do grupo em fins de 1960 sofreu, além de influências específicas do contexto da Argentina, influxos externos que moldaram a sua identidade. Partindo desse princípio, podemos destacar como influência externa a urgência revolucionária trazida pela Revolução Cubana, principalmente no que se refere à luta armada.

A partir de consultas a materiais bibliográficos, pode-se perceber que nas décadas de 1960 e 1970 muitas mulheres jovens estavam envolvidas na luta política e em muitos dos grupos de esquerda existentes no momento, inclusive o Montoneros. Nessa perspectiva, a pesquisa foi desenvolvida analisando a atuação das mulheres no grupo Montoneros e problematizando os espaços masculinizados da política. Nesse contexto, levando em consideração a "condição feminina" estabelecida socialmente e os espaços masculinizados presentes na sociedade argentina no período de 1969 a 1980, perguntamos: quais foram as formas de atuação feminina no grupo Montoneros? Essa é a pergunta que norteia a nossa pesquisa. A partir dela, pensamos os demais questionamentos. Entre eles, podemos destacar: quais eram os papéis desempenhados pelas mulheres no grupo? Eram os mesmos desempenhados pelos homens? Como elas se adaptaram aos espaços masculinizados? Como funcionavam as relações entre elas e os demais integrantes do grupo? O rompimento com papéis sociais pré-estabelecidos para as mulheres causou impactos? Tentamos responder a todas essas perguntas ao longo da pesquisa.

Ademais, alguns problemas se apresentaram no seu desenrolar como, por exemplo, o fato de lidar com um sujeito histórico ocultado pela maior parte da historiografia. De acordo com Matos (2008), durante séculos, as mulheres estiveram excluídas das possibilidades de fazer ciência e contribuir para a produção de conhecimento científico e/ou filosófico. Em virtude

disso, e tendo em vista que a pesquisa se centrará na atuação das mulheres, a análise em torno da categoria de gênero é imprescindível, visto que nos possibilita visualizar as mulheres e suas atuações independentemente de construções estabelecidas e "naturalizadas" socialmente. Assim, segundo Joan Scott (1989, p. 21), o gênero é um "elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. [...] uma forma primeira de significar as relações de poder." Ainda segundo essa autora, o gênero nos abre possibilidades de decodificar sentidos e compreender relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Nessa perspectiva, entendemos o gênero como uma ferramenta útil para a análise histórica na medida em que tem o papel de incluir sujeitos e contribuir para uma compreensão mais ampliada dos processos e fenômenos sociais. (PASQUALI, 2008). A ocultação de sujeitos não adiciona nenhuma vantagem à escrita da história, apenas nos aproxima de modelos de dominação e opressão social das classes dominantes. (RAGO, 2012).

O recorte cronológico da referida pesquisa - 1969 a 1980 - se baseia no período de formação e atuação do grupo até sua dissolução. No entanto, algumas questões do período anterior também são salientadas, pois são imprescindíveis para o entendimento da formação e atuação do grupo no momento posterior.

Para atingir os objetivos propostos e responder alguns dos problemas colocados pela pesquisa, usamos diferentes ferramentas metodológicas. Nesse sentido, além da pesquisa bibliográfica, seguida da leitura e análise da vasta bibliografia sobre o assunto, recorremos a algumas fontes que nos possibilitaram realizar uma aproximação das ideias, desafios e problemas enfrentados por Montoneros. Um conjunto especial desses documentos são cinco revistas, sobre as quais passamos a situar suas origens. A revista **La Libertación**, da esquerda argentina, tinha periodicidade trimestral, circulou entre 1963 e 1964 e foi dirigida por José D. Speroni. Participavam dela Milcíades Peña, Ricardo Piglia, Luis Franco e José Sazbón. Teve apenas três números, uma vez que Milcíades Peña e sua equipe se envolveram em outro projeto editorial. A revista **Militancia Peronista para la Libertación**, publicação do peronismo de esquerda, foi dirigida por Ortega Peña e Eduardo Duhalde, entre 1973 e 1974. Teve um total de 38 números. A revista **Cristianismo y Revolución**, publicada pela esquerda católica argentina em setembro de 1966, foi um dos meios de expressão do Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo e serviu de inspiração para agrupamentos políticos que estavam se consolidando como organizações armadas na década de 1970. Foi dirigida pelo ex-seminarista Juan García Elorrio e era composta por Jorge Luis Bernetti, secretário de redação, e pelos colunistas Eduardo Galeano, John William Cooke, Raimundo Ongaro, Rubén Dri, Miguel

Ramondetti, entre outros. Foram produzidos trinta números. A revista **El Descamisado**, publicada entre 1973 e 1974, foi dirigida inicialmente pelos militantes Dardo Cabo e Ricardo Grassi. Sua edição era semanal e teve um total de 47 números. Surgiu como meio de difusão do Montoneros e da Juventude Peronista, tendo sido um material de leitura e discussão política de toda a militância. Por fim, a revista **La Causa Peronista**, publicada a partir de 1974, foi derivada da revista **El Descamisado**, que mudou de nome em virtude da censura. Foi dirigida por Rodolfo Galimberti e teve nove números publicados. Todas essas revistas se encontram disponíveis na página *on-line* Ruinas Digitales.

Os demais documentos, incluindo comunicados do Montoneros, discursos e outros, foram acessados nas páginas El Ortiba, El Historiador e CEDEMA (Centro de Documentación de los Movimientos Armados).

Retomando o problema colocado no início desta introdução, acerca da ocultação por boa parte da historiografia das atuações políticas das mulheres, foi necessária, além da análise dos referidos documentos e da bibliografia, a utilização de relatos de militantes de grupos armados e do Montoneros. Os referidos relatos nos abrem possibilidades de entender de forma mais aprofundada a atuação das mulheres, que, em virtude dos problemas de cunho machista, não aparecem em tantos documentos como os homens. Dessa forma, tornaram-se ferramentas indispensáveis para a referida pesquisa. Os relatos aqui apresentados são: **Mujeres guerrilleras**, de Marta Diana; **La Montonera**, biografia de Norma Arrostito por Gabriela Saidón; **Mujeres montoneras**, de Karin Grammático; "Relatos de militancia femenina en los años 70, cuando todo pareció a punto de cambiar", da **Revista Testimonios**, de Patricia Graciela Sepúlveda; "La participación de las mujeres en la lucha armada. Córdoba, Argentina, 1970-1973", de Ana Noguera; **Memória de mulheres**, o volume 5 de Cuadernos de la memória, organizado por María Rosa Gómez para o Instituto Espacio para la Memoria; **Historia, género y política en los '70**, organizado por Nora Domínguez, Andrea Andújar e MaríaInés Rodríguez.

No entanto, ao trabalharmos com tais ferramentas, questões referentes à memória se apresentam. Nas palavras de Pierre Nora (1993), “a memória é um fenômeno sempre atual, vivido no eterno presente”. A história, por sua vez, “[...] é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993, p. 9). Nessa lógica, faz-se necessário termos em mente que a reconstrução da história, por mais comprometida que seja, é sempre problemática, uma vez que trabalhamos com relatos que são influenciados pelo presente, o tempo de narração. Nesse sentido, afirma Sarlo (2005, p. 25): “A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer, mas de sua lembrança. A

narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar.” Ademais, torna-se importante salientar que a memória humana é fragmentada e maleável. Dessa forma, devemos tomar os depoimentos com crítica e questioná-los. Como nos lembra Le Goff (1990, p. 428), “[...] a memória humana é particularmente instável e maleável, enquanto a memória de máquinas se impõe pela sua grande estabilidade [...]”.

As renovações sofridas pela história política a partir de meados da década de 1970, a partir de quando historiadores como René Rémond, Le Goff e outros, incorporaram novas ideias e incluíram novos conceitos à política, rompendo com a limitação do político ao fato. Além disso, propiciaram a utilização de conceitos como cultura política (NÉSPOLI, 2015), que contribuiu no sentido de ampliar ideias e inserir novos sujeitos na atuação política. Desse modo, para René Rémond (2003), a política integra todos os atores, até mesmo os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista. Rémond (2003, p. 44) afirma ainda que “Praticamente não há setor ou atividade que em algum momento da história não tenha tido uma relação com o político”. Em contrapartida, outros autores que também trabalham com o conceito, como é o caso de Serge Berstein, preferem enfatizar o fato de que existe uma “pluralidade de culturas políticas” ao invés de procurar uma única que responda a todos os anseios sociais (NÉSPOLI, 2015). Assim, para Berstein (1998, p. 354), “É evidente que no interior de uma nação existe uma pluralidade de culturas políticas, com zonas de abrangência que correspondem à área dos valores partilhados.” É nessa perspectiva que situamos nossa pesquisa, partindo da inclusão de sujeitos até então ocultados e do princípio de que as culturas políticas são determinantes para as ações dos indivíduos e para o estabelecimento das normas sociais. Desse modo, entendemos, mais uma vez, a validade da discussão de gênero no sentido de atribuir características estabelecidas a homens e mulheres pelas construções sociais cristalizadas ao longo do tempo.

Finalmente, para responder às perguntas colocadas e atender aos objetivos propostos, organizamos a presente dissertação em três capítulos. No primeiro, abordamos o contexto político da época e os elementos que influenciaram e propiciaram a formação do grupo Montoneros com a sua configuração específica. Abordamos também, simultaneamente ao contexto político, algumas das atuações femininas na Argentina.

No segundo, apresentamos o grupo Montoneros, suas origens, suas formas de organização e atuações, sem perder de vista o contexto social do período com suas diversas influências nas ações do referido grupo.

Por fim, no último capítulo, apresentamos as atuações femininas no grupo, simultaneamente aos impactos de uma sociedade ligada a questões de cunho machista. Para finalizar, mostramos as diferentes formas de participação e colaboração das mulheres, enfatizando as diferenças de gênero e suas relações com as limitações da atuação feminina no grupo.

1 A REVOLUÇÃO CUBANA, O CONTEXTO ARGENTINO E A CONSTRUÇÃO DE IDEIAS PARA A FORMAÇÃO DOS GRUPOS DA NOVA ESQUERDA NA ARGENTINA

Este capítulo discute os principais temas e suas ligações contextuais no período posterior a 1955. Entretanto, concomitantemente a esses elementos, são discutidos aspectos que extrapolam o cenário argentino propriamente dito, mas imprescindíveis à compreensão do objeto em estudo. Estamos nos referindo, por exemplo, a aspectos de alcance continental, como é o caso da Revolução Cubana e das intervenções dos Estados Unidos, que afetaram diretamente os arranjos específicos dos países latino-americanos, incluindo a Argentina.

Este capítulo apresenta cinco seções. Na primeira, discutimos as influências da Revolução Cubana para a formação de grupos armados argentinos. Na segunda, abordamos as especificidades do espaço argentino e os principais aspectos que contribuíram para a formação dos grupos da nova esquerda. Na terceira, retratamos o contexto político, apresentando as formas de resistência social. Na seção seguinte, abordamos o fortalecimento dos grupos de esquerda simultaneamente às influências políticas do período. Por fim, na última seção, mostramos a presença e a atuação política das mulheres na sociedade argentina.

1.1 As influências da Revolução Cubana na Argentina

A Revolução Cubana ocorreu em 1959, em reação à ditadura de Fulgêncio Batista (1901-1973). O governo de Batista representava todas as formas de exploração social, tendo sido alicerçado pelo imperialismo dos Estados Unidos, que estimulava a corrupção e a desigualdade social. Segundo Reis (2011), Cuba vivia sob forte dependência política e econômica dos Estados Unidos. Economicamente, foi montada uma estrutura rigorosamente voltada para o mercado estadunidense. São exemplos dessa dependência econômica, as grandes empresas de proprietários americanos, muitas delas com o monopólio da produção açucareira, principal produto de exportação vendido para o mercado norte-americano praticamente com exclusividade e a preços vantajosos e preferenciais. A dominação estadunidense estava presente ainda na propriedade dos cassinos, dos inúmeros hotéis, das grandes fábricas de automóveis. Além disso, havia a venda de terras e de imóveis a preços acessíveis.

Ainda segundo Reis (2011), toda essa estrutura montada em Cuba era destinada, principalmente, às redes de turismo organizadas pelos Estados Unidos - parte irrisória da população cubana usufruía de tal estrutura. Toda essa conjuntura concentrava as formas de

exploração e o acirramento das desigualdades sociais desenvolvidas pelos Estados Unidos e pelo ditador Fulgêncio Batista.

A partir desse contexto, pode-se pensar as bases que deram sustentação à oposição ditatorial, que logo culminou na Revolução Cubana. Para Reis (2011), o grupo revolucionário inicial, com liderança de Fidel Castro, Raul Castro e Che Guevara, tinha como princípios básicos o fim do imperialismo, a liberdade e a autonomia da nação. O grupo era constituído por muitos jovens e pessoas diretamente afetados pela situação precária em que se encontrava o país. Dessa forma, o grupo revolucionário era caracterizado por uma grande heterogeneidade (classe trabalhadora, jovens estudantes, homens do campo, entre outros). Reis retrata o grupo de oposição à ditadura de Fulgêncio Batista da seguinte maneira:

> Dela participavam, sob a liderança do Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR-26) e da pessoa de Fidel Castro, afirmadas sobretudo a partir de 1957, os estudantes da Universidade de La Habana - agrupados majoritariamente em torno do Diretório Revolucionário dos Estudantes (DRE) e da Federação dos Estudantes Universitários (FEU), os liberais de Prio Socarrás, os remanescentes filiados ao Partido Ortodoxo, democratas de todos os bordos, os comunistas do Partido Socialista Popular/PSP e até mesmo quadros civis e oficiais das Forças Armadas vinculados ao regime, mas insatisfeitos com os desmandos da ditadura. (REIS, 2011, p. 365).

Os princípios básicos do grupo revolucionário moviam-no a lutar e chegar às últimas consequências para salvar a nação cubana do imperialismo dos Estados Unidos. No entanto, o grupo revolucionário não pensava apenas na independência econômica de Cuba, mas no restabelecimento da dignidade, da liberdade e no fim das injustiças sociais em que vivia o povo cubano. De acordo com Reis (2011, p. 366), “Não se tratava apenas de conseguir a emancipação econômica, mas de recuperar a dignidade, a cubanidad, o orgulho de pertencer a uma sociedade livre para escolher seus destinos.”

Levando em consideração esse contexto de ditadura e de grande influência exercida pelos Estados Unidos em Cuba, os revolucionários viram na luta armada e na guerra de guerrilhas os únicos caminhos possíveis para se fazer a revolução e alcançar o poder. Assim, os líderes revolucionários acreditavam que a revolução deveria contar com diferentes focos guerrilheiros, não apenas com a construção de um único exército centralizado. (REIS, 2011). Essas ideias, por sua vez, eram inspiradas nas próprias observações e práticas desses líderes em outros movimentos e também no contexto cubano, que deveria ser lido e adequado às próprias necessidades daquele momento[1].

---

[1] Experiências vivenciadas por Che Guevara na Guatemala, com a derrubada de Jacob Arbenz, e ainda o fracasso do M-26/07 em Cuba, que os irmãos Castro lideraram, serviram de aprendizado para eles (Guevara, Fidel e Raul

A referida revolução foi considerada por Luis Fernando Ayerbe (2004) e Luiz Alberto Muniz Bandeira (2009) como o acontecimento político mais importante da segunda metade do século XX, não só para a nação cubana, mas para toda a América Latina. O momento vivido em toda a América Latina não era muito diferente daquele de Cuba, uma vez que, nesse período (década de 1950 até 70), se estabelece uma forte competição internacional por mercados. Os países da América Latina, por conseguinte, haviam construído mercados nacionalistas e, a partir de então, começam a sofrer pressões para a abertura de mercado, prejudicando a continuidade do desenvolvimento nacional e ficando, assim, cada vez mais dependente do mercado internacional. (AYERBE, 2004). Essa situação vai ao encontro do contexto cubano, uma vez que seu mercado, como vimos anteriormente, está totalmente influenciado pelo sistema internacional.

Dessa forma, a Revolução Cubana de 1959 se torna uma referência de luta para toda a América Latina, um exemplo de rompimento com o imperialismo e o estabelecimento da liberdade nacional. Para usar as palavras de Bandeira (2009), havia a expectativa de *exportação da revolução* para toda a América Latina. Segundo esse autor, as articulações de exportação da revolução se deram no primeiro ano desse acontecimento, quando Fidel e o grupo que o cercava acreditavam que o caminho mais adequado para a América Latina seria aquele escolhido por Cuba, ou seja, a revolução. Entretanto, para o historiador Ricardo Antônio Mendes (2009), mais importante que a "vontade" ou "pretensão" de Castro e seu grupo de propagar a revolução foi a percepção, por parte de setores de esquerda do próprio continente, de que a revolução seria necessária. Ricardo Mendes afirma:

> Entendo que mais importante do que a vontade do governo cubano de estimular a transformação e a revolução foi a percepção que se observa presente dentre diversos setores reformistas e socialistas do subcontinente – de que este seria um exemplo a ser seguido –, que deve ser considerada. E é nesse sentido, no plano das percepções e das recepções, que está sua importância. (MENDES, 2009, p. 23).

Castro). Essas experiências influenciaram diretamente na escolha da via armada de guerrilhas, principalmente a rural, e, mais tarde, na Revolução Cubana, a referida via de guerrilhas que os levariam ao poder. (REIS, 2011). A respeito da Guatemala, afirma Bandeira: "A derrubada de Jacob Arbenz marcou profundamente a formação revolucionária de Che. Como ele próprio reconheceu, 'la experiencia de Guatemala (dejando de lado la médica) fue amplíssima' e lhe ensinara 'toda la falácia de que es capaz elyanqui y su maravillosa maquinaria de propaganda'. Naturalmente, ele tirou as lições e tratou de não repetir os erros em Cuba. O Exército regular desintegrara-se, como na Bolívia em 1952 [...]." (BANDEIRA, 2009, p. 192). No que se refere ao M-26/07, segundo Luis Fernando Ayerbe (2004), foi a primeira ação revolucionária planejada por Fidel Castro, que reuniu um grupo de jovens para assaltar os quartéis de Moncada e Bayamo (um dos principais arsenais de armas do Exército cubano) com o objetivo de convocar uma greve geral e assim desencadear um processo insurrecional contra o regime. Entretanto, uma patrulha do Exército os surpreendeu e a ação não obteve sucesso. As principais lideranças do movimento foram encarceradas, entre eles, Fidel e Raul Castro.

Nesse sentido, a ideia de Revolução estaria na ordem do dia, não apenas pelo acontecido em Cuba, mas pelo próprio contexto vivenciado na América Latina.

Outra proposta importante, no que tange à revolução, diz respeito à luta armada, apropriada também por boa parte da América Latina. A explicação para isso não se concentra apenas na *exportação* dessa via por parte de Cuba, mas pelo próprio contexto da América Latina. A via democrática se encontrava totalmente desgastada[2] e, além disso, se desenvolvia uma perspectiva mundial voltada para o uso da violência, aspecto que será discutido à frente. Como destaca Ayerbe,

> Nas décadas de 1960 e 1970, a situação política latino-americana passa por uma grande deterioração em relação ao período anterior, aguçando a percepção da inviabilidade das reformas pacíficas. Com exceção da experiência cubana, todas as tentativas de transformação que buscaram caminhos de desenvolvimento alternativos à ordem dominante são interrompidas por ações de força. (AYERBE, 2004, p. 109).

Desse modo, faz-se necessário entendermos que, embora a Revolução Cubana tenha significado um importante referencial de questionamento em relação à lógica capitalista, essa não foi a única herança da América Latina em relação à revolução. A via armada, como meio de se chegar ao poder, também deve ser levada em consideração como referencial, mesmo que tenha sido adequada às especificidades[3] e necessidades de cada país. Uma das estratégias de exportação da via armada foi a criação da OLAS. Como aponta Ayerbe,

> A criação da Organização Latino-Americana de Solidariedade (Olas), que realiza seu primeiro e único congresso em agosto de 1967, em Havana, definindo como objetivos a coordenação dos esforços revolucionários na região, dando apoio logístico, especialmente no que refere a treinamento militar e cobertura de inteligência. No contexto dessa política, o governo cubano fornece apoio a diversas organizações armadas sul-americanas, destacando-se o Movimento Peronista Montonero, da Argentina, o Movimento de Libertação Nacional Tupamaros, do Uruguai, a

---

[2] Esse desgaste democrático ocorreu em vários países da América Latina, e, na maior parte dos embates, os Estados Unidos estavam presentes, sempre agindo contra o desenvolvimento das esquerdas e enraizando cada vez mais o imperialismo. Segundo Ayerbe (2004), o peronismo na Argentina, vítima desde o início do boicote dos Estados Unidos, na primeira metade dos anos 50, já evidenciava o esgotamento das reformas de cunho distributivista, com uma oposição interna crescente que levaria ao desfecho do golpe militar de setembro de 1955.

[3] Na Argentina, o grupo Montoneros, por exemplo, adota a guerrilha urbana como meio de alcançar seus objetivos, diferente da ideia cubana de "foquismo". Mas a ideia de guerrilha e luta armada é proveniente de Cuba. Muitos argentinos inseridos em grupos como esses recebiam, além das influências ideológicas, treinamento militar em Cuba. Sobre o assunto, afirma o argentino Adamovsky (2012, p. 254): "El próprio John W. Cooke viajó a ese país en 1960 y llegó a la conclusión de que el combate contra el imperialismo requería la adopción de una postura más claramente anticapitalista [...] Cooke terminaría apoyando la guerra de guerrillas como forma de lucha y el 'socialismo nacional' como horizonte". Sobre a adoção da guerrilha urbana por montoneros, o mesmo autor afirma: "Montoneros comenzó con unos pocos miembros, pero pronto experimentó un crecimiento explosivo. Convencidos de que en Argentina 'el foquismo' no funcionaría, fueron una guerrilla totalmente urbana." (ADAMOVSKY, 2012, p. 260).

> Vanguarda Popular Revolucionária, o Movimento Revolucionário Oito de Outubro e a Aliança Libertadora Nacional do Brasil. (AYERBE, 2004, p. 72).

Assim, devemos entender a Revolução Cubana como um movimento complexo, que propiciou distintas influências para todo o continente americano, e não apenas nos atermos às implicações e inflexões de Cuba com o mercado capitalista dos Estados Unidos. Em outras palavras, não devemos nos limitar apenas a um resultado final norteado pela revolução.

As diversas influências trazidas pela Revolução e também o contexto da América Latina propriamente dito interferiram diretamente na formação e radicalização de novos grupos de esquerda, inspirados na luta armada. (AYERBE, 2004). Nesse sentido, para Ayerbe, a hipótese de que esses grupos surgiram contra as ditaduras civil-militares cai por terra na medida em que as próprias ditaduras, com apoio norte-americano, são estratégicas para aniquilar as esquerdas revolucionárias, que, de alguma forma, preocupavam os Estados Unidos. Sobre o assunto, afirma Ayerbe,

> O exemplo da revolução cubana inspirará um processo de radicalização à esquerda, que será a resposta a um outro processo de radicalização empreendido por setores conservadores da região e pelo governo dos Estados Unidos. Instaura-se um período de guerra entre posições antagônicas, cujo desfecho, conforme analisamos, será a derrota pela violência de todas as tentativas de mudança progressista implementadas durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, com exceção de Cuba. (AYERBE, 2004, p. 112).

O autor ainda acrescenta que:

> Animados pela Revolução Cubana, tomada como exemplo de sucesso em termos de estratégia política centrada na luta armada, amplos setores da esquerda latino-americana tomaram como caminho essa última opção. Entre outras coisas, Cuba demonstrava de forma inequívoca que um pequeno grupo de guerrilheiros de firmes convicções poderia derrotar as forças repressivas de um governo antipopular, que a conquista do poder estatal desencadearia um dinâmico processo de transição socialista, com a rápida "expropriação dos expropriadores", e que, mesmo com a oposição e o boicote sistemático do governo da nação mais poderosa da Terra, a revolução se consolidaria com base em seu fortalecimento interno e na solidariedade das forças progressistas do mundo e dos países socialistas. (AYERBE, 2004, p. 112).

Por conseguinte, surgem novos grupos de esquerda radicalizados em virtude do contexto compartilhado em toda a América Latina (imperialismo/surgimento de propostas de cunho nacionalista) e também devido ao grande impulso que a Revolução Cubana proporcionou. Outra hipótese ligada à radicalização e ao fortalecimento dessas novas esquerdas diz respeito às influências da União Soviética. É importante ressaltar que as ligações entre Cuba e União Soviética foram posteriores à Revolução Cubana. Desse modo, é incoerente dizermos

que a União Soviética foi a grande responsável pela Revolução Cubana, na conjuntura de expansão do socialismo no continente americano. (AYERBE, 2004). A Revolução Cubana foi possível por vários fatores ligados diretamente a situação interna do país. Alguns desses aspectos foram explicitados acima. Além disso, todas as circunstâncias da América, e principalmente a atuação dos Estados Unidos no continente, nos fazem pensar que as interferências da União Soviética não podem ser consideradas como único meio possível para que se deflagrasse tal revolução.

De acordo com Araújo (2008), outro tema que diz respeito à radicalização das esquerdas corresponde às dissidências contidas no interior da própria esquerda latino-americana e aos desgastes do jogo parlamentar. Para a autora,

> [...] a valorização da violência como forma de ação política fazia parte de um processo mais amplo e complexo, no interior da esquerda, de questionamento das práticas políticas tradicionais dos partidos comunistas e socialistas e do próprio jogo político parlamentar. Na Europa, nos EUA e na América Latina, formavam-se grupos e organizações de esquerda críticos e dissidentes dos partidos comunistas e socialistas, formados sobretudo por jovens, empenhados na construção de uma nova esquerda, com novos valores e novas práticas. Essas novas práticas e valores calcavam-se na valorização da ação direta sem intermediários, do pragmatismo, do confronto – elementos que pareciam contrapor-se às rígidas estruturas hierárquicas e burocráticas não só dos partidos políticos (inclusive dos comunistas e socialistas), mas também dos grandes sindicatos, todos eles domesticados e esvaziados pelo jogo parlamentar. (ARAÚJO, 2008, p. 255).

Com o advento da luta armada, as esquerdas começam a litigar na medida em que a "esquerda tradicional" (com ideias voltadas para o socialismo da União Soviética e outras correntes) não simpatiza e não concorda com a luta armada como meio de se chegar aos objetivos políticos. Sobre as dissidências no interior das esquerdas latino-americanas, pode-se notar que Ayerbe concorda com Araújo,

> A opção pela violência revolucionária não era consensual na esquerda latino-americana. Entre os críticos, destacam-se os partidos comunistas vinculados à União Soviética, que viam a experiência de Cuba como expressão de uma realidade nacional específica. Da mesma forma, no caso da luta do povo vietnamita, consideravam que a intervenção norte-americana não deixava alternativa fora da resistência armada. (AYERBE, 2004, p. 17).

Na Argentina, inclusive, alguns membros da esquerda tradicional, ligados às ideias da União Soviética, eram contra as políticas peronistas e os grupos de esquerda peronista que se fundamentavam na luta armada. Segundo Etulain,

> Os comunistas argentinos, em sua maioria, seguiram a cartilha de Moscou, aderiram ao princípio de luta de classe contra classe [...] O impacto do peronismo no quadro da esquerda argentina, se manifesta na insólita configuração político-partidária das eleições de 1946, em que Perón sagrou-se vencedor. Os comunistas se associaram com a oligarquia rural, inimiga de Perón [...] Para comunistas e socialistas, o peronismo não tinha nada de esquerda. Era apenas uma forma de populismo que tinha se dado bem, devido à falta de preparação política e ideológica das massas. (ETULAIN, 2001, p. 20).

Por último, é importante enfatizar que, além das influências trazidas pela Revolução Cubana no que tange à luta armada, uma perspectiva mundial, voltada para o uso da violência como meio de ação política, também estava na ordem do dia nas décadas de 1960 e 1970[4]. Para Araújo,

> Durante os anos 1960 e 1970, as experiências de luta armada se espalharam não apenas pelos países da América Latina, mas em todo o mundo, inclusive na Europa – na Espanha franquista, na Itália, na Alemanha. Nesses países, organizações de extrema esquerda constituíam grupos armados, convencidas de que a violência revolucionária era a opção política mais justa e mais eficaz. (ARAÚJO, 2008, p. 249).

Em consonância com Araújo (2008), podemos afirmar que não só a América Latina vivia uma radicalização das ações das esquerdas, mas boa parte do mundo compartilhava das ideias de que a violência era uma alternativa válida e necessária diante da deterioração das vias pacíficas e democráticas[5]. Partindo desse princípio, não podemos limitar a *exportação* da luta armada apenas a Cuba, mesmo considerando o peso e o impacto das implicações de uma revolução que ocorreu dentro do continente americano e sua abrangência em todo o território.

1.2 A Argentina, o peronismo e a construção dos ideais da nova esquerda

Na Argentina, as ideias de revolução, de violência justa, de guerrilhas urbanas e rurais, de transformação política, bem como o anti-imperialismo foram de fundamental importância para a formação dos novos grupos de esquerda radicalizados. (ADAMOVSKY,

---

[4] A partir de um fragmento da revista *La Libertación*, produzida na Argentina por intelectuais de esquerda nos anos de 1963 e 1964, podemos perceber um pouco os reflexos da boa receptividade da Revolução Cubana na Argentina na afirmação de Milcíades Peña. “Desde o surgimiento de la Revolución Cubana, muchas han sido las voces de aplauso que han surgido en nuestro pais en su apoyo”. Cf. *La Libertación*. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/revista-de-la-liberacion/16-tesis-sobre-cuba>. Acesso em: 15 jan. 2016.

[5] "A guerra do Vietnã também trouxe influências no que diz respeito à luta armada. Para os vietnamitas, era a única saída para vencer a expansão e violência do imperialismo. Dessa forma, para vencer o imperialismo, a violência era justa na visão deles." (ARAÚJO, 2008, p. 253).

2012). Além disso, o cenário argentino descrito por Adamovsky (2012) como de desigualdade social, exploração nacional por parte das empresas internacionais e injustiças sociais, sofridas principalmente pelos setores pauperizados, também contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento de tais grupos. Os jovens que formavam a nova esquerda acreditavam que a única saída para a Argentina seria através da luta armada. (ARAÚJO, 2008).

A partir dos anos 1960, muitos foram os grupos radicalizados de esquerda que se formaram, vários deles provenientes do peronismo, mais especificamente da esquerda peronista[6]. Entre esses grupos estavam Montoneros, Juventude Peronista (JP), Forças Armadas Peronistas (FAP), Forças Armadas Revolucionárias (FAR) e outros. No entanto, como afirma Adamovsky (2012), é nos fins da década de 1960 que a formação desses grupos se intensifica. Segundo o autor, "As coisas, no entanto, mudaram rapidamente a partir do fim dos anos sessenta, sobretudo devido ao impacto do *Cordobazo*." (ADAMOVSKY, 2012, p. 259, tradução nossa).[7] Assim, de acordo com Adamovsky, nos fins da década de 1960 havia se formado mais de quinze organizações guerrilheiras que propunham como método a luta armada.

Sobre a experiência e escolha pela opção da luta armada como melhor método de luta no momento, explica Araújo,

> No caso da Argentina, a experiência da luta armada foi, digamos assim, "entre dois golpes" – posterior à ditadura de Onganía, mas anterior ao golpe de 1976. Mas, sem dúvida, a instauração de regimes militares arbitrários, violentos e repressivos fez recrudescer a opção pela luta armada e pela guerrilha na região latino-americana. (ARAÚJO, 2008, p. 252).

Com o golpe de estado conhecido como "Revolução Libertadora" (nome dado pelos próprios militares envolvidos), em setembro de 1955, Perón foi exilado, seu Partido Justicialista foi proscrito, além de seus principais líderes sindicais perderem os cargos e serem presos. A partir desse momento, começa na Argentina um período de grande repressão por parte dos militares envolvidos na "Revolução Libertadora". Esses militares tinham a pretensão de acabar com tudo o que ainda restava do peronismo, utilizando inclusive da repressão, para dar conta

---

[6] O peronismo englobava uma direita e uma esquerda com diferentes ideais. A direita peronista era constituída pela corrente sindical-burocrata e por grupos empresariais que se beneficiavam com a política protecionista e antiliberal estabelecida pelos governos de Perón (1946-1955, 1973-1974). Além desses, a direita era constituída também por organizações paramilitares que incitavam o terror em nome de uma bandeira peronista. Já a esquerda peronista era composta, em sua maioria, por jovens que acreditavam que a luta dos trabalhadores seria o alicerce principal para a luta - inspirada na revolução e não na democracia - contra o imperialismo e o fim do capitalismo. Era caracterizada como um grupo que se sustentava na figura de Perón, mesmo que esse não compartilhasse da sua posição ideológica. Dessa maneira, a esquerda utilizava-se dos discursos peronistas a fim de alcançar o apoio das classes trabalhadoras para se legitimarem enquanto movimento social ou partidário. (ROCHA, 2011).

[7] Las cosas, sin embargo, cambiaron rápidamente a partir de fines de los sesenta, sobre todo gracias al impacto del Cordobazo.

disso. Para Gené a "(...) A Revolução Libertadora arrasou os símbolos e imagens do peronismo, tentando apagar da memória coletiva todo vestígio que evocasse a tirania deposta". Assim, para ela a missão da referida revolução "(...) exigia "executar as efígies" como um exorcismo liberador de seu potencial efeito taumatúrgico." (GENÉ, 2005, p. 1, tradução nossa).[8]

Nesse sentido, uma das ações mais extremadas do período foi a ordem de fuzilamento de 27 peronistas e a expatriação dos restos mortais de Eva Duarte Perón. Esses acontecimentos ocorreram no governo de Pedro Eugenio Aramburu (1955-1958). (ETULAIN, 2001). Tais ações interferiram intensamente na formação de grupos radicais de esquerda, provenientes da esquerda peronista.

Em virtude de todo esse cenário repressivo e das influências externas a que nos referimos anteriormente, a luta armada foi eleita como a via possível para trazer justiça, dignidade e autonomia para o povo argentino. (ADAMOVSKY, 2012; ARAÚJO, 2008).

Um outro tema peculiar à conjuntura política da Argentina se refere ao peronismo como base de formação de muitos dos grupos radicalizados de esquerda. A inserção dos trabalhadores nesses grupos era muito exígua e, além disso, só era comum sua aparição em grupos cuja base fosse ligada ao peronismo. De acordo com Adamovsky,

> Entre as novas organizações que participaram deste giro à esquerda só algumas conseguiram certa fixação nas classes populares, sempre precária. As que mais sucessos obtiveram neste sentido foram, naturalmente, as que se identificaram com o peronismo, formando o conglomerado que rapidamente se conheceria como a "esquerda peronista". (ADAMOVSKY, 2012, p. 255, tradução nossa).[9]

Para compreendermos toda essa dinâmica de influências, sobretudo as influências internas (cenário social e político da Argentina), que se apresentam na formação da nova esquerda argentina, faz-se necessário entendermos o que foi a "cultura política"[10] peronista e, principalmente, por que essa esquerda radicalizada se desenvolveu sobre suas bases.

Para entendermos alguns aspectos do peronismo devemos pensar, inicialmente, em questões que dizem respeito a consentimento e legitimação. Ou seja, o peronismo se desenvolve

---

[8] Revolución Libertadora arrasó con los símbolos e imágenes del peronismo, intentando borrar de la memoria colectiva todo vestigio que evocara la tiranía depuesta". Assim, para ela, a missão da referida revolução "(...) exigía 'ejecutar las efigies' como un exorcismo liberador de su potencial efecto taumatúrgico."

[9] Entre las nuevas organizaciones que participaron de este giro a la izquierda sólo unas lograron cierto arraigo entre las clases populares, siempre precario. Las que más logros obtuvieron en este sentido fueron, naturalmente, las que se identificaron con el peronismo, formando el conglomerado que pronto se conocería como la "izquierda peronista".

[10] O conceito de cultura política a que me refiro não é baseado em fatos limitados e na dimensão do tempo curto, mas em fenômenos complexos e duradouros que são sempre estabelecidos através de resquícios históricos anteriores que se fazem presentes e se transformam lentamente com o passar do tempo. Cf. Berstein (1998), Dutra (2002).

nas bases legitimadoras das classes populares. Para Maria Helena Capelato (1998), o peronismo se valeu de símbolos e imagens na luta pela manutenção do poder, com o objetivo de alcançar legitimidade e consentimento das massas. Assim, uma série de símbolos representava diversas mensagens sociais que tinham por objetivo conquistar o apoio do povo. Logo, também compartilhando da perspectiva de Capelato, de que o peronismo se valeu de símbolos e imagens para alcançar legitimidade, Gené afirma:

> (...) o peronismo montou um aparelho propagandístico sem precedentes na Argentina, um sistema de reprodução de determinadas imagens que, por seu alcance e magnitude, funcionaram como o suporte fundamental de um regime cuja legitimidade inicialmente devia ser construída e posteriormente mantida ou reafirmada (GENÉ, 2005, p. 59, tradução nossa).[11]

Ademais, os símbolos serviam também, de acordo com Capelato, para demarcar claramente os inimigos e amigos do regime. Assim, "[...] por um jogo de identificações [, o peronismo] encadeia a sorte dos amigos do líder e, ao mesmo tempo, catalisa a violência, permitindo descarregá-la sobre os inimigos 'bodes expiatórios' do momento." (CAPELATO, 1998, p. 52). Dessa forma, o peronismo conquistava os "amigos" conseguindo assim sua legitimação e, ao mesmo tempo, tinha respaldo para manter o controle sobre os "inimigos" através da violência. Muitas vezes, os inimigos eram assim considerados apenas por não concordarem e não seguirem os princípios impostos pelo regime.

O peronismo também buscava legitimidade através de eventos relacionados à nacionalidade argentina, utilizando muitas vezes dos espaços públicos como símbolos para garantia e manutenção da legitimidade peronista. De acordo com Capelato (1998), em 1810 o povo exigira a independência da metrópole e em 1945 exigia a independência das potências estrangeiras e de seus sócios, as oligarquias nacionais. Assim, Perón era identificado com San Martin, e os libertadores se encontravam, através do culto da história, na Praça de Maio, que se converteu no centro simbólico do peronismo, garantindo a ideia de continuidade. O epíteto "Perón, pai e amigo do trabalhador" também está relacionado às questões de legitimidade, uma vez que deixam implícitas, ao mesmo tempo, a autoridade e a proximidade do pai em relação ao povo. (CAPELATO, 1998). Nesse sentido, várias mensagens são transmitidas implicitamente à sociedade, que as legitima das mais diversas formas. Desse modo, o peronismo, a partir das distintas trocas estabelecidas entre Perón e o povo, vai se desenvolvendo

[11] (...) el peronismo montó un aparato propagandístico sin precedentes en la Argentina, un sistema de reproducción de determinadas imágenes que, por su alcance y por su magnitud, funcionaron como el soporte fundamental de un régimen cuya legitimidad inicialmente debía ser construida y posteriormente sostenida o reafirmada.

e se consolidando. Para Gené, “Um mundo feliz. As milhares de imagens de harmonia, justiça e bem estar espalhadas pela cidade queriam servir de testemunha da nova realidade dos trabalhadores na Argentina de Evita e de Perón." (GENÉ, 2005, p. 58, tradução nossa).[12]

Um outro aspecto importante, também compreendido na lógica peronista, é a construção da figura do líder, que se sobrepõe à figura do Estado. Sobre o assunto afirma Capelato:

> No regime peronista não se observa a elevação do Estado a sujeito principal da história. A própria figura do líder Perón sobrepõe-se à do Estado; o elemento popular representa o sustentáculo do regime, sua base de apoio contra as oposições das elites políticas e intelectuais que manifestavam desprezo pelo peronismo, identificado como nazi-fascista ou totalitário. (CAPELATO, 1998, p. 139).

Mais uma vez podemos observar as bases do peronismo estabelecidas através do apoio popular. A ideia da figura do líder também é uma forma de busca de legitimação do regime, principalmente quando pensamos na interpretação “divulgada” para a população, ou seja, a figura do líder representa sua aproximação em relação ao povo, sua imagem sem qualquer intermediário. Essa interpretação, por outra via, é atacada pelo lado oposto, pelos anti-peronistas, que veem essa sobreposição como uma forma de totalitarismo ou nazi-fascismo.

Por fim, o peronismo também cumpriu seu papel de busca de legitimação no sistema educacional. Para Capelato,

> [...] o sistema educacional transformou-se, progressivamente, numa engrenagem da poderosa máquina de propaganda. As escolas converteram-se em centros de doutrinação da juventude [...]. Por volta de 1950 o regime peronista assumiu uma postura de autoglorificação que requeria o monopólio do espaço simbólico social. (CAPELATO, 1998, p. 252).

Como podemos observar, o espaço educacional foi mais um encontrado pelo peronismo para conseguir legitimidade e se manter forte no poder.

Finalmente, o peronismo se sustentou em grande parte através das suas estratégias de propaganda. No entanto, como alerta Capelato (1998, p. 301), a nova ordem não se manteria sem a realização de medidas concretas e mudanças efetivas nas condições de vida de amplos setores sociais. Nesse contexto, o peronismo se desenvolveu sob a figura do homem desprezado, o homem do interior que a classe culta chamava de “cabecita negra” e que foi desprezado até encontrar um chefe que o compreendia (CAPELATO, 1998).

---

[12] Un mundo feliz. Las miles de imágenes de la armonía, la justicia y el bienestar desplegadas por la ciudad, querían servir de testimonio de la nueva realidad de los trabajadores en la Argentina de Evita y de Perón.

Nesse sentido, podemos entender, em parte, a complexidade do fenômeno peronista, que não pode ser compreendido apenas em um aspecto, tendo em vista a pluralidade de atores, de estratégias e, principalmente, as relações de reciprocidade que, de alguma forma, estabilizaram o regime. Desse modo, destaca Gené: "O intercâmbio simbólico entre Perón e as massas não se restringe somente às modalidades que assume a prática política. Os imaginários sociais constituem redes amplas e complexas irredutíveis a um único campo".[13] (GENÉ, 2005, p. 6, tradução nossa). Além disso, entendemos o peronismo como um fenômeno que se desenvolve e se fortalece ao longo do tempo, utilizando inclusive de algumas debilidades do regime anterior, que contribuíram para seu sucesso. Sobre o assunto destaca Gené: "Na era do peronismo, um presente pleno de realizações funde-se com o futuro, diferenciando-se claramente de um passado potenciado negativamente." (GENÉ, 2005, p. 61, tradução nossa).[14] É nessa lógica que falamos em cultura política peronista, baseada em vários elementos que estabelecem entre si várias relações. Para Rémond (2003, p. 20), "Ater-se ao estudo do Estado como se ele encontrasse em si mesmo o seu princípio e a sua razão de ser é portanto deter-se na aparência das coisas". Partindo desse princípio, fundamentamos nossa análise em vários elementos envolvidos no peronismo, com o objetivo de não chegarmos apenas, usando as palavras do autor, à aparência das coisas.

Destarte, para Rémond (2003, p. 450), cultura política seria algo que "[...] resume a singularidade do comportamento de um povo, não é um elemento entre outros da paisagem política; é um poderoso revelador do *ethos* de uma nação e do gênio de um povo". Desse modo, podemos considerar que o processo no qual se insere a cultura política peronista não ilustra algo superficial ou uma simples característica isolada do processo. O peronismo se localiza em um processo amplo e cercado por inúmeros elementos que o moldam e o transformam em sua essência profunda.

A seguir, vamos nos aprofundar na história do peronismo propriamente dito, destacando alguns momentos ligados à formação e ao desenvolvimento dos grupos da nova esquerda.

1.2.1 O peronismo e as reinterpretações da nova esquerda[15]

---

[13] El intercambio simbólico entre Perón y las masas no se restringe solamente a las modalidades que asume la práctica política. Los imaginarios sociales constituyen redes amplias y complejas irreductibles a un único campo.

[14] En la del peronismo, el presente pleno de realizaciones se funde con el futuro, diferenciándose claramente de un pasado potenciado negativamente.

[15] Levando em consideração que a abordagem do funcionamento do sistema político na Argentina requer um investimento em pesquisa bibliográfica e demanda muito tempo, não foi possível, nesse momento, desenvolvê-la. No entanto, apresentamos a seguir algumas obras que poderiam ser lidas para fazer tal abordagem: **Un balance**

Juan Domingo Perón foi presidente na Argentina nos períodos de 1946-1955 e 1973-1974. Sua inserção na política começou a partir da década de 1940, inicialmente como diretor do Departamento Nacional do Trabalho, em seguida transformado em Secretaria de Trabalho e Previdência Social. Posteriormente, tornou-se vice-presidente do regime militar instaurado em 1943, resultado de um golpe sobre o então governo de Ramón Castillo (1942-1943). Esse golpe colocou fim à chamada Década Infame[16]. Essa década está diretamente ligada ao sucesso da política de Perón, principalmente no que se refere ao apoio das camadas mais pauperizadas, uma vez que, em virtude do histórico de desfavorecimento dos referidos setores e o "exclusivo" favorecimento dos setores com maior poder aquisitivo, Perón - com a inserção de políticas voltadas para o social - ganhou apoio e sucesso político. Esse sucesso pode ser ilustrado pelo dia 17 de outubro de 1945, quando Perón foi detido na ilha Martín García. Uma multidão se reuniu na Plaza de Mayo exigindo sua libertação. Segundo Adamovsky (2012), essa multidão foi mobilizada espontaneamente, sem nenhum tipo de articulação. Era um número bastante expressivo de pessoas nunca visto no centro da cidade. Nesse sentido, a solução foi a libertação do coronel, que apareceu na sacada da Casa Rosada às 23 horas e dez minutos e foi extremamente ovacionado pelo povo. Em 1946, Perón se candidatou à presidência da Argentina, enfrentando o ex-embaixador dos Estados Unidos, Spruille Braden. Para fazer frente e impedir que Perón saísse vencedor, foi organizada uma aliança eleitoral entre a Unión Cívica Radical e os partidos socialista, comunista e democrata progressista. No entanto, a aliança não surtiu efeito: Perón foi eleito presidente da Argentina com 52,4% dos votos. (ADAMOVSY, 2012).

Com a sustentação dada pelo voto, de acordo com James (2010), nenhum outro presidente colocou em prática na Argentina uma política voltada para as questões sociais e para as classes trabalhadoras como Perón o fez. A política desenvolvida na Década Infame, ao contrário, era voltada exclusivamente para as classes altas[17] - a classe trabalhadora era reprimida

---

político a 30 años del retorno a la democracia en Argentina, organizado por Carlos Fara; **As políticas neoliberais e a crise na América do Sul**, de Luiz Alberto Moniz Bandeira; **Estado e desenvolvimento**: Argentina e Brasil (1946-1955), de Fausto Saretta; **Resistencia e integración**, de Daniel James; **La formación del Estado argentino**, de Oscar Oszlak.

[16] A chamada Década Infame compreende o período de 1930 a 1943. Foi assim chamada em virtude da grande corrupção e das enormes fraudes eleitorais que ocorriam com frequência. Sobre o assunto, afirma Daniel James: "En la 'década infame', que en rigor se extendió desde 1930 hasta el golpe militar de 1943, se asistió a la reimposición y el mantenimiento del poder político de la elite conservadora mediante un sistema de fraude y corrupción institucionalizados. Era la época del 'ya votaste, rajá pronto para tu casa', impuesto por los matones a sueldo de los comités conservadores." (JAMES, 2010, p. 28).

[17] As classes altas e a elite a que nos referimos ao longo do texto é constituída, principalmente, por grupos empresariais, banqueiros e corporações estrangeiras.

e explorada em todas as suas formas. (JAMES, 2010). No que se refere à caracterização do período 1930-1943 como Década Infame, apesar das divergências historiográficas, os pontos de vista de Adamovsky e James são convergentes, como podemos notar pela seguinte passagem:

> A "década infame" - como se chamou naquela época - esteve marcada por medidas invariavelmente a favor das classes altas, negócios que beneficiaram os interesses imperialistas britânicos, escândalos de corrupção e uma intensa repressão dirigida às organizações operárias e de esquerda. Centenas de referentes sindicais e quadros políticos, especialmente comunistas e anarquistas foram encarcerados e muitos outros deportados. A prática da tortura se estendeu e aperfeiçoou. (ADAMOVSKY, 2012, p. 152-153, tradução nossa).[18]

A partir das explanações dos referidos autores, pode-se notar que as condições de vida dos trabalhadores não eram nem um pouco favoráveis. Além disso, em virtude de todas as fraudes no sistema eleitoral e da hierarquia e valores impostos pela elite, podemos questionar até que ponto tinham inserção e atuação políticas. Nesse sentido, os trabalhadores não tinham direito nem mesmo a lutar por melhorias em suas condições, visto que a repressão era forte e que a classe trabalhadora não tinha nenhum apoio político. (JAMES, 2010).

Todo esse contexto da Década Infame convergiu a favor da política de Perón - o primeiro presidente a apoiar pragmaticamente as classes menos favorecidas, que se apresentavam extremamente vulneráveis em relação às ações das elites e do poder dominante como um todo. Essas mesmas classes, incluindo principalmente os trabalhadores, legitimaram as ações de Perón nos momentos mais difíceis da política, até mesmo quando a situação econômica se tornou débil e os trabalhadores não recebiam vantagens materiais (aumento de salários, por exemplo). (ADAMOVSKY, 2012).

Outro aspecto que convergiu positivamente para o sucesso da política de Perón foi a situação econômica em que se encontrava a Argentina no momento da sua inserção na política. Com o advento das duas guerras mundiais, a produção interna, principalmente de bens manufaturados, cresceu de forma significativa. Assim, as importações foram substituídas pela produção interna, que desencadeou o desenvolvimento do mercado interno e, por sua vez, o aumento de empregos. O progresso industrial da Argentina foi tão grande que, além da

---

[18] La "década infame" - como se la conoció entonces - estuvo marcada por medidas invariablemente a favor de las clases altas, negociados que beneficiaron a los intereses imperialista británicos, escándalos de corrupción y una intensa represión dirigida a las organizaciones obreras y de izquierda. Centenas de referentes sindicales y cuadros políticos, especialmente comunistas y anarquistas fueron encarcelados y muchos otros deportados. La práctica de la tortura se extendió y perfeccionó.

substituição das importações, o país começou a exportar sua produção para o mercado internacional. De acordo com Daniel James,

> [...] A economia argentina respondeu à recessão mundial da década 1930-40, mediante a produção local de um crescente número de bens manufaturados que antes se importavam. [...] Entre 1930-35 e 1945-49 a produção industrial cresceu até mais que o dobro; as importações, que em 1925-30 correspondiam quase a uma quarta parte do produto bruto argentino, reduziram-se aproximadamente a 6% no período 1940-44. De importar cerca de 35% de suas máquinas e equipamentos industriais no primeiro período, a Argentina passou a importar apenas 9.9% no segundo. (JAMES, 2010, p. 20, tradução nossa).[19]

O autor prossegue com seu balanço:

> O número de estabelecimentos industriais aumentou de 38.456 em 1935 para 86.440 em 1946, ao mesmo tempo em que o número de trabalhadores desse setor passava de 435.816 a 1.053.673 em 1946. Também modificou-se a composição interna dessa força de trabalho. Seus novos integrantes provinham agora dos estados do interior em lugar da imigração estrangeira sumamente reduzida desde 1930. (JAMES, 2010, p. 20, tradução nossa).[20]

É relevante ressaltar, no entanto, que esse "bem-estar" econômico não determinou o sucesso de Perón na política, foi apenas um fator facilitador. Segundo Peña (2012), seus méritos estão presentes em sua política, principalmente no equilíbrio que manteve nas relações entre diferentes setores sociais que o apoiaram (clero, empresários argentinos, parte do Exército, polícia, trabalhadores, entre outros), proporcionando ganhos a tais setores, inclusive aos trabalhadores.

Perón, ainda no Ministério do Trabalho, concentrou-se em atender demandas específicas da classe trabalhadora, estabelecendo, assim, uma legislação de proteção aos trabalhadores contra toda exploração presente, até então, pelas classes dominantes. O aumento de salários e a melhoria de condições de trabalho entre trabalhadores urbanos e rurais, entre outras vantagens, são exemplos da atuação de Perón no Ministério do Trabalho. Logo, quando

---

[19] [...] La economía argentina respondió a la recesión mundial de la década 1930-40, mediante la producción local de un creciente número de bienes manufacturados que antes se importaban. [...] Entre 1930-35 y 1945-49 la producción industrial creció hasta más que duplicarse; las importaciones, a las que en 1925-30 correspondía casi una cuarta parte del producto bruto argentino, se redujeron aproximadamente al 6 por ciento en el quinquenio 1940-44. De importar alrededor del 35 por ciento de su maquinaria e equipo industrial en el primer período, la Argentina pasó a importar sólo el 9.9 por ciento en el segundo.

[20] El número de estabelecimientos industriales aumento de 38.456 en 1935 para 86.440 en 1946, a la vez que el número de trabajadores de ese sector pasaba de 435.816 a 1.053.673 en 1946. También se modificó la composición interna de esa fuerza laboral. Sus nuevos integrantes provenían ahora de las provincias del interior antes que de la inmigración extranjera sumamente reducida desde 1930.

assume a presidência em 1946, as medidas de apoio aos trabalhadores são mais intensificadas ainda. Adamovsky cita algumas delas:

> A ação decisiva de Perón também resultou na expansão de benefícios de aposentadoria, melhores indenizações por acidentes de trabalho, bônus, maior quantidade de dias de férias pagas e novas cláusulas de defesa da estabilidade para vários sindicatos. Por outra parte, foi disposta a criação de um novo foro judicial, com tribunais do trabalho a cargo de juízes especialmente dedicados a proteger os direitos dos trabalhadores. (ADAMOVSKY, 2012, p. 173, tradução nossa).[21]

E ainda:

> A lei de Associações Profissionais de outubro de 1945 outorgou também aos trabalhadores amplos direitos de sindicalização, incluindo a proteção dos delegados e afiliados contra qualquer represália dos patrões. Para os trabalhadores rurais as novidades foram inclusive mais importantes. O Estatuto do Peão promulgado pela STP estendia direitos básicos para um setor que havia estado tradicionalmente desprotegido. O congelamento dos arrendamentos disposto por Perón beneficiou também aos chacareiros sem terra. (ADAMOVSKY, 2012, p. 174, tradução nossa).[22]

Os direitos trabalhistas conquistados com o apoio de Perón não explicam, isoladamente, o forte apoio recebido pelos trabalhadores. Questões que ultrapassavam os ganhos materiais também se faziam presentes na referida conjuntura e a mudaram profundamente. A inserção social dos indivíduos das classes menos favorecidas (que eram oprimidos, explorados, excluídos e humilhados) na sociedade, como pessoas de respeito e dignidade como quaisquer outras, era inédita na história da Argentina. (ADAMOVSKY, 2012). Os indivíduos pobres que constituíam a sociedade e que viviam nas periferias, agora podiam ocupar os espaços públicos argentinos sem pedir permissão à "elite branca", eram legitimados pela política inclusiva de Perón. Na avaliação de Adamovsky,

> De repente, tinha deixado de ficar claro que alguém sem dinheiro, que trabalhava com suas mãos e tinha a pele escura deveria aceitar seu destino de pária sem reclamar. E pelo mesmo, também não estava tão claro que alguém de cultura e "boa presença"

---

[21] La acción decidida de Perón se tradujo asimismo en la expansión de beneficios jubilatorios, mejores indemnizaciones por accidentes de trabajo, aguinaldos, más cantidad de días de vacaciones pagas y nuevas cláusulas de defesa de la estabilidad para varios gremios. Por otra parte, se dispuso la creación de un nuevo fuero judicial, con tribunales del trabajo a cargo de jueces especialmente dedicados a proteger los derechos de los trabajadores.

[22] La ley de Asociaciones Profesionales de octubre de 1945, otorgó también a los trabajadores amplios derechos de sindicalización, incluyendo la protección de los delegados e afiliados contra cualquier represalia de la patronal. Para los trabajadores rurales las novedades fueron incluso más importantes. El Estatuto del Peón promulgado por la STP extendía derechos básicos para un sector que había estado tradicionalmente desprotegido. El congelamiento de los arrendamientos dispuesto por Perón benefició también a los chacareros sin tierra.

> fosse merecedor de mais respeito apenas por esse fato. (ADAMOVSKY, 2012, p. 204, tradução nossa).[23]

Enfim, as músicas, as roupas, o comportamento e os demais hábitos desses indivíduos eram valorizados e aceitos no novo contexto social. Sua cultura e identidade eram afirmadas e colocadas em prática nos mais diversos ambientes públicos, assim como a elite, que agora era obrigada a conviver com as classes menos favorecidas e a dividir os espaços que até então eram destinados apenas à elite. Adamovsky (2012, p. 193-194, tradução nossa) caracteriza assim as mudanças que ocorreram com a presença de Perón na política: "Ali estavam eles, tocando na rádio sua música, ocupando o espaço público com seu aspecto 'indecente', trazendo à luz suas experiências de vida, impondo um presidente desprezado por quase todas as outras classes."[24] O autor prossegue com a caracterização, contextualizando a intensificação das mudanças em diversos aspectos: "[...] Ali estavam eles, fazendo-se presentes sem pedidos de desculpas, como uma revanche desse mundo plebeu tão largamente reprimido, ignorado e excluído".[25] No que tange ao acesso aos espaços públicos e às formas de discriminação e exclusão das pessoas com menos poder aquisitivo, Adamovsky finaliza sua caracterização: "Assim, o questionamento das hierarquias de classe, de cultura e de 'raça', que o peronismo trouxe, conseguiu deixar sua marca na sociedade.".[26] Desse modo, os mais pobres se aproximavam cada vez mais da elite, através do convívio diário nos espaços públicos, que até então eram tidos como "propriedade privada" da elite. De acordo com Adamovsky (2012, p. 193-194, tradução nossa), "[...] A Argentina 'branca', educada e 'decente' teve que se habituar a compartilhar o espaço público com 'os negros', juntar-se com eles nos ônibus ou tê-los sentados ao lado na mesa de um café central. […]."[27]

No discurso abaixo, proferido na Plaza de Mayo, podemos perceber aspectos da relação de proximidade de Perón com o povo.

15 de abril de 1953 - Discurso de Juan Domingo Perón

---

[23] De pronto, había dejado de estar claro que alguien sin dinero, que trabajaba con sus manos y tenía la piel amarronada debiera aceptar su destino de paria sin chistar. Y por lo mismo, tampoco era ya tan claro que alguien de cultura y "buena presencia" fuera merecedor de más respeto por ese solo hecho.

[24] Allí estaban ellos, sonando en la radio con su música, ocupando el espacio público con su aspecto 'indecente' trayendo a la luz sus experiencias de vida, imponiendo un presidente despreciado por casi todas las otras clases.

[25] Allí estaban ellos haciéndose presentes sin pedidos de disculpas, como una revancha de ese mundo plebeyo tan largamente reprimido, ignorado y excluido.

[26] Así, el cuestionamiento de las jerarquías de clase, de cultura y de 'raza' que trajo el peronismo logró dejar su huella en la sociedad.

[27] La Argentina 'blanca', educada y 'decente' tuvo que habituarse a compartir el espacio público con 'los negros', apretujarse con ellos en los colectivos o tenerlos sentados al lado en la mesa de un café céntrico […].

> Companheiros: Faz tempo venho dizendo que está chegando a hora dos povos. E eu me sinto imensamente feliz frente a esta grandiosa assembleia, porque observo que este povo é digno dessa hora e porque vejo que este povo está capacitado para realizar o que essa hora impõe aos países. Os homens que, como eu, vivem somente para o povo, necessitam dessa solidariedade. Por isso sempre que falei ao povo, mais do que ordens, tenho dado conselhos. Um presidente que aconselha, mais do que presidente é um amigo, e isso é, precisamente, o que eu quero ser do meu povo: um amigo. Cumprindo sempre a primeira verdade estabelecida no nosso catecismo peronista, que diz que a verdadeira democracia consiste em que o governo faça somente o que o povo quer e defenda um só interesse: o do povo. (Tradução nossa).[28]

Dessa forma, Perón inova em vários aspectos sociais, trazendo à tona, não apenas no discurso, mas também na prática, a minimização das diferenças entre as classes sociais até então separadas rigidamente em termos de direitos sociais e acesso aos bens públicos. De acordo com Daniel James (2010, p. 29-30, tradução nossa), o sucesso de Perón com os trabalhadores se explica em virtude de "[…] sua capacidade para fazer uma refundição do problema total da cidadania em uma nova forma de caráter social. O discurso peronista negou a validez da separação formulada pelo liberalismo".[29]

Entretanto, para Carvalho (2002), o conceito de cidadania é extremamente complexo, tendo em vista que o exercício de certos direitos, como por exemplo o voto, não gera automaticamente a solução de todos os problemas vivenciados em uma sociedade. Assim, mesmo levando em consideração todas as transformações e benefícios alcançados no governo de Perón, podemos afirmar que a cidadania não aconteceu de forma plena. Segundo Carvalho (2002, p. 8), "Uma cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos, é um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível."

Além disso, podemos constatar no governo de Perón alguns aspectos de debilidade ao processo de cidadania. Se por um lado o governo estimulava o alcance de direitos sociais, por outro, colocava os trabalhadores em situação de dependência, pois esperava em troca dos benefícios oferecidos, lealdade e gratidão, entendidas nessa lógica como a legitimação total das suas ações.

---

[28] Compañeros: Desde hace tiempo vengo diciendo que está llegando la hora de los pueblos. Y me siento inmensamente feliz frente a esta grandiosa asamblea, porque observo que este pueblo es digno de esa hora y porque veo que este pueblo está capacitado para realizar lo que esa hora impone a los países. Los hombres que, como yo, viven solamente para el pueblo, necesitan de esa solidaridad. Por eso siempre que yo he hablado al pueblo, más que órdenes, he impartido consejos. Un presidente que aconseja, más que presidente es un amigo, y eso es, precisamente, lo que yo quiero ser de mi pueblo: un amigo. Cumpliendo siempre la primera verdad establecida en nuestro catecismo peronista, que dice que la verdadera democracia consiste en que el gobierno haga solamente lo que el pueblo quiere y defienda un solo interés: el del pueblo. (DISCURSO de Juan Domingo Perón. El Historiador. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/documentos/ascenso_y_auge_del_peronismo/discurso_15_de_abril_53_peron.php>. Acesso em: 12 fev. 2016.)

[29] […] su capacidad para refundir el problema total de la ciudadanía en un molde nuevo de carácter social. El discurso peronista negó la validez de la separación formulada por el liberalismo.

Segundo Etulain, o peronismo é um “objeto” complexo porque não se compõe apenas pelo partido peronista, ou mesmo pelos sindicatos. Trata-se de um movimento que reúne diferentes setores sociais em torno de uma amálgama definida a partir do vínculo entre o povo e a figura de Perón. O peronismo, em sua função de representar os interesses populares, promove sua unidade com base na força opositora deste conteúdo popular. (ETULAIN, 2001, p. 100-101). Para Peña, “[…] O movimento militar de junho começou a transformar-se em peronismo quando na Secretaria de Trabalho e Previsão Social iniciou-se a captação da classe operária e sua estatização da nova CGT.” (PEÑA, 2012, p. 484, tradução nossa)[30]. Segundo Ezequiel Adamovsky (2012, p. 177, tradução nossa),

> O movimento peronista não pode ser explicado apenas pela figura de Perón, mas pelo entrelaçamento de sua liderança com outras duas presenças políticas não menos importantes: a do movimento operário organizado e a da ação de base, que frequentemente transbordaram um no outro.[31]

Nesse sentido, o peronismo foi construído sobre as bases da justiça social, da integração social e política dos trabalhadores, e sobre uma premissa fundamental: o desenvolvimento nacional e a luta contra o imperialismo dos Estados Unidos. Diferentemente da visão das esquerdas do momento (1940 até aproximadamente fins da década de 1960), o peronismo considerava que essa transformação teria que ocorrer imediatamente, não a longo prazo, como a referida esquerda acreditava, e que os trabalhadores já estavam preparados para tais mudanças. (JAMES, 2010). Esse foi mais um dos motivos de atração dos trabalhadores pelo peronismo e, mais tarde, em fins da década de 1960 e início da década de 1970, dos estudantes universitários e até mesmo de alguns dos principais integrantes da própria esquerda. Sobre as bases em que o peronismo foi construído, Daniel James discorre:

> A visão peronista de uma sociedade baseada na justiça social e na integração social e política dos trabalhadores nessa sociedade não estava sujeita ao prévio cumprimento de premissas - como estava, por exemplo, no discurso político esquerdista - tais como transformações estruturais abstratas de longo prazo, nem estava a gradual aquisição, em alguma data futura, de uma consciência apropriada por parte da classe operária. (JAMES, 2010, p. 37, tradução nossa).[32]

---

[30]el movimiento militar de junio comenzó a transformarse en peronismo cuando desde la Secretaría de Trabajo y Previsión Social se inició la captación de la clase obrera y su estatización de la nueva CGT.

[31] El movimiento peronista no puede explicarse solamente por la figura de Perón, sino por el entrelazamiento de su liderazgo con otras dos presencias políticas no menos importantes: la del movimiento obrero organizado y la acción de base que con frecuencia desbordó al uno y al outro.

[32] La visión peronista de una sociedad basada en la justicia social y na integración social e política de los trabajadores a esa sociedad no estaba sujeita al previo cumplimiento de premisas - como lo estaba por ejemplo en el discurso político izquerdista - tales como transformaciones estructurales abstractas de largo plazo, ni lo estaba a la gradual adquisición en alguna fecha futura de una conciencia apropriada por parte de la clase obrera.

No entanto, de acordo com Adamovsky (2012), é necessário considerar que o significado do peronismo não se esgotava apenas em medidas sociais. Para o autor, o peronismo significava uma sociedade mais justa, mais digna, mais igualitária e sobretudo mais humana. Em razão de todos esses elementos - da multiplicidade de interpretações, que se atualizava de acordo com os diferentes contextos, e da diversidade de setores sociais que o englobava -, o peronismo se apresenta tão complexo e tão impreciso para ser definido (ETULAIN, 2001). É preciso lembrar que não se tinha apenas uma base, mas uma série de elementos que se transformavam em diversas bases. Sobre os problemas de se conceituar o peronismo, lembra Etulain,

> O problema conceitual resulta do fato do peronismo se sustentar não apenas numa base popular, mas também num conjunto de setores da burguesia, que se alteram em cada aliança, produto de diferentes conjunturas políticas. O discurso político peronista, recurso para integrar diferentes setores da sociedade argentina, sofre também as modificações que o acomodam em cada situação política e social, fazendo com que, finalmente, seu espectro ideológico se alargue. (ETULAIN, 2001, p. 41).

A multiplicidade e a dinâmica de interpretações do peronismo compõem um aspecto fundamental que deve também ser considerado nessa conjuntura. A nova esquerda dos fins dos anos de 1960 e início dos anos 1970[33], por exemplo, se apropria do peronismo como caminho para se chegar ao socialismo. De acordo com Etulain (2001), Perón, ao contrário, não tinha nenhum tipo de expectativa de instaurar um sistema socialista na Argentina: sua política era voltada para o desenvolvimento econômico através da integração social e política da classe trabalhadora pela via capitalista. (JAMES, 2010, p. 57). O nacionalismo, a justiça social, a diminuição das hierarquias entre as classes foram os aspectos que atraíram os jovens da nova esquerda à figura de Perón. Com a Revolução Cubana, esses temas foram os principais atrativos desses jovens. No caso da Argentina, o contexto peronista se adequou perfeitamente a eles. No que diz respeito à inclinação dos jovens à figura de Perón, Milcíades Peña afirma:

> Mas o governo bonapartista preservou o ordenamento tradicional da sociedade argentina, não só ganhando o proletariado "com tapinhas nas costas e pequenos presentes". Também conservaram esse ordenamento opondo-se ao ingresso da Argentina na órbita norte-americana. [...] Paradoxalmente, a classe mais jovem e potencialmente revolucionaria da Argentina foi mobilizada pelo governo bonapartista para defender frente ao imperialismo ianque as classes mais retrógradas do país e a

[33] De acordo com Araújo (2008), a nova esquerda era constituída em sua maioria, por jovens que se organizaram em grupos críticos aos partidos socialistas e comunistas. A construção da nova esquerda se baseava em novas práticas e novos valores em que o fundamental era a ação direta sem intermediários, o pragmatismo e o confronto.

> seu sócio e credor centenário, o imperialismo inglês. (PEÑA, 2012, p. 487-488, tradução nossa).[34]

Dessa forma, pode-se notar como o peronismo é plural e como se adequou a distintos contextos, sendo assimilado por diferentes atores sociais e políticos, tornando-se não apenas um partido único ou um movimento com bases uniformes.

De acordo com Carlos Etulain (2001), o peronismo seria algo maior que um partido, que um sindicalismo e até mesmo que o próprio Perón. Nesse contexto, o discurso de Perón se torna algo fundamental para a continuidade e perpetuação do peronismo, uma vez que é através dele e da sua atualização, de acordo com os diferentes contextos, que agrega tantos valores e atores sociais tão distintos. Para Etulain (2001, p. 44), "[...] A essência da continuidade do peronismo está na sua mutabilidade político-ideológica."

Etulain (2001) ainda relata que a nova esquerda utilizou-se dos discursos peronistas fazendo novas interpretações. Grupos como Montoneros tinham o intuito de mobilizar as classes sociais, inclusive os trabalhadores, para uma revolução socialista na Argentina. Tal revolução, de acordo com o grupo, partiria do peronismo e seria liderada por Perón. Nesse sentido, Etulain (2001) afirma que o Peronismo é reinterpretado e reinventado pelo Montoneros e pelos demais grupos da nova esquerda, visto que Perón, mesmo em defesa dos princípios anti-imperialistas da justiça social, tinha a intenção de desenvolver a Argentina através da via capitalista. No que se refere às reinterpretações do peronismo pelos grupos da nova esquerda, disserta Etulain:

> Nesse sentido os anos 60 representam uma mudança em termos das interpretações da esquerda tradicional. A nova esquerda redefine Perón. Ele não só passa a ser aceito, mas também se coloca como líder legítimo da revolução. Nessa interpretação que a esquerda peronista fez de Perón, se integraram os elementos próprios da ideologia da esquerda nacional: a transformação da Argentina num país socialista significava começar em casa uma tarefa que envolveria toda a América Latina. (ETULAIN, 2001, p. 169).

De acordo com Adamovsky (2012) e Etulain (2001), o grupo Montoneros era constituído, em sua maioria, por jovens que tinham a pretensão de transformar a Argentina em um país socialista e que defendiam o anti-imperialismo e o fim do capitalismo. Segundo

---

[34] Pero el gobierno bonapartista preservó el ordenamiento tradicional de la sociedad argentina, no sólo ganándose al proletariado "con palmaditas en la espalda y pequeños regalos". También conservaron ese ordenamiento oponiéndose al ingreso de la Argentina en la órbita norteamericana. [...] Paradójicamente, la clase más joven y potencialmente revolucionaria de la Argentina fue movilizada por el gobierno bonapartista para defender frente al imperialismo yanque a las clases más retrógradas del país y a su socio y acreedor centenario, el imperialismo inglés.

Gillespie (2008), de maneira geral, seus principais objetivos eram o desenvolvimento nacional, a justiça social e o poder popular. Nessa perspectiva, pode-se perceber que os objetivos do grupo convergiam com os princípios da política de Perón; por esse motivo, entendiam que ele era o único que tinha condições para liderar a revolução e instaurar o socialismo na Argentina. Sobre os Montoneros, salienta Garategaray:

> Os Montoneros foram a guerrilha argentina mais importante da década de 70. Entre seus líderes mais importantes podemos mencionar Fernando Abal Medina, Carlos Gustavo Ramus, José Sabino Navarro, Emilio Maza, Carlos Capuano Martínez, Norma Arrostito, Mario Firmenich. Identificada como a esquerda peronista e com a realização do "Socialismo Nacional", Montoneros enfrentou o governo militar autodenominado "Revolución Argentina" (1966-1973) e lutou pelo retorno de Perón sob o lema "Lute e volte". A organização se popularizou entre os jovens [...]. (GARATEGARAY, 2012, p. 2).

O "líder" Perón, exilado[35], por sua vez, fomentava todas essas expectativas da esquerda, "concordando" e "apoiando" uma revolução socialista[36], incentivando a luta armada e todas as vias utilizadas pela esquerda para destituir os então presidentes e inserir novamente o peronismo na política. Assim, Perón incentivava os jovens a todas as formas possíveis de violência. No trecho de uma carta, escrita em 1957, ele afirmava:

> A resistência por todos os meios, em todo momento e lugar, deve ser a norma. [...] A saída violenta é, pois, a única saída. [...] Acabaram-se as contemplações. Há que começar a guerra integral por todos os meios, em todo lugar e em todo momento [...] os jovens devem dar o impulso.

Entretanto, como explica Etulain (2001), quando Perón voltou à cena política argentina, em 20 de junho de 1973, desenvolveu uma política completamente contrária à que fomentou entre os jovens da nova esquerda. Perón estabeleceu relações políticas com a direita peronista, excluindo, assim, os grupos da nova esquerda, que se frustraram intensamente e procuraram novos caminhos para o desenvolvimento dos seus projetos, gestados ao longo do

---

[35] Perón foi exilado em 1955. Seu Partido Justicialista foi proscrito e seus principais líderes sindicais perderam seus cargos e foram presos. Inicialmente, Perón refugiou-se na Embaixada do Paraguai. Depois, foi para o Panamá, teve uma breve estada na Nicarágua, mas se fixou em Caracas (Venezuela) até 1958. No início de 1960 partiu para a República Dominicana e, finalmente, instalou-se em Madri, que se tornou seu endereço oficial no exílio. (ETULAIN, 2001, p. 86-87).

[36] Segundo Etulain, Perón não economizou mensagens incendiárias para atrair essa juventude. Por exemplo, em uma de suas manifestações, referindo-se a Che Guevara, afirma: "Su vida, su epopeya es el ejemplo más puro en que deben mirar nuestros jóvenes los jóvenes de toda la América Latina [...] Las revoluciones socialistas se tienen que realizar; que cada uno haga la suya, no importa el sello que tenga; la dictadura que azota a la Patria no ha de ceder en su violencia sino ante otra violencia mayor. [...] La hora de los pueblos ha llegado y las revoluciones nacionales en Latinoamérica son un hecho irreversible." (Carta de Perón ao Movimiento Peronista, por ocasião da morte de Che Guevara, 1967 *apud* ETULAIN, 2001, p. 266).

tempo em que Perón esteve no exílio. Esses novos caminhos, por sua vez, distanciaram cada vez mais os jovens do "líder" Perón.

A partir das relações do Peronismo, da Revolução Cubana e da conjuntura política e social da Argentina, podemos compreender as amarras e influências que contribuíram para a formação e atuação dos grupos da nova esquerda. A seguir, vamos abordar com mais especificidade o contexto argentino para entender com mais clareza como as situações econômica, política e social da Argentina contribuíram para a formação e o fortalecimento de tais grupos, assim também como suas ações se tornaram cada vez mais violentas, frente à forte repressão dos regimes militares.

1.3 O antiperonismo e a resistência peronista

Após 1955, instaurou-se na Argentina o período denominado Revolução Libertadora. Em 16 de setembro de 1955, Perón foi destituído do poder através do golpe civil-militar liderado pelos generais Eduardo Lonardi e Pedro Eugenio Aramburu. O golpe é considerado civil-militar em virtude da participação de múltiplos setores civis, tais como a igreja, as entidades patronais, os principais partidos políticos (socialistas e comunistas), os setores de classe média, incluindo estudantes universitários e escritores importantes do momento. Ademais, um número grande de pessoas invadiu as ruas, em diferentes ocasiões, para manifestar seu apoio à Revolução Libertadora. (ADAMOVSKY, 2012).

De acordo com Di Tella (2010), o novo regime tinha como principal meta acabar de vez com o peronismo em todas as suas formas. Os líderes do movimento acreditavam que, excluindo todos os elementos peronistas da sociedade, alcançariam tal meta. Di Tella (2010) explica que, para eles e parte da sociedade civil que acompanhava o movimento, o peronismo era uma criação manipuladora que se fazia presente em razão da propaganda e da corrupção oficial. Dessa forma, o partido que representava o peronismo (Partido Justicialista) foi proscrito. Perón foi exilado, os principais líderes sindicais perderam seus cargos e alguns foram encarcerados. Houve a proibição de todos os elementos da propaganda peronista, tais como imagens, símbolos, signos, expressões significativas, doutrinas, artigos e obras artísticas, sob a justificativa de que se destinavam a enganar os cidadãos. O decreto-lei n. 4.161, de 1956[37],

[37] DECRETO-LEY 4.161, del 5 de marzo de 1956. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/documentos/revolucion_libertadora/decreto_4161.php>. Acesso em: 11 jun. 2015.

legalizava todas essas medidas e ainda proibia a utilização de imagens de Eva Duarte Perón e do próprio Perón, bem como a menção a seus nomes.

> Considerar-se-á especialmente violatória desta disposição a utilização da fotografia retrato ou escultura dos funcionários peronistas ou seus parentes, o escudo e a bandeira peronista, o nome próprio do presidente deposto ou de seus parentes, as expressões "peronismo", "peronista", "justicialismo", "justicialista", "terceira posição", a abreviatura PP, as datas exaltadas pelo regime deposto, as composições musicais "Marcha de los Muchachos Peronistas" e "Evita Capitana" ou fragmentos, e os discursos do presidente deposto ou sua esposa ou fragmentos deles. (Tradução nossa).[38]

Diante da perspectiva antiperonista, a classe trabalhadora se viu obrigada a construir as bases da sua autonomia sindical. Até o momento, Perón, através do Estado, controlava todos os sindicatos, que, em consequência disso, não tinham qualquer autonomia. De acordo com Torre (2012, p. 236, tradução nossa), o sindicalismo deveria "[...] Ter-se comportado como uma instituição dotada de certa autonomia; mas durante os anos peronistas, mais do que representante dos trabalhadores perante o estado, se comportou como representante do estado perante os trabalhadores."[39]

A partir do referido golpe, a situação dos trabalhadores se tornou difícil na medida em que o novo Estado não estava preocupado em dar continuidade à política assistencialista de Perón, nem mesmo negociar direitos sociais com as classes trabalhadoras. A política de então estava restrita a negociações e benefícios apenas às classes altas. O trabalho nas fábricas, por exemplo, era organizado de forma a favorecer a classe patronal, o que se traduziu em muitas horas de trabalho, salários baixos, estímulo à grande produção e poucos direitos aos trabalhadores. Segundo James, "Concretamente, a política do novo governo com a classe trabalhadora seguiu três linhas principais. Antes de mais nada tentou se proscrever legalmente um estrato inteiro de dirigentes sindicais peronistas para afastá-los de toda futura atividade."[40] A segunda linha diz respeito a "[…] uma persistente política de repressão e intimidação do

---

[38] Se considerará especialmente violatoria de esta disposición la utilización de la fotografía retrato o escultura de los funcionarios peronistas o sus parientes, el escudo y la bandera peronista, el nombre propio del presidente depuesto el de sus parientes, las expresiones "peronismo", "peronista", "justicialismo", "justicialista", "tercera posición", la abreviatura PP, las fechas exaltadas por el régimen depuesto, las composiciones musicales "Marcha de los Muchachos Peronista" y "Evita Capitana" o fragmentos de las mismas, y los discursos del presidente depuesto o su esposa o fragmentos de los mismos. (DECRETO-LEY 4.161, del 5 de marzo de 1956. *Op. cit.*)

[39] [...] haber se comportado como una institución dotada de cierta autonomía; pero durante los años peronistas, más que representante de los trabajadores ante el estado, se comportó como representante del estado ante los trabajadores.

[40] Concretamente, la política del nuevo gobierno con la clase trabajadora siguió tres líneas principales. Ante todo se intentó proscribir legalmente un estrato entero de dirigentes sindicales peronistas para apártalos de toda la futura actividad.

sindicalismo e seus ativistas no plano mais popular e básico […].”[41] Por último, o governo e os empregadores se concentraram no tema da produtividade, explorando e exigindo cada vez mais dos trabalhadores, “[…] processo que marchou de mãos dadas com uma tentativa de frear os salários e reestruturar o funcionamento do sistema de negociações coletivas."[42] (JAMES, 2010, p. 82-83, tradução nossa).

A partir da situação socioeconômica e da falta de autonomia política da classe trabalhadora, a resistência peronista foi sendo gestada, sempre com o apoio de Perón no exílio. Adamovsky (2012, p. 234, tradução nossa) afirma que “[…] Como várias linhas e comandos tentaram conduzir a resistência, Perón se propôs organizá-los, enviando diretrizes do exílio e designando John William Cooke como seu ‘sucessor’ e representante único no país.

Inicialmente, a resistência foi colocada em prática a partir das ações dos trabalhadores nos próprios campos de trabalho. Foram adotados desde os métodos mais tradicionais, como as greves, até os mais radicalizados, como a destruição de máquinas e detonação de canos. (ADAMOVSKY, 2012). De acordo com James (2010), as lutas salariais de fins de 1956 contribuíram para o desenvolvimento do movimento de resistência. A greve dos metalúrgicos foi a manifestação mais radical do momento, teve uma duração de mais de seis semanas e foi desencadeada pela oferta de apenas 20% de aumento dos salários básicos. Posteriormente, o foco foi a libertação dos trabalhadores presos e a recontratação de trabalhadores despedidos.

Mais adiante, alguns jovens, decepcionados e frustrados com a real situação que assumiu a Revolução Libertadora, também integraram as filas da resistência. A inclusão dos jovens na resistência ficou ainda mais aflorada, no período posterior, quando o presidente Arturo Frondizi assumiu o poder com orientações de direita.

Entretanto, como destaca Torre (2012), o que levou os jovens à luta não tem o mesmo significado para os trabalhadores. Os jovens tiveram como principais objetivos transformar a ordem vigente, que para eles se apresentava dotada de injustiças sociais, desigualdades entre os indivíduos, mas, principalmente, queriam romper com as práticas imperialistas que se instalaram na Argentina a partir de 1955. Os trabalhadores, por sua vez, lutavam pela volta de Perón, que lhes propiciou um bem-estar econômico, social e político, através da sua política de assistência aos mais humildes, que nenhum outro governo ofereceu.

---

[41] […] una persistente política de represión e intimidación del sindicalismo y sus activistas en el plano más popular y básico […].

[42] [...] proceso que marcho de la mano con un intento de frenar los salarios y reestructurar el funcionamiento del sistema de negociaciones colectivas.

Lutavam, por fim, pela volta do governo que atendia todas as suas demandas. Para James (2010, p. 131, tradução nossa), tratava-se de assegurar "O especial papel do Estado como garantia última da aplicação social daquelas ideias: o Estado garantia a harmonia social, moderava os excessivos interesses de classe, protegia a soberania nacional."[43] Diante de toda essa situação, as classes trabalhadoras, lutavam por sua volta e pelos benefícios concretos que faziam parte do cotidiano dos trabalhadores.

Em 1957, ocorreu a reformulação da Constituição de 1949, com a previsão de que o partido peronista, sob qualquer nome adotado, ficaria excluído das novas eleições. Essa eleição serviria também como meio de acessar e medir opiniões após a implantação da Revolução Libertadora. (DI TELLA, 2010). Diante disso, Perón fez um pacto com Arturo Frondizi, juntamente como seus representantes. O pacto estabelecia que Perón daria seus votos a Frondizi; em troca, o partido peronista seria legitimado e os sindicatos retornariam às mãos dos antigos peronistas. Em 1958, Arturo Frondizi triunfou nas eleições. Era visível a contribuição do pacto feito com Perón. Como esclarece Di Tella,

> A vitória da UCRI[44], dado esse pacto, era inevitável. A ordem de Perón para que se votassem em Frondizi, prevista há algum tempo, foi formalmente anunciada poucos dias antes da votação para impedir algum veto por parte dos setores mais antiperonistas do governo. (DI TELLA, 2010, p. 242).

Ainda segundo Di Tella (2010), após ganhar as eleições Frondizi encarregou-se de cumprir sua parte no pacto. Assim, o partido, os símbolos e os antigos líderes sindicais peronistas foram legalizados. Além disso, ainda houve aumento dos salários.

De acordo com Adamovsky (2012), Arturo Frondizi apresentava-se como um "ferrenho" nacionalista de esquerda, condenando a ação imperialista em todas as suas formas. Por essa razão, atraiu diversos setores de intelectuais de esquerda e muitos nacionalistas. Entretanto, em 1959, ocorreu uma mudança radical em seu governo devido aos fortes estímulos de empresas estrangeiras para a abertura do capital. Os princípios frondizinistas mudaram radicalmente no que tange à economia. O Estado desenvolveu políticas de abertura ao capital internacional e estabeleceu contratos com multinacionais de diferentes países, entre os quais Estados Unidos e Alemanha, além de outros países europeus. Foram desenvolvidas atividades

---

[43] El especial papel do Estado como garantía ultima de la aplicación social de aquellas ideas: el Estado aseguraba la armonía social, moderaba los excesivos intereses de clase, protegía la soberanía nacional.

[44] Segundo Di Tella (2010), a União Cívica Radical (UCR) era vista como a principal força dentro do espectro antiperonista. A partir de divergências internas, o partido foi dividido entre um setor dirigido por Arturo Frondizi, denominado UCR Intransigente (UCRI), e outro, liderado por Ricardo Balbín, que adotou o nome de UCR do Povo (UCRP).

petroquímicas e siderúrgicas, entre outras. (ADAMOVSKY, 2012). Em relação às mudanças ocorridas no governo de Arturo Frondizi, a avaliação de Torcuato Di Tella vai ao encontro das análises de Adamovsky, ao afirmar que

> Na economia, foi onde as mudanças instrumentadas pelo governo de Frondizi, em relação a seu projeto, foram mais significativas. Para a "batalha do petróleo" foram realizados contratos de perfuração com empresas estrangeiras, o que era visto como anátema pelo setor nacionalista, interno ou externo a UCRI, mas que teve que ser aceito por quem permanecia no governo. (DI TELLA, 2010, p. 244-245).

Assim, conforme a visão de Adamovsky e Di Tella, com a inserção das multinacionais no país, a situação dos trabalhadores se deteriorou, visto que a incorporação da tecnologia propiciou a diminuição de empregos e o aumento da exploração patronal.

Além dessa medida, que rompia com todos os princípios defendidos pelo então governo, Frondizi anunciou um plano econômico respaldado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) que se resumia a uma desvalorização do peso, ao congelamento dos salários e ao incremento de tarifas nos serviços públicos. Além de tudo isso, ainda tinha a intenção de privatizar alguns órgãos do Estado. (ADAMOVSKY, 2012). Enfim, com o objetivo de reduzir a inflação, o governo ainda alterou demandas salariais.

Diante de toda essa situação, a resistência se fez presente. Em janeiro de 1959, nove mil operários ocuparam o frigorífico Lisandro de la Torre (um dos organismos que concorria à privatização) e muitos outros trabalhadores contribuíram com tal manifestação marchando pelas ruas. As greves e sabotagens proliferaram em todo o país. O governo, por sua vez, usou de medidas repressivas para estabelecer a ordem. Essas medidas afastaram o governo ainda mais do peronismo. A forte repressão aos movimentos sociais e dos trabalhadores foi o principal componente da ruptura entre o governo e o peronismo. Na ala sindical, a resistência peronista fortaleceu-se, tornando-se constantes as ações de sabotagens e greves violentas. Em virtude de todo esse cenário, o governo reagiu violentamente reprimindo ainda mais a população. (DI TELLA, 2010, p. 24).

Os jovens também manifestavam insatisfação com o governo de Frondizi. A frustração se fazia presente depois das medidas adotadas, principalmente a de abertura ao mercado internacional. Os segmentos jovens viam o governo como moralmente injusto, cínico e corrupto. (TORRE, 2012). A identificação dos jovens com os princípios peronistas (anti-imperialismo, justiça social, igualdade entre as classes sociais) e o distanciamento com o então governo se apresentavam cada vez mais fortes. Torre descreve a mudança de Frondizi da seguinte maneira,

> Frondizi, que tinha escrito apelo nacionalista que fora muito divulgado, sentiu-se livre para anunciar que, a fim de liberar o país da sujeição ao imperialismo, era necessário garantir generosas concessões petroleiras às companhias multinacionais. Esse temerário exercício retórico levou perplexidade aos velhos argentinos, acostumados a escutar os sons familiares de ideologias opostas. Para as novas gerações, significou, mais ainda, a traumática confirmação da corrupção dos ideais políticos [...] O fim da ilusão *frondizinista* resolveu-se pela radicalização dos estudantes universitários e o surgimento de um estendido movimento de secessão cultural. (TORRE, 2012, p. 256-257, tradução nossa).[45]

Nessa perspectiva, de acordo com Adamovsky (2012) e Etulain (2001), estava sendo gestado nos jovens um sentimento de transformação de toda a conjuntura do país. Envolvidos pelas reinterpretações do peronismo e pelos sentimentos nostálgicos a ele, expressos por boa parte da população, desenvolvia-se nesses jovens a vontade de mudança, que, por sua vez, seria impossível pela via pacífica. Essa percepção de impossibilidade de resolução dos conflitos pacificamente pode ser explicada de duas formas. Primeiro, partindo do nível repressivo em que se apresentava o Estado; segundo, em consequência dos acontecimentos internacionais, que neste momento influenciavam de forma significativa a juventude.

A juventude, incitada por toda essa conjuntura e sem nenhum meio de negociação com o Estado, em termos de melhorias das condições sociais, econômicas e sobretudo políticas, se propôs a pegar em armas e radicalizar suas ações em busca de mudanças concretas. Adiante, veremos como a radicalização desse movimento possibilitou a formação de organizações armadas, que lutaram contra o próprio Estado repressivo em busca dos seus princípios.

1.4 A etapa final do antiperonismo: os governos de Illia, Onganía e o fortalecimento de grupos de esquerda

Em 29 de março de 1962, Arturo Frondizi sofreu um golpe de Estado. Grande parte da direita, incluindo alguns militares, estava insatisfeita com as medidas adotadas por ele, inclusive com a legalização do Partido Justicialista e as negociações e brechas entre seu governo e o peronismo. Essa insatisfação intensificou-se com o triunfo do peronismo nas eleições legislativas e provinciais de 1962, na maioria do território argentino. O objetivo dos militares

---

[45] Frondizi, que había escrito un muy difundido alegato nacionalista, se sintió libre para anunciar que, a fin de liberar o país de la sujeción al imperialismo, era necesario garantizar generosas concesiones petroleras a las compañías multinacionales. Ese temerario ejercicio retórico llevó perplejidad a los viejos argentinos, acostumbrados a escuchar los sonidos familiares de ideologías opuestas. Para las nuevas generaciones, significó, más bien, la traumática confirmación de la corrupción de los ideales políticos [...] El fin de la ilusión frondicinista se resolvió por la radicalización de los estudiantes universitarios y el surgimiento de un extendido movimiento de secesión cultural.

era convocar eleições em breve e restaurar a antiga configuração partidária sem o peronismo. Nessa lógica, Arturo Frondizi foi destituído do poder e José María Guido, presidente provisório do Senado, assumiu a presidência. (ADAMOVSKY, 2012).

No ano posterior, 1963, foram realizadas eleições presidenciais com restrições claras ao partido peronista. O vencedor foi Arturo Umberto Illia, candidato da União Cívica Radical (UCR). O então governo presidiu a Argentina no período de 1963 a 1966, quando foi substituído pelo general Juan Carlos Onganía. Logo no início do governo de Artur Illia, as greves e as manifestações já se faziam constantes; o governo respondia com medidas repressivas. Assim, inúmeras formas de terror foram instauradas contra os trabalhadores pelo setor patronal com o apoio do presidente. De acordo com Di Tella,

> As greves gerais se proliferaram e logo foram acompanhadas por ocupações de fábricas e sequestros de empresários, aos quais se lhes impedia de sair de suas fábricas enquanto durassem os conflitos. As atitudes violentas estavam crescendo em todos os ambientes do país. O exemplo da Revolução Cubana (no poder desde janeiro de 1959), foi determinante nesse sentido, pois fez conceber a muitos que, o que haviam tido como uma longínqua esperança, tornava-se logo perfeitamente realizável. (DI TELLA, 2010, p. 249).

Em meio a tanta rejeição e resistência contra o presidente, Perón aproveitou a oportunidade para anunciar sua volta do exílio. Em 17 de outubro de 1964, na comemoração do dia peronista, uma gravação foi reproduzida na Plaza Onze. Nela, Perón anunciava seu retorno ao país.

Entretanto, a operação de retorno fracassou. Arturo Umberto Illia, com apoio do presidente do Brasil, Humberto Castello Branco, impediu a chegada do voo de Perón a Buenos Aires[46]. Assim, depois de muitas horas e muitas tentativas de seguir viagem para a Argentina, o avião retornou à Espanha. Nesse contexto, Perón enviou sua esposa, Maria Estela Martínez[47] à Argentina. Ela visitou algumas províncias e se reuniu com líderes sindicais e políticos. (ETULAIN, 2001).

Convergente com toda essa resistência ao governo, a inserção dos jovens na cena política era cada vez mais clara e as ameaças de revolução eram cada vez mais frequentes. O evento que demonstrou essa inserção dos jovens na prática foi o chamado *Cordobazo*, em 1969, na cidade de Córdoba, envolvendo muitos jovens que defendiam uma bandeira anti-imperialista

---

[46] EL RETORNO frustrado de 1964. Disponível em: <http://www.elortiba.org/retorno.html#El_retorno_frustrado_de_1962_>. Acesso em: 16 mar. 2016.

[47] Isabel Perón nasceu na província de La Rioga, em 1931. Em 1956, conheceu Perón no Panamá. Foi sua secretária antes de se casar com ele, em 1960. Foi presidente da Argentina entre 1974 e 1976. (ETULAIN, 2001).

e lutavam por uma revolução socialista. Setores cada vez maiores da população se agregavam à luta contra o governo de Arturo Illia. As Forças Armadas, receosas em relação ao período conturbado do governo, e tendo em vista a aproximação das novas eleições, resolveram intervir. Em 28 de junho de 1966 ocorreu um novo golpe de Estado e o general Juan Carlos Onganía assumiu o poder. (ADAMOVSKY, 2012).

Com Juan Onganía no poder a repressão aumentou ainda mais. Todas as correntes da vida política foram expressamente proibidas. O mal-estar dos trabalhadores era visível, sobretudo com a implantação do plano anti-inflacionário, que incluiu o corte de gastos públicos, a desvalorização do peso, o aumento de tarifas e o estímulo à instalação de transnacionais. A Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) resistiu lançando um plano de luta que foi fortemente reprimido pelo Estado. A resistência ao governo cresceu em diversas formas de organização dentro dos locais de trabalho, tais como assembleias e comissões. (ADAMOVSKY, 2012). Carlos Etulain faz uma caracterização do general Juan Carlos Onganía da seguinte maneira:

> Onganía era um militar que projetou a imagem de um homem sóbrio, afastado da política e crente na tecnocracia. Em sua gestão - junho de 1966 a junho de 1970 -, conciliou modernização excludente com repressão. [...] Onganía, enquanto beneficiava o grande capital, impunha pressões aos cidadãos, com quedas no nível dos salários, desemprego e controle permanente da polícia. (ETULAIN, 2001, p. 164).

Por conseguinte, de acordo com os autores consultados (ADAMOVSKY, 2012; ETULAIN, 2001; JAMES, 2010), a falta de liberdade política, resultado de um governo coercitivo, e a exploração dos trabalhadores legitimada pelo Estado foram alguns dos aspectos que reuniu jovens universitários, intelectuais e trabalhadores, reforçando, assim, o sentimento de luta e rechaço ao governo.

O exemplo prático do rechaço e resistência ao governo coercitivo foram as mobilizações chamadas *las puebladas*. Essas manifestações reuniam vários setores sociais, com destaque para estudantes e trabalhadores. Os pequenos comerciantes, as donas de casa e os profissionais de diferentes áreas também se fizeram presentes. Essas manifestações provocaram fortes enfrentamentos com as forças do Estado, chegando ao nível de rebeliões envolvendo cidades inteiras. Entre 1969 e 1973 ocorreram pelo menos quinze *puebladas*, incluindo ainda outros episódios menores. (ADAMOVSKY, 2012). Contudo, a *pueblada* de maior repercussão ocorreu nos dias 29 e 30 de maio de 1969, em Córdoba, e ficou conhecida como *Cordobazo*. Sobre o assunto, afirma Ezequiel Adamovsky:

> [...] O *Cordobazo* de 29 e 30 de maio de 1969, derivou em uma verdadeira insurreição popular. Os atores decisivos desta revolta foram os operários das automotrizes e da rede de energia elétrica, e os estudantes. Os primeiros vinham acumulando motivos para o descontentamento. [...] os estudantes não tinham menos motivos para detestar a ditadura. [...] Onganía tinha colocado agora a Universidade sob o férreo controle do regime. (ADAMOVSKY, 2012, p. 270, tradução nossa).[48]

O autor prossegue:

> Perante a convocatória de uma greve geral decretada por ambas CGT para o dia 29, representantes de *SMATA, luz y fuerza* e outros sindicatos, junto a estudantes, decidiram marchar conjuntamente até o centro da cidade. [...] mas a polícia bloqueou o deslocamento, desatando a primeira repressão. [...] Os vizinhos demonstravam sua solidariedade saindo às ruas ou levando-lhes objetos para se defenderem da polícia. [...] Depois do meio-dia, a multidão rebelde ocupava toda a parte oeste de Córdoba. [...] Desde a Semana Trágica, não se via na Argentina uma insurreição de tal magnitude, com barricadas, franco-atiradores e enfrentamentos massivos. [...] No amanhecer do dia 30, no bairro Clínicas, os rebeldes ainda resistiam. Então o Exército lançou sua ofensiva final e conseguiu retomar o controle da cidade. O *Cordobazo* tinha acabado. (ADAMOVSKY, 2012, p. 272-273, tradução nossa).[49]

Desse modo, o *Cordobazo* foi o momento de mais clara inserção dos jovens na política, a primeira vez que se fizeram visíveis como atores políticos e sociais. Após o *Cordobazo*, os jovens se entusiasmaram e um massivo alistamento em organizações de esquerda marcou esse período. (ADAMOVSKY, 2012). Os valores da esquerda tradicional, tais como o socialismo soviético, foram rejeitados, e uma nova perspectiva, ligada ao "socialismo nacional", foi eleita pelos jovens de esquerda. Segundo Di Tella,

> A juventude intelectual não quis saber nada dos partidos políticos tradicionais do centro e da esquerda moderada ou do peronismo clássico e, de certa forma, os abandonou a si mesmos, absorvidas pelas verdades alucinantes da seitas e dos minúsculos partidos situados às margens da legalidade. Dostoyevsky haveria dito que, fascinados pelo escaravelho francês, não viam o elefante russo. (DI TELLA, 2010, p. 253).

---

[48] [...] el Cordobazo de 29 y 30 de mayo de 1969, derivó en una verdadera insurrección popular. Los actores decisivos de esta gesta fueron los obreros de las automotrices y de la red de energía eléctrica, y los estudiantes. Los primeros venían acumulando motivos para el descontento. [...] los estudiantes no tenían menos motivos para detestar la dictadura. [...] Onganía había puesto ahora la Universidad bajo férreo control del régimen.

[49] Ante la convocatoria a una huelga general decretada por ambas CGT para el día 29, representantes de SMATA, luz e fuerza y otros gremios, junto a estudiantes, decidieron marchar conjuntamente al centro de la ciudad. [...] pero la policía les bloqueó el paso, desatando la primera represión. [...] Los vecinos les demostraban su solidaridad saliendo a las calles o alcanzándoles elementos para defenderles da policía. [...] Pasado el mediodía, la multitud rebelde ocupaba toda la parte oeste de Córdoba. [...] Desde de la Semana Trágica, no se veía en la Argentina una insurrección de tal magnitud, con barricadas, francotiradores y enfrentamientos masivos. [...] Para el amanecer del día 30 en el barrio Clínicas los rebeldes todavía resistían. Entonces, el Ejército lanzó su ofensiva final y logro retomar el control de la ciudad. El Cordobazo había terminado.

Os princípios de socialismo nacional, a luta pela liberdade política, a justiça social e a luta pelo desenvolvimento nacional contra o poder imperialista foram os fundamentos desse movimento. Os jovens se organizaram em numerosos grupos guerrilheiros nos fins da década de 1960 e início da década de 1970. Lutavam com violência contra um Estado que também se baseava na violência. Esses jovens pagavam qualquer preço para alcançar seus princípios, até mesmo com suas próprias vidas e com as dos seus opositores. As ações armadas desses grupos e a repressão do Estado alcançavam níveis sem precedentes. (ADAMOVSKY, 2012).

Dentre esses grupos guerrilheiros, destaca-se o Montoneros. Logo em meados de 1969, o grupo assassinou o sindicalista metalúrgico Augusto Vandor[50] e, no início da década de 1970, o general Pedro Eugenio Aramburu (ex-presidente no período de 1955-1958). Essas duas ações e outras, que incluíam assaltos, roubos e sequestros, intensificaram ainda mais a situação da violência na Argentina e "colocavam em xeque" o governo de Juan Carlos Onganía, que, para os militares, não conseguia "manter a ordem". (DI TELLA, 2010).

Os jovens de fins da década de 1960 e início da década de 1970 assumiram cada vez mais uma postura de rechaço à ditadura do presidente Onganía. O conjunto dos militares se preocupava com o fim do controle do então governo e concluiu que seria impossível seguir a mesma lógica. Sendo assim, em meados de 1970, o comandante-chefe general Alejandro Lanusse, através de um novo golpe de Estado, destituiu do poder Onganía e colocou em seu lugar o general Roberto Marcelo Levingston. Entretanto, diante de tanta violência, os militares optaram pelo retorno a um regime civil. (DI TELLA, 2010).

Para Adamovsky, em virtude do retorno a um regime civil, de toda a situação de resistência e dos efeitos da Revolução Cubana, os jovens acreditavam cada vez mais que não seria impossível uma Revolução Socialista Nacional na Argentina. Os ânimos aumentariam com o retorno de Perón em 1973.

1.5 As mulheres, a política e a sociedade argentina

Em conformidade com as análises de Adamovsky (2012) e Grammático (2011), desde o período designado Década Infame, as mulheres estiveram inseridas na luta política da Argentina. Dessa maneira, mesmo levando em consideração as dificuldades vivencias por elas

[50] Augusto Vandor nasceu em 1924 e morava na província de Entre Rios. Em 1948 iniciou sua carreira como delegado sindical de fábrica. Transformou-se no líder mais importante do partido neoperonista: a Unión Popular. Foi odiado por Montoneros e considerado traidor do peronismo por se aliar a golpistas e não seguir as ordens de Perón. Tinha o objetivo de desenvolver o peronismo sem Perón na Argentina e, nesse contexto, conseguir autonomia sindical. (ETULAIN, 2001).

e a falta de direitos políticos propriamente ditos, lutaram em busca de seus direitos e por melhores condições políticas e sociais.

Nesse sentido, um exemplo de inserção política das mulheres antes de alcançarem o direito ao voto, foi o que ocorreu antes de Perón ser eleito em 1946. As mulheres se manifestaram enfaticamente na primeira campanha de Perón, inclusive afrontando a própria elite "moralista" daquele momento. Em coro, elas cantavam: "Sem sutiã e sem calcinha / Somos todas de Perón." (ADAMOVSKY, 2012, p. 189, tradução nossa).[51]

No entanto, é importante resaltar, que antes dos governos de Perón, a situação feminina era extremamente complicada. No campo trabalhista, uma mesma atividade desempenhada por homens e mulheres correspondia a pagamentos distintos: os homens recebiam mais em relação às mulheres.

Além disso, eram frequentes os casos de abuso sexual partindo de patrões, chefes e companheiros de trabalho. A discriminação e o "moralismo" também eram habituais. Em muitas fábricas, era comum o uso de regras que impediam a contratação de mães solteiras. Em outros estabelecimentos, as mulheres deveriam permanecer solteiras, sem qualquer forma de relacionamento. Essas questões de diferenciação e tratamento desumano das mulheres no mercado de trabalho eram explicadas "socialmente", partindo do princípio de que lugar de mulher era "dentro de casa" e que o trabalho desonrava a mulher e sua beleza feminina. Partindo dessa lógica, as mulheres não deveriam ser respeitadas e sempre deveriam ser tratadas diferente em relação aos homens. (ADAMOVSKY, 2012).

Adamovsky (2012) acrescenta que, além das dificuldades no campo trabalhista, as mulheres não tinham sequer direito à participação no processo político do país, que também não era considerado "assunto de mulher". Em setembro de 1947, o Congresso aprovou a lei do voto feminino no primeiro ano de governo de Perón. A partir de então, a situação começou a mudar.

No primeiro governo de Perón (1946-52), concomitante às várias mudanças ocorridas, principalmente no que tange ao social, as mulheres adquiriram direitos nunca obtidos anteriormente. Desde então, poderiam participar com o mesmo peso que os homens na política e, ainda, deveriam receber o mesmo pagamento pelo mesmo serviço prestado, sem diferenciação de sexo.

---

[51] Sin corpiño y sín calzón / Somos todas de Perón.

Nesse contexto, torna-se importante nos reportarmos a Eva Duarte Perón[52], que influenciou significativamente a ascensão das mulheres na sociedade argentina. Diferente das primeiras damas da época, Evita, como era chamada, tinha muito interesse nos assuntos do Estado. Queria participar ativamente das demandas oriundas do governo e contribuiu intensamente para a luta das mulheres e a defesa do direito ao voto feminino.

No discurso abaixo, pronunciado em 23 de setembro de 1947, na Plaza de Mayo, quando foi sancionada a lei do voto feminino, podemos perceber como Evita se relacionava com as mulheres e como as estimulou à luta por seus direitos.

> Mulheres da minha Pátria: Recebo neste instante, das mãos do Governo da Nação, a lei que consagra nossos direitos cívicos. E a recebo, perante vocês, com a certeza de que o faço em nome e representando todas as mulheres argentinas. Sinto, jubilosamente, que tremem minhas mãos no contato com o louro que proclama a vitória. Aqui está, minhas irmãs, resumida na letra apertada de poucos artigos uma longa história de luta, tropeços e esperanças. Por isso há nela crispações de indignação, sombras de ocasos ameaçadores, mas também alegre despertar de auroras triunfais!... E isto último, que traduz a vitória da mulher sobre as incompreensões, as negações e os interesses criados das castas repudiadas por nosso despertar nacional, só foi possível no ambiente de justiça, de recuperação e de saneamento da Pátria, que estimula e inspira a obra de governo do general Perón, líder do povo argentino. (Tradução nossa).[53]

De acordo com Adamovsky (2012), Evita não era ovacionada apenas pelas mulheres; os trabalhadores das fábricas e a maioria das pessoas pobres tinham enorme respeito e admiração por ela. Não apenas por suas contribuições e atenção aos pobres, mas também pelo fato de se identificarem com ela em virtude da sua origem modesta. Em meados de 1948, Eva Perón organizou a Fundação Eva Perón com o objetivo de levar ajuda social aos pobres e necessitados. Adamovsky esclarece que a Fundação era

---

[52] Eva Duarte Perón nasceu em 1919 e se casou com Perón em 1945. A partir desse momento, se tornou uma importante líder política. Criou o Partido Peronista Feminino e a Fundação Eva Perón, além de participar ativamente de decisões políticas na Argentina. (ADAMOVSKY, 2012).

[53] Mujeres de mi Patria: Recibo en este instante, de manos del Gobierno de la Nación, la ley que consagra nuestros derechos cívicos. Y la recibo, ante vosotras, con la certeza de que lo hago, en nombre y representación de todas las mujeres argentinas. Sintiendo, jubilosamente, que me tiemblan las manos al contacto del laurel que proclama la victoria. Aquí está, hermanas mías, resumida en la letra apretada de pocos artículos una larga historia de lucha, tropiezos y esperanzas. ¡Por eso hay en ella crispaciones de indignación, sombras de ocasos amenazadores, pero también, alegre despertar de auroras triunfales!... Y esto último, que traduce la victoria de la mujer sobre las incomprensiones, las negaciones y los intereses creados de las castas repudiadas por nuestro despertar nacional, sólo ha sido posible en el ambiente de justicia, de recuperación y de saneamiento de la Patria, que estimula e inspira la obra de gobierno del general Perón, líder del pueblo argentino. (DISCURSO de Eva Duarte Perón. Anuncio da lei do voto feminino. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/documentos/ascenso_y_auge_del_peronismo/anuncio_de_la_ley_del_voto_femenino_evita.php>. Acesso em: 15 mar. 2016.)

> [...] Uma estrutura paraestatal de grande envergadura, com que conseguiu levar ajuda social – de remédios, óculos e presentes para crianças, até a construção de escolas, moradias, hospitais e provedorias – aos mais humildes em todos os cantos do país. (ADAMOVSKY, 2012, p. 217, tradução nossa).[54]

De acordo com Adamovsky (2012), em 1949, Eva criou o Partido Peronista Feminino (PPF), composto apenas por mulheres e o objetivo de manter sempre ativa a luta pelos seus direitos. A participação das mulheres no partido envolvia uma série de problemas. Tinham que lidar com diversas formas de discriminação, visto que estavam inseridas em uma sociedade onde as atividades políticas eram estritamente reservadas aos homens. Ademais, a grande maioria dessas mulheres tinha de conciliar a vida no lar com a atuação no partido, já que as tarefas de casa eram reservadas exclusivamente a elas. Com a morte de Evita, em 1952, o partido foi se desintegrando até acabar. Perón não o apoiava, ao contrário, nutria antipatia pela legenda. Embora algumas mulheres tentassem organizá-lo, foi inevitável: Perón desautorizou-o, pois o irritava ter que lidar com as *galináceas*, como as chamava. (ADAMOVSKY, 2012).

Contudo, apesar de toda atuação na luta pelo reconhecimento dos direitos femininos, principalmente na luta pelo voto feminino, Evita não rompeu totalmente com as estruturas tradicionais que mantinham a mulher no espaço privado. Nessa lógica, de acordo com Gené, “As tensões entre o apelo à atividade política e a permanência no lar se resolveram na definição da prática política feminina como assistencialismo e 'ajuda social' o que não colocava contradições com as tarefas domésticas." (GENÉ, 2005, p. 52, tradução nossa)[55]. Ainda segundo a mesma autora,

> (...) O direito de voto, se bem abriu um espaço de participação inédito para as mulheres, não significou de fato afirmar a autonomia e transgredir os limites do modelo feminino tradicional. ‘As diferenças de natureza entre homem e mulher não eram questionadas para nada' - afirma Lila Caimari - ‘já que o estímulo à participação da mulher em assuntos políticos ficava sempre submetido à tutela masculina’ e, em última instância, o modelo de submissão ao marido reaparecia quando apresentava-se como simples instrumento ao serviço da missão extraordinária de Perón. (GENÉ, 2005, p. 53, tradução nossa).[56]

---

[54] [...] una estructura paraestatal de gran envergadura, con la que consiguió llevar ayuda social – desde remedios, anteojos y regalos para niños, hasta la construcción de escuelas, viviendas, hospitales y proveedurías – a los más humildes en todos los rincones del país.

[55] Las tensiones entre la apelación a la actividad política y la permanencia en el hogar se resolvieron en la definición de la práctica política femenina como asistencialismo y “ayuda social” que no planteaba contradicciones con las tareas domésticas.

[56] (...) el derecho a voto, si bien abrió un espacio de participación inédito para las mujeres, no significó de hecho afirmar la autonomía y transgredir los límites del modelo femenino tradicional. ‘Las diferencias de naturaleza entre el hombre y la mujer no eran cuestionadas en absoluto’ - sostiene Lila Caimari - ‘ya que el estímulo a la participación de la mujer en asuntos políticos quedaba siempre sometido a la tutela masculina’ y en última instancia el modelo de sumisión al marido reaparecía cuando se presentaba como simple instrumento al servicio de la misión extraordinaria de Perón.

Desse modo, se a própria Evita tinha um certo grau de subordinação em relação a Perón, as coisas não podiam ser tão diferentes: de alguma maneira ela reproduzia essa subordinação a outras mulheres. Para Adamovsky (2012, p. 221, tradução nossa)[57], “Evita fez todo o possível para deixar claro que ela se subordinaria ao líder masculino e que as mulheres deviam ser 'instrumentos' da política que ele indicasse.”

Com o fim dos dois governos de Perón e o golpe, muitas mulheres se juntaram à resistência peronista. Em muitos momentos encheram as ruas exercendo seus papéis no embate político e lutando por seus objetivos e propostas de mudança. Segundo Adamovsky,

> As mulheres não ficaram atrás: além de estarem junto aos homens em várias dessas ações, protagonizaram algumas próprias, como a manifestação em que marcharam por Rosario levantando as saias e gritando "Destes ventres saem os filhos de Perón!”. Iniciou-se assim um longo período de intensas lutas que se conhece como a Resistência Peronista. (ADAMOVSKY, 2012, p. 232, tradução nossa).[58]

Como podemos notar, a participação das mulheres na política foi muito grande, sobretudo nos períodos em que Perón esteve no poder, quando mudanças significativas ocorreram. Tais mudanças deram às mulheres possibilidades concretas de luta. O direito ao voto é um exemplo: as mulheres podiam atuar ativamente na política do país, escolhendo seus representantes e contribuindo para as mudanças que acreditavam ser necessárias.

A partir da década de 1960 as relações entre homens e mulheres e os papéis sociais estabelecidos para cada um deles começaram a serem questionados pela geração mais jovem: a “moral tradicional” foi criticada em todas as suas formas. Assuntos como igualdade de gênero, subordinação das mulheres ao poder masculino, repressão sexual feminina e todas as formas de discriminação da mulher estavam na ordem do dia.

No entanto, a origem desses questionamentos extrapola o cenário argentino. Essas discussões perpassam vários países, assumindo diferentes matrizes de acordo com as distintas especificidades de cada lugar. Para entendermos os referidos debates e questionamentos com mais profundidade, reportaremo-nos a acontecimentos de âmbito mundial, tais como as

---

[57] Evita hizo todo lo posible para dejar en claro que ella se subordinaría al líder masculino y que las mujeres debían ser “instrumentos” de la politica que el indicara

[58] Las mujeres no se quedaran atrás: además de estar junto con los varones en varias de estas acciones, protagonizaron algunas propias, como la manifestación en la que marcharon por Rosário levántandose las faldas y gritando"¡ De estos vientres salen los hijos de Perón!”. Se inició así un largo período de intensas luchas que se conoce como la Resistencia Peronista.

chamadas Ondas Feministas,[59] que, de acordo com Maria Joana Pedro (2010), impactaram de forma significativa muitos países, inclusive os do Cone Sul a partir dos anos setenta. Ainda para a referida autora, a segunda onda feminista iniciada nos Estados Unidos e nos países da Europa ocidental, assumiu em cada lugar uma configuração específica. Desse modo, devemos levar em consideração as influências externas sem perder de vista o contexto específico de cada lugar, para não correr o risco de fazermos leituras generalizantes e homogeneizadoras de processos que são ao mesmo tempo específicos e distintos.

Nessa lógica, os questionamentos dos papéis entre homens e mulheres e a crítica à "moral tradicional" referidos anteriormente estão inseridos no contexto de deflagração da Segunda Onda Feminista, que se desenvolveu nos países da América Latina, aproximadamente no início da década de 1970. Não que essas discussões se iniciassem apenas nesse momento, mas se sustentaram nessa base, que condicionou a radicalização de muitas premissas. No entanto, é importante ressaltar, como mostra Grammático (2005) na citação abaixo, que muitas mulheres já estavam inseridas na luta política antes do contato com o feminismo e que a própria aproximação do feminismo, em alguns casos, foi propiciada a partir da atuação política.

> [...] A experiência militante dos anos sessenta e setenta originou um singular percurso político posterior que envolveu particularmente as mulheres. Para um número considerável de mulheres militantes daqueles anos, seu compromisso político foi deslizando com os anos, e não sem aflições, para outro, de diferente cunho, que as fez se interessar pela situação das mulheres e aproximar-se do projeto feminista. (GRAMMÁTICO, 2005, p. 31, tradução nossa).[60]

Enfim, de acordo com Iglesias (2010), os feminismos latino-americanos se desenvolveram com diferentes ritmos, desde fins da década de 70, generalizando-se durante os anos 80, em todos os países da região. Seu surgimento se deu em paralelo à expansão de um amplo e heterogêneo movimento de mulheres, expressando as diferentes formas de conectar e atuar nos espaços públicos. Logo, podemos entender, que até mesmo os contextos de desenvolvimento das discussões feministas na América Latina eram bem diferentes e ocorreram em momentos distintos.

---

[59] De acordo com Pedro (2010), a Primeira Onda Feminista esteve centrada principalmente na reivindicação de direitos políticos, como o de votar e ser eleita. A Segunda Onda surgiu, por sua vez, após a Segunda Guerra Mundial e tinha como prioridade as lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado. Uma das palavras de ordem era: "o privado é político".

[60] [...] la experiencia militante de los años sesenta y setenta dio lugar a un singular recorrido político posterior que involucró particularmente a las mujeres. Para un número considerable de mujeres militantes de aquellos años, su compromiso político fue deslizándose con los años y no sin desgarramientos, hacia otro, de diferente cuño, que las hizo interesarse por la situación de las mujeres y desde allí, acercarse al proyecto feminista.

Além de tudo isso, segundo Cecilia Belej, Silvia Escanilla Huerta, Ana Laura Martin e Alina Silveira (2005), a Segunda Onda Feminista trouxe uma insuperável fórmula que definiu suas ideias e práticas: “O pessoal é político” ou “O privado é político”. Essa fórmula, segundo as autoras acima, mais que um lema, representou um processo, na medida em que muitas mulheres compartilhavam experiências e práticas cotidianas que superavam as vivências individuais. Muitas dessas experiências eram comuns entre elas. Nesse sentido, o que muitas vezes era tido como privado se tornou público: a subordinação feminina ao poder masculino, em suas várias vertentes, foi um exemplo claro de situação que se tornou “pública”.

Na Argentina, podemos visualizar esse processo de compartilhamentos de experiências em vários espaços. A *Agrupação Evita*, frente feminina desenvolvida no grupo Montoneros em 1973, é um exemplo: em vários momentos muitas mulheres compartilhavam suas experiências pessoais com o grupo.

Sobre o compartilhamento de experiências na *Agrupação Evita*, afirma Andújar,

> [...] a Agrupação Evita foi uma experiência coletiva de crescimento coletivo, de nos conhecermos e reconhecermos, de discutir entre nós, com as companheiras dos bairros, os problemas que iam surgindo como mães, como esposas, como militantes, como trabalhadoras. Fomos vendo que tínhamos reivindicações. E como não nos vermos como mulheres que tínhamos essas reivindicações e não tomar consciência dessa discriminação dentro de um processo que falava de mudança, de transformação, de Igualdade? (ANDÚJAR, 2005, p. 499, tradução nossa).[61]

Para Garbero (2012), as Madres da Plaza de Mayo também representam o lema “O pessoal é político”, na medida em que saíram para o espaço público com o objetivo de denunciar um problema de cunho “privado”: o desaparecimento dos seus filhos.

Outro aspecto que diz respeito às especificidades do feminismo na Argentina se refere às associações feministas que sugiram ao longo da década de 1970. Segundo Grammático (2005), em 1970 Nelly Bugallo, Leonor Calvera, María Luisa Bemberg y Gabriella Roncoroni de Christeller, entre outras, fundaram a Unión Feminista Argentina (UFA). Assim, foi organizada uma seção plenária para discutir estratégias feministas e objetivos gerais. Além disso, as integrantes da UFA faziam grupos de consciência nos quais discutiam inúmeros textos vindos dos Estados Unidos. (PEDRO, 2010). Segundo Vassalo (2005), a UFA abriu caminho e funcionou como uma organização federativa para outros grupos, uma vez que a partir da sua

[61] [...] la Agrupación Evita fue una experiencia colectiva de crecimiento colectivo, de conocernos y reconocernos, de discutir entre nosotras, con las compañeras de los barrios, los problemas que iban surgiendo como madres, como esposas, como militantes, como trabajadoras. Fuimos viendo que teníamos reivindicaciones. ¿Y cómo no ver nosotras como mujeres que teníamos estas reivindicaciones y no tomar conciencia de esta discriminación en medio de un proceso que hablaba de cambio, de transformación, de Igualdad?

formação e organização outras associações foram surgindo. Em 1972, nasceu o Movimento de Libertação Feminina (MLF), liderado por Maria Elena Odonne. Foi o grupo que mais lutou para instalar nas ruas o debate sobre o aborto. Após três anos editaram a revista **Persona**, a primeira revista feminista da época (BELLUCCI; RAPISARDI, 2001). Em 1974, nasceu o Movimento Feminista Popular (MOFEP), que mais tarde se transformou em CESMA e a Associação para a Libertação da Mulher Argentina (ALMA).

Em 1975, com a Declaração do Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas (ONU), em muitos países surgiram organizações, encontros e discussões feministas. (WOLFF, 2010). Os grupos citados acima, com exceção do MOFEP, se uniram e formaram a Frente de Luta pela Mulher (FLM), que, segundo Grammático (2005) e Vassalo (2005), levou adiante um interessante programa de propostas e atividades que se definia como a síntese de esforços e lutas nos cinco anos prévios. O programa incluía: salário para o trabalho doméstico; oportunidades iguais para o acesso à educação, formação técnica e emprego; anulação da legislação que proibia a difusão e uso de contraceptivos e aborto legal e gratuito, realizados em hospitais públicos; não discriminação de mães solteiras e proteção a seus filhos, além de outras propostas.

Todavia, para Cristina Scheibe Wolff (2010, p. 140), na Argentina, o ano de 1975 não foi tão favorável quanto em outros países, visto que "[...] foi marcado muito mais pela repressão do que pela organização, mesmo que se vivesse em um governo presidido por uma mulher, Isabellita Perón."

Finalmente, levando em consideração o contexto de luta das mulheres na Argentina e em outros países, devemos compreender esses movimentos como modelos diferenciados, ancorados a contextos de cada país. Nesse sentido, é importante destacar também que as lutas são diferenciadas até mesmo dentro dos próprios espaços de um mesmo país. Um exemplo que ilustra bem isso é a pluralidade de grupos formados a partir da década de 1970 na Argentina.

A partir do que foi explicitado acima, podemos notar que as modificações na cultura juvenil estavam diretamente ligadas à participação das mulheres na vida política da Argentina. Nesse sentido, reportamo-nos mais uma vez à noção de cultura política para tentarmos entender essas modificações como "respostas" a "problemas sociais", compartilhados ao longo do tempo por vários grupos e indivíduos que compõem a sociedade. (BERSTEIN, 1998). Essas respostas, segundo Berstein (1998), levam tempo para se impor, na medida em que os "problemas" estão arraigados profundamente em diversos âmbitos sociais, além de estarem enraizados nos indivíduos desde seus diferentes níveis de formação. Dessa forma, como explica o autor,

existem vários meios sociais de “convencimento” para que uma determinada ideia seja “aceita” e, por sua vez, compartilhada como norma social.

> Em primeiro lugar, a família, onde a criança recebe mais ou menos diretamente um conjunto de normas, de valores, de reflexões que constituem a sua primeira bagagem política, que conservará durante a vida ou rejeitará quando adulto. Depois a escola, o liceu, a universidade, que transmitem, muitas vezes de maneira indireta, as referências admitidas pelo corpo social na sua maioria e que apoiam ou contradizem a contribuição da família. Vêm depois as influências adquiridas em diversos grupos onde os cidadãos são chamados a viver. (BERSTEIN, 1998, p. 356).

Assim sendo, podemos entender o quão é difícil romper com uma norma social consolidada ao longo de anos em uma sociedade. Partindo desse princípio, compreendemos as ideias e normas relacionadas aos papéis desempenhados politicamente por homens e mulheres na Argentina.

No entanto, devemos entender a(s) cultura(s) política(s) como algo plural e dinâmico que, embora se consolide em alguns momentos, não é necessariamente invariável e imutável. Como destaca Berstein,

> A cultura política assim elaborada e difundida, à escala das gerações, não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta, se enriquece com múltiplas contribuições, as das outras culturas políticas quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do momento, os da evolução da conjuntura que inflecte as ideias e os temas, não podendo nenhuma cultura política sobreviver a prazo a uma contradição demasiado forte com as realidades. (BERSTEIN, 1998, p. 357).

É nessa perspectiva que analisamos a atuação das mulheres nos fins da década de 1960 e início da década de 1970, levando em consideração uma cultura política baseada em “normas sociais tradicionais e machistas”, que começa a se modificar, mesmo que de forma lenta. Isso se levarmos em consideração que, desde o período da Década Infame, mudanças nesses aspectos já afloravam. De acordo com Berstein (1998, p. 360), “A força da cultura política como elemento determinante do comportamento do indivíduo resulta em primeiro lugar, da lentidão e da complexidade da sua elaboração”.

Enfim, para que possamos analisar e entender as atuações femininas, faz-se necessário levarmos em consideração o contexto e a(s) cultura(s) política(s) estabelecidas naquele momento. Caso contrário, nossa análise perde o sentido, uma vez que os “problemas” do momento não são colocados em discussão.

Destarte, as modificações ocorridas nas décadas de 1960 e 1970 legitimavam os papéis femininos e demonstravam a importância da articulação feminina na luta política.

Assim, muitas mulheres jovens se envolveram nessa luta. Norma Arrostito, a Gaby, foi um dos exemplos de atuação feminina nesse período. Junto com ela, podemos citar Antônia Canizo, Amanda Peralta, Marta Bazan, entre outras. Essas mulheres fizeram parte dos grupos de esquerda oriundos de fins da década de 1960 e início de 1970. Segundo palavras de Wolff,

> No Brasil, Marcelo Ridenti encontrou 15 a 20% de mulheres nas organizações armadas, em dados obtidos nos processos contra elas. No Uruguai, entre os Tupamaros, Ana Maria Araujo menciona que um terço dos militantes eram mulheres. Da mesma forma, entre os militantes desaparecidos na Argentina, em torno de 30% eram mulheres. Para o Chile, Bolívia e Paraguai, não tenho ainda dados numéricos, mas a participação de mulheres em grupos de guerrilha e resistência também é reportada. (WOLLF, 2013, p. 3).

Na Argentina, o Exército Revolucionário do Povo[62] e o grupo Montoneros contaram com muitas mulheres em suas bases. Norma Arrostito foi um exemplo: ela atuou no grupo Montoneros. Entretanto, mesmo participando da fundação do grupo e de atuações consideradas importantes, não conseguiu alcançar, em nenhum momento, a liderança no grupo. Norma participou do sequestro do ex-presidente Eugenio Aramburu e foi uma figura emblemática dentro da organização, mas não era usual uma mulher fazer parte da condução de um grupo guerrilheiro. No caso do Montoneros, não foi diferente.

No que tange às responsabilidades de direção dos grupos armados, reitera Isabella Cosse:

> No entanto, como têm enfatizado distintas investigações, foram poucas as mulheres que participaram de responsabilidades de direção e frequentemente lhes davam tarefas associadas à condição feminina. A reestruturação das relações de gênero teve um lugar secundário nas organizações de esquerda. (COSSE, 2010, p. 144, tradução nossa).[63]

A partir das afirmações abordadas, percebemos que estamos diante de um paradoxo. Os grupos armados de esquerda eram constituídos em sua maioria por jovens. Esses jovens, por sua vez, tinham a pretensão de romper com o "moralismo tradicional", incluindo as diferenças entre homens e mulheres. A igualdade, a liberdade e a justiça social ocupavam espaço central na atuação desses grupos, contudo, esses temas eram restritos à luta contra o regime, uma vez que não se estendiam a problemas sociais cruciais daquele momento, como é o caso da hierarquização de gênero. No entanto, essas questões como, por exemplo, a atuação feminina

---

[62] O Exército Revolucionário do Povo (ERP) foi um dos grupos armados mais importantes da Argentina. Fundado em 1969, atuou como guerrilha urbana e rural. (ADAMOVSKY, 2012).

[63] Sin embargo, como han enfatizado distintas investigaciones, fueron pocas las mujeres que participaron de responsabilidades de dirección y frecuentemente se les otorgaban tareas asociadas a la condición femenina. La reestructuración de las relaciones de género tuvo un lugar secundario en las organizaciones de izquierda.

em espaços públicos, já se faziam presentes naquele momento, em virtude não só do contexto argentino, mas das manifestações internacionais, tal como as ondas feministas. Todavia, nos grupos, na prática da atuação, os jovens reproduziam os discursos machistas oriundos da sociedade, com reflexos do tradicional moralismo, na medida em que a atuação das mulheres era restrita em alguns pontos. Dessa forma, pode-se perceber que a busca por igualdade de gênero não ocorria por questões machistas, não por falta de amadurecimento de tais discussões naquele momento.

Como explica Saidón (2005), Norma Arrostito foi a única montonera, juntamente com Fernando Abal Medina, que foi a Cuba para receber treinamento militar; o restante do grupo quase não tinha conhecimento acerca da luta armada. Norma participava ativamente do grupo, opinava nas decisões político-ideológicas e nas questões técnicas de segurança, tais como uso de explosivos, entre outros. Mesmo considerando seu significativo papel, nunca alcançou a liderança do grupo, nem mesmo com a morte de Fernando Abal Medina, um dos mais importantes integrantes da organização. No entanto, para alguns integrantes do grupo, mesmo sem as devidas nomeações para cargos formais, Norma sempre foi considerada e reconhecida no grupo. Para Saidón, "Igualmente, para todos os outros, amigos e inimigos, seguirá sendo a Arrostito o bronze, além dos cargos formais, como uma nomeação no governo de Oscar Bidegain." (SAIDÓN, 2005, p. 131, tradução nossa).[64]

Nesse sentido, podemos notar que por mais que o grupo aceitasse a presença das mulheres, havia em seu interior um distanciamento entre homens e mulheres: as raízes machistas se faziam presentes. As mulheres, ainda que em condições necessárias para atuar, em alguns momentos mais aptas que qualquer outro homem, como é o caso de Norma Arrostito, eram desvalorizadas pelo simples fato de serem mulheres.

Entretanto, mesmo com todos os problemas e obstáculos encontrados em seus caminhos, a participação das mulheres foi intensa em tais períodos e a luta contra a discriminação e o preconceito permaneceu ativa por bons tempos.

Em 2 de dezembro de 1976, Norma foi capturada e levada para um centro de detenção, a Escola de Mecânica de Armada (ESMA), onde passou os últimos 410 dias de sua vida. Foi usada como troféu pelos militares - quando chegavam os novos detidos, eram levados até ela com o objetivo de desestruturá-los psicologicamente. Como afirma Saidón,

---

[64] Igualmente, para todos los demás, amigos y enemigos, seguirá siendo la Arrostito, el bronce, más allá de los cargos formales, como un nombramiento en la gobernación de Oscar Bidegain.

> A primeira coisa que faziam os militares, quando chegavam à Escola Mecânica da Armada (ESMA) com o novo detido-desaparecido, era levá-lo ao porão, onde estavam as salas de tortura e ali apresentá-lo o troféu. Parte da conversa de boas-vindas ao recém-chegado era: Você acredita que nós, da condução, os agarramos e massacramos. Bom, aqui temos a Arrostito. Acredita que a havíamos matado. Não. Está viva. Nós a temos. (SAIDÓN, 2005, p. 151, tradução nossa).[65]

Diferentemente de muitos dos capturados mantidos no referido centro de detenção, Norma expressava tranquilidade e aceitação de sua condição de detida.

> Gaby, como a chamávamos lá dentro, tinha uma atitude distinta de todos os demais, parecia um morto vivente. Era uma espécie de presença fantasmagórica. Era uma pessoa muito cálida, muito estranhável, muito sorridente, que transmitia a imagem de alguém que tivesse paz interior e aceitado o seu destino. (SAIDÓN, 2005, p. 163, tradução nossa).[66]

Dessa forma, de acordo com Saidón (2005), a luta de Norma pela libertação do seu país e do seu povo ultrapassava sua própria necessidade de permanecer viva naquele momento. Essa é uma das razões pela qual Norma aceitava sua condição de detida.

> Norma é muito coerente em seu pensamento e sua ação. Ela pensava algo e o realizava. Era uma pessoa muito simples, tanto em sua presença como em seus projetos. Era revolucionária, pois deixou tudo para seguir uma luta pela libertação de seu país e de seu povo e por conseguir um objetivo político. Por isso foi muito mais que um guerrilheiro, um soldado. (SAIDÓN, 2005, p. 95, tradução nossa).[67]

Assim, devemos compreender não só Norma Arrostito, mas todos os militantes do grupo (homens ou mulheres) como atores históricos atuantes em diferentes espaços políticos em que se fazem presentes diferentes formas de poder e conflito. Ademais, faz-se necessário valorizar o papel dos militantes como indivíduos que lutaram por seu país e por seus ideais de mudanças, e não como homens e mulheres com maior ou menor importância ou valor.

---

[65] Lo primero que hacían los marinos cuando llegaban a la Escuela de Mecánica de la Armada (ESMA) con un nuevo detenido-desaparecido era levarlo al sótano, donde estaban las salas de tortura, y allí presentarle el trofeo. Parte de la "charla" de bienvenida al recién llegado era: Ustedes creen que a los de la conducción si los agarramos los masacramos. Bueno, acá tenemos a la Arrostito. Creías que la habíamos matado. No. Está viva. La tenemos nosotros.

[66] La Gaby como le decíamos ahí adentro, tenía una actitud distinta de la de todos los demás, parecia un muerto viviente. Era una especie de presencia fantasmagórica. Era una persona muy cálida, muy estrañable, muy sonriente, daba la imagen de alguien que tiene paz interior, que ha aceptado su destino.

[67] Norma es una tipa muy coherente en su pensamento y su acción. Ella pensaba algo y lo llevaba a cabo. Era una persona muy sencilla tanto en su presencia como en sus planteos. Era revolucionaria porque sosrevolucionário en función de que dejaste todo para seguir uma lucha por la liberación de tu país e tu pueblo, por conseguir un objetivo político. Para eso necesitás ser algo más que un guerrillero, un soldado.

No próximo capítulo, vamos dar continuidade às discussões acerca das composições e formações do grupo Montoneros. Aprofundaremos, dessa forma, os pontos que propiciaram tais formações.

2 ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO DO GRUPO MONTONEROS

Como vimos no capítulo anterior, além de Montoneros, outros grupos também aderiram à luta armada na Argentina na década de 1970. Para Etulain (2001), diferentes setores da sociedade que até então se apresentavam separados se uniram pela primeira vez inspirados em novos valores, principalmente para lutar por melhorias da qualidade de vida da população.

Para Pozzi (2012), é notável na década de 1970 que todas as organizações armadas e não armadas, marxistas ou peronistas, que planejavam mudanças sociais cresceram de forma impressionante e muito rapidamente. Essas organizações recrutaram peronistas, não peronistas e, em muitos casos, pessoas que quase não tinham antecedentes prévios na política. Dessa forma, os fins da década de 1960 e início de 1970 foram anos de gestação e desenvolvimento de grupos armados, tendo em vista que grande parte desses só aparece publicamente durante os anos 1970. (DUZDEVICH, 2015).

Finalmente, devemos considerar o período de fins da década de 1960 e início da década de 1970 um momento de mudanças de expectativas não só na Argentina, mas em boa parte da América. No Chile, por exemplo, em 1970, Salvador Allende foi eleito democraticamente pela via institucional vigente com o objetivo de abrir caminho ao socialismo. Além disso, os efeitos da Revolução Cubana, como vimos no capítulo anterior, se faziam fortemente presentes nesse contexto. Assim, “(...) o antiautoritarismo, o nacionalismo popular, o anti-imperialismo, a valoração do Terceiro Mundo, a rejeição ao comercialismo, a busca da libertação coletiva (...)" (ADAMOVSY, 2012, p. 296, tradução nossa)[68] estavam na ordem do dia. Foi nesse contexto que os grupos guerrilheiros se desenvolveram na Argentina e aderiram à luta armada.

Apesar da existência de diversos grupos guerrilheiros, optou-se neste capítulo pela discussão de temas referentes à formação e organização do grupo Montoneros. O capítulo está dividido em quatro seções. Na primeira, abordamos as questões de origem do grupo, ou seja, os elementos que influenciaram a formação do Montoneros. Na segunda, apresentamos as principais atuações do grupo e sua consolidação. Na terceira, retratamos o contexto político e a nova estrutura do grupo. Finalmente, na quarta seção, apresentamos as atuações do grupo simultaneamente às ações da Tríplice A e ao processo de ditadura civil-militar de 1976.

---

[68] “(...) el antiautoritarismo, el nacionalismo popular, el antiimperialismo, la valoración del Tercer Mundo, el rechazo del comercialismo, la búsqueda de la libertación colectiva (...)

2.1 Montoneros e o Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo

O Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo[69] foi uma das principais bases de formação do grupo Montoneros, pois a maior parte dos fundadores do grupo é proveniente desse universo católico. Dessa forma, o grupo se consolidou e desenvolveu com muitas marcas desse movimento. De acordo com Beatriz Sarlo[70] (2005, p. 169), "[...] Os doze primeiros Montoneros (excluindo Norma Arrostito, que saíra do partido comunista) estão próximos ou provêm desse mundo católico convulsionado primeiro pelas encíclicas sociais de João XXIII e, em seguida, pela teologia da libertação[71]". Ainda segundo Sarlo (2005, p. 173), "[...] violência e pecado, teologia da violência e teologia do pecado, não é preciso mais nada: a organização Montoneros nasce desse cruzamento histórico da radicalização política com a radicalização religiosa".

Nesse sentido, para entendermos a formação, a organização e o desenvolvimento do grupo Montoneros, torna-se imprescindível conhecermos as renovações e modificações da igreja católica em um espaço macro, que ultrapassa as especificidades da Argentina.

As modificações da igreja ocorreram a partir de 1962, quando o papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, com o objetivo de renovar a igreja católica. Segundo ele, a Igreja deveria ser adaptada às condições do momento. Seu propósito era aproximar a igreja dos homens, sem se importar com raça, posição social e hierarquia. (MANGIONE, 2004). Dessa forma, o Concílio Vaticano II e os documentos provenientes dele formalizaram novas orientações, voltadas principalmente a questões de igualdade social, e enfatizaram o repúdio a todas as formas de pobreza, a injustiça e exploração social, estimuladas pelo poder e riqueza. Nessa perspectiva, incitavam os cristãos em nome do amor ao próximo, à luta pela igualdade. (GILLESPIE, 1998).

Segundo autores como Andreo (2009), Gotay (1989) e Boff (2013), o movimento oriundo da Igreja que mais influenciou a América Latina foi o denominado Teologia da Libertação. Essa influência está diretamente ligada ao contexto de exploração e dependência

---

[69] O Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo (MSTM) foi considerado o maior e mais influente movimento dentre aqueles ligados à Teologia da Libertação na Argentina. (ANDREO, 2009). Em linhas gerais, foi uma agrupação composta exclusivamente por sacerdotes cujo objetivo principal era a conscientização do povo argentino no que tange à situação de injustiça que se vivia no país. (MANGIONE, 2004).

[70] Beatriz Sarlo fez parte da geração formada pelo peronismo na Argentina. A autora nasceu em Buenos Aires em 1942, e estudou literatura. Desde 1978, dirige a revista **Punto de Vista**. Publicou livros no Brasil como: **Cenas da vida pós-moderna** e **Paisagens imaginárias**. (SARLO, 2005).

[71] Teologia da Libertação é um termo que engloba uma multiplicidade de concepções teológicas, sociais, econômicas e políticas. Foi o principal e maior movimento de renovação católica, ocorrido, sobretudo, na América Latina, a partir de 1969. (ANDREO, 2009).

vivenciado pela América Latina nos fins da década de 1950 e início de 1960, com a recuperação das potências após as guerras mundiais.

A respeito do contexto de surgimento da teologia da libertação na América Latina, Gotay afirma:

> No início da década de 60, estão dadas na América Latina as condições materiais e teóricas apropriadas para que os cristãos participem em uma práxis política e social que os levaria a uma maior radicalização e a reformular os supostos teóricos com os quais iniciam sua estreia no processo político. Essa reformulação será colhida na teologia da libertação. (GOTAY, 1989, p. 28, tradução nossa).[72]

E ainda acrescenta:

> É então no meio dessas condições históricas de crise, intensificação da miséria, sofrimento de operários camponeses e marginalizados, de exploração dos trabalhadores, de perseguição daqueles que querem construir um mundo melhor, de aumento da repressão para fazer possível a manutenção dos privilégios das oligarquias, da burguesia e das multinacionais estrangeiras, e de insurreição guerrilheira contra esse mundo, que os cristãos, sacerdotes, religiosos, pastores, teólogos e leigos levam a sério a nova compreensão de seu cristianismo - exposto pelos teólogos da vanguarda e que seria expressado parcialmente pelas encíclicas e os acordos como os de Vaticano II, a Conferência do CELAM em Medellín e outros - para se lançar à participação no processo de liberação. (GOTAY, 1989, p. 37, tradução nossa).[73]

A partir de então, pode-se compreender como toda essa renovação da igreja se apresenta tão coerente com o contexto vivenciado pela América Latina, e sua consequente influência nos grupos revolucionários, que lutavam por transformações estruturais no sistema capitalista. É importante ressaltar também, como lembra Leonardo Boff (2013, p. 1326), que "A Teologia da Libertação só podia surgir na América Latina, num continente onde as maiorias são cristãs e simultaneamente oprimidas e cuja fé foi, por séculos, vivida de forma a mantê-las na opressão e na resignação". Dessa forma, pode-se notar que essas características foram

---

[72] En el inicio de la década del 60 se dan en América latina las condiciones materiales y teóricas apropiadas para que los cristianos participen en una praxis política y social que los llevaría a una mayor radicalización y a reformular los supuestos teóricos con los que inician su estreno en el processo político. Esa reformulación se habrá de recoger en la teología de la liberación.

[73] Es entonces, en medio de estas condiciones históricas de crisis, intensificación de la miseria, sufrimiento de obreros campesinos y marginados, de explotación de los trabajadores, de persecución de aquellos que quieren construir un mundo mejor, de aumento de la represión para hacer posible el mantenimiento de los privilegios de las oligarquías, de la burguesía y de las multinacionales extranjeras, y de insurrección guerrillera contra ese mundo, que los cristianos, sacerdotes, religiosos, pastores, teólogos y laicos toman en serio la nueva comprensión de su cristianismo - expuesto por los teólogos de vanguardia y que habría de ser expresado parcialmente por las encíclicas y los acuerdos como los de Vaticano II, la conferencia del CELAM en Medellín y otros - para lanzarse a participar en el proceso de liberación.

fundamentais para a disseminação e o desenvolvimento da Teologia da Libertação na América Latina.

A Teologia da Libertação nasceu oficialmente em 1968, na Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín na Colômbia. Entretanto, já havia nascido, na Argentina e em outros países, especificidades desse movimento antes desse período. (ANDREO, 2009). Em suma, a Teologia da Libertação foi uma adequação feita a partir de um âmbito mais geral - o Concílio Vaticano II -, levando em consideração o contexto latino-americano e suas particularidades.

De acordo com Boff (2013), a Teologia da Libertação se inscreve frente às várias formas de opressão, pleiteia a libertação concreta como consequência da teologia do Êxodo, da prática dos profetas, de Jesus e dos apóstolos. Desse modo, pensando na origem bíblica em que se inspirou a Teologia da Libertação, pode-se entender ainda com mais clareza como essa teologia se adequava perfeitamente ao contexto de miséria e exploração da América Latina.

Por fim, é importante destacar também que a Teologia da Libertação foi um movimento que emergiu da periferia, ao contrário de outras teorias que se ergueram a partir do mundo acadêmico ou de escritórios de grandes pensadores. (GÓMEZ, 2008).

O Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo foi, por sua vez, mais específico em relação à Teologia da Libertação e aos documentos do Vaticano II. Lembremo-nos, como vimos no capítulo anterior, que as políticas assistencialistas na Argentina chegaram ao fim a partir de 1955. Nesse sentido, a situação era de extrema miséria por parte das camadas mais desfavorecidas. É a partir desse contexto, concomitantemente às várias formas de resistência ao processo ditatorial instaurado e as ideias oriundas dos documentos do Vaticano II - que se identificam com o contexto de exploração vivido na Argentina - que surge o Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo. No entanto, é importante ressaltar que o referido movimento, apesar de suas especificidades, deve ser analisado como parte de um processo mais amplo, sem perder de vista as modificações e renovações iniciadas com o Vaticano II.

Criado em 1967, o Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo foi anunciado pelo documento *Bispos del tercer mundo*, na Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Segundo Gillespie (1989), os sacerdotes da Argentina se anteciparam na prática de algumas ideias dos documentos do Vaticano II, trabalhando entre os pobres.

Sobre a origem do Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo, Monica Mangione concorda com Gillespie e afirma:

> Depois do primeiro Encontro Nacional em maio de 1968, fica organizado o Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo. Sua organização em nenhum momento tinha sido calculada ou planejada, mas se deu pela magnitude de respostas frente às adesões e aos pedidos que os sacerdotes de diferentes dioceses faziam. (MANGIONE, 2004, p. 15, tradução nossa).[74]

Ademais, o referido movimento tinha como objetivo inicial renovar as estruturas eclesiásticas e adaptá-las ao contexto vivido no período. Entretanto, com o seu desenvolvimento ele vai ainda mais além, chega a questionar as estruturas do sistema capitalista com pretensões de transformações revolucionárias das estruturas sociais. Dessa forma, alinha-se a questões políticas e, em muitos momentos, se agrega ao peronismo e à guerrilha vendo neles a única solução para dar conta das transformações sociais pretendidas. (LENCI, 1998; ANDREO, 2009). Tendo em vista o contexto vivido no momento, em que não restavam opções democráticas para que as transformações sociais fossem colocadas em prática, a maior parte do movimento defendia a luta armada como única opção para a conclusão dos objetivos almejados. Andreo destaca que,

> Quanto à opção pela via armada, o MSTM, majoritariamente, apoiava sua utilização até o momento em que se derrubasse o regime militar e Perón voltasse ao poder, enquanto setores minoritários defendiam a via não violenta ou a manutenção das armas até que o socialismo fosse instaurado. (ANDREO, 2009, p. 8).

Desse modo, todos os princípios almejados e defendidos pela igreja convergiam diretamente para a luta dos jovens de fins da década de 1960 e início de 1970, que foram, por sua vez, influenciados e organizados no contexto de renovação da igreja. O Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo foi o que mais influenciou a formação dos jovens, inclusive do Montoneros. Partindo desse ponto, a igualdade, a luta contra a dependência do capital estrangeiro e a justiça social são as principais semelhanças entre as renovações da igreja e dos grupos guerrilheiros surgidos no mesmo período, incluindo Montoneros. Sobre as mudanças ocorridas na igreja e sua relação com os jovens, Gillespie afirma:

---

[74] Después del primer Encuentro Nacional en mayo de 1968, queda organizado el Movimiento de Sacerdotes para el Tercer Mundo. Cabe decir que su organización en ningún momento había sido calculada o planeada sino que se dio por la magnitud de respuestas frente a las adhesiones y los pedidos que los sacerdotes de diferentes diócesis hacían.

> Em um país onde 90% da população estava batizada e 70% havia recebido a primeira comunhão, as ideias católico-radicais minaram decisivamente a influência conservadora que a hierarquia eclesiástica exercia sobre milhares de jovens argentinos. Elas ainda despertaram a preocupação com os problemas e as mudanças sociais, legitimaram a ação revolucionária e levaram muitos para o Movimento Peronista. (GILLESPIE, 1998, p. 79, tradução nossa).[75]

O autor prossegue com seu balanço: "Contudo, as declarações mais radicais feitas em Medellín incitaram uma revolução teológica que se estendeu por amplos setores da Igreja Católica durante os anos sessenta e produziu um impacto particularmente forte nos jovens argentinos."[76] (GILLESPIE, 1998, p. 82, tradução nossa). Ainda para este autor, as influências teológicas mais radicais foram significativas para a formação do Montoneros.

É importante ressaltar que no Montoneros a radicalização da luta pela via armada era um dilema. O grupo se dividia entre uma corrente a favor e outra contrária à referida via. Segundo Gillespie,

> Juan Garcia Elorrio adotou o ponto de vista de Camilo Torres, segundo o qual a revolução não só está permitida, mas é obrigatória para todos os cristãos que vejam nela um jeito mais eficaz de fazer possível um maior amor para todos os homens, acrescentando que podia resultar às vezes necessariamente violenta por alguns corações serem tão insensíveis. Por outra parte, Carlos Mugica representou o ponto de vista mais geralmente aceito, rejeitando a participação dos sacerdotes nas lutas revolucionárias armadas e afirmando: Estou disposto a que me matem, mas não a matar. (GILLESPIE, 1998, p. 82, tradução nossa).[77]

Nesse sentido, por mais que a luta armada tenha influenciado os grupos que estavam se formando naquele momento e que parte majoritária do Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo fosse a favor dela não devemos generalizar que todos os sacerdotes fossem defensores ferrenhos dessa via. É necessário destacar, que mesmo com todo aquele contexto de repressão e luta por transformações sociais, muitos sacerdotes e pessoas envolvidas na Igreja não eram a favor da via armada. Todas essas especificidades também deram forma e delinearam

---

[75] En un país donde el 90% de la población estava bautizada y el 70% havia recebido la primera comunión, las ideias católico-radicales socavaron decisivamente la influencia conservadora que la jerarquia eclesiática ejercía sobre millares de jóvenes argentinos. Despertaron la preocupación por los problemas y cambios sociales, legitimaron la acción revolucionaria y encauzaron a muchos hacia el Movimiento Peronista.

[76] Con todo, las declaraciones más radicales hechas en Medellín incitaron a una revolución teológica que se extendió por amplios sectores de la Iglesia Católica durante los años sesenta y produjo un impacto particularmente fuerte em los jóvenes argentinos.

[77] Juan García Elorrio adoptó el punto de vista de Camilo Torres, según el cual la revolución no sólo está permitida, sino que es obligatoria para todos los cristianos que vean en ella la manera más eficaz de hacer posible un mayor amor para todos los hombres, añadiendo que podía resultar a veces necesariamente violenta por ser algunos corazones tan insensibles. Por otra parte, Carlos Mugica representó un punto de vista más generalmente aceptado, al rechazar la participación de los sacerdotes en las lutas revolucionárias armadas y al afirmar: Estoy dispuesto a que me maten, pero no a matar.

a formação do grupo. O padre Carlos Mugica, por exemplo, que era contrário à via armada, teve um papel fundamental na formação do grupo Montoneros, uma vez que teve contato com boa parte dos fundadores do grupo, desenvolvendo trabalhos de cunho social. De acordo com Mangione, "Com Mugica compartilharam uma missão no interior, ao norte de nosso país, onde viram a miséria em que se encontravam os trabalhadores rurais da região. Lá fizeram trabalhos de construção e reconstrução de casas, pintura etc." (MANGIONE, 2004, p. 20, tradução nossa)[78]. Dentre outras coisas, Mugica lhes ensinava que o cristianismo era impossível sem o amor aos pobres e aos perseguidos por sua defesa da justiça e sua luta contra a injustiça. Em várias ocasiões, Mugica levou os três fundadores do Montoneros (Fernando Abal Medina, Carlos Gustavo Ramus e Mario Eduardo Firmenich) para trabalhar com ele entre os Chabolistas del Retiro, em Buenos Aires. (GILLESPIE, 1998).

Entretanto, mesmo com todas as influências de Mugica contrárias à luta armada, parte dos fundadores do Montoneros, principalmente os que atuaram em experiências de trabalhos sociais e evangélicos, se inspiraram nas teses de Camilo Torres[79], que acreditava que o problema básico era político e a solução era a revolução política. No entanto, para dar conta da revolução política, era necessário se preparar para a luta armada que era, para eles, uma resposta legítima à violência institucionalizada. A partir de então, romperam com suas organizações católicas seculares e passaram à clandestinidade. (GILLESPIE, 1998). Em 1967, estabeleceram o Comando Camilo Torres e se juntaram a Juan García Elorrio. Segundo Gillespie (1989), esse comando, ligado com o peronismo, o socialismo e a luta armada, era simplesmente um trampolim no caminho para a criação da organização Montoneros. Ainda segundo o mesmo autor, é a partir dessa união que surge a revista **Cristianismo y Revolución**, cujo objetivo principal era denunciar as ações de Juan Carlos Onganía (presidente no momento) e justificar o comando e suas ideias baseadas no cristianismo e na revolução.

No que diz respeito ao comando Camilo Torres, María Laura Lenci destaca:

> Para 1967 este grupo de jovens, encabeçado pelo Diretor de *Cristianismo e Revolução*, Juan García Elorrio, forma o "Comando Camilo Torres"'. Esta organização pode ser interpretada como um dos núcleos fundacionais do que, com o

[78] Con Mugica compartieron una misión en el interior, en el Norte de nuestro país, donde vieron la miseria en la que se encontraban los hacheros de la zona. Allí, hicieron trabajos de construcción y reconstrucción de casas, pintura, etc.

[79] Camilo Torres, capelão universitário na Colômbia e favorável à reforma agrária, começou um movimento político pela tomada do poder e socialização dos meios de produção, que o levaram à guerrilha da Frente de Libertação Nacional. Acreditava que a revolução não era somente permitida, mas obrigatória para os cristãos, tendo em vista que viam nela a única maneira eficaz e ampla de realizar o amor para todos. (GOTAY, 1989, p. 54).

> passar do tempo, foi uma das organizações armadas mais importantes da América Latina: Montoneros. (LENCI, 1998, p. 178, tradução nossa).[80]

Como podemos observar, Montoneros absorveu, em seu processo de formação, muitas das ideias e práticas provenientes da versão mais radical da igreja, que emergiu em fins da década de 1960. Essas ideias convergiam também com os princípios peronistas, correlacionados diretamente às preocupações voltadas para o social. Por conseguinte, as renovações da igreja e o peronismo estavam muito sincronizados em relação às debilidades sociais presentes no período. Assim, podemos identificar o grupo Montoneros, em seus primeiros momentos, como o ponto de interseção entre o peronismo e a igreja. Em virtude disso, a justiça social, o nacionalismo e a luta contra o capitalismo eram princípios comuns aos Montoneros, ao peronismo e à igreja. De acordo com Gillespie, "Em virtude de seu compromisso com a justiça social e a causa popular, o catolicismo radical conduziu muitos jovens para o Movimento Peronista" (GILLESPIE, 1998, p. 86, tradução nossa)[81].

É nesse contexto que o grupo se funda, pautado em todos esses princípios, vinculado diretamente à Igreja e inspirado na luta armada e nas influências da Revolução Cubana.

2.2 A formação inicial do grupo Montoneros, a Operação Pindapoy e o seu fortalecimento

Segundo Martina Garategaray (2014) e Beatriz Sarlo (2005), o aparecimento público do grupo Montoneros se dá em 1970, com uma atuação considerada a mais importante do grupo: o assassinato do ex-presidente Pedro Eugenio Aramburu. Essa ação ficou conhecida como Operação Pindapoy ou *Aramburazo*. No entanto, antes dessa operação, o grupo já se organizava. Como vimos anteriormente, desde os fins da década de 1960 já se tinham articulações e propostas que culminaram em sua formação e, posteriormente, em seu aparecimento público.

Antes de abordarmos questões específicas da formação do grupo, faz-se necessário entendermos o significado do nome. A origem do nome Montoneros está ligada ao contexto da Argentina no início do século XIX, mais especificamente ao período de lutas pela

---

[80] Hacia 1967 este grupo de jóvenes, encabezado por el Director de *Cristianismo y Revolución*, Juan García Elorrio, forma el Comando Camilo Torres'''. Esta organización puede ser interpretada como uno de los núcleos fundacional de lo que con el correr del tiempo fue una de las organizaciones armadas más importante de América Latina: los Montoneros.

[81] En virtud de su compromisso con la justicia social y la causa popular, el catolicismo radical condujo a muchos jóvenes hacia el Movimiento Peronista.

independência. Montoneros, então, foi o nome dado aos cavaleiros, chamados também de gaúchos, que lutaram pela emancipação da Argentina do domínio espanhol. Os setores oligárquicos, por sua vez, denominaram de Montoneros os referidos gaúchos, com o objetivo de denegrir sua imagem. O nome se refere a *montos*, que significava um monte de ignorantes e selvagens, incapazes de assimilar a herança cultural europeia. (GILLESPIE, 1989). Para Sarlo (2005), o nome Montoneros tem ressonâncias nacionais e plebeias, é a formação gaúcha original, um montão desordenado e imprevisível de cavaleiros e lanças. Segundo a autora, "A montonera é a resposta americana às táticas europeias da guerra; mais que uma formação militar é uma formação cultural. (...) A montonera é volante, fluida, imprecisa; forma-se e torna-se a formar-se, estabelece seus limites e em seguida os apaga, desmancha-se e torna-se aglutinar-se. A montonera é um peixe na água, um cavalo na planície [...]". (SARLO, 2005, p. 180, 181). Ainda sobre a origem do nome, Sarlo afirma:

> Nessa épica de resistência popular a montonera é o espírito guerreiro de uma nação perdida e não reconquistada. Intocada pela cultura europeia, oposta a ela a partir de uma cultura desprezada e reprimida, a montonera é um regresso e, ao mesmo tempo, a promessa de um futuro. A revolução contemporânea tem um vínculo com esse passado que lhe permite postular-se, justamente como revolução nacional e popular [...]. (SARLO, 2005, p. 181).

Diante disso, o grupo que se organiza e se consolida no século XX, que vive um contexto distante, mas ao mesmo tempo muito semelhante aos gaúchos do século XIX, principalmente no que tange à exploração e às desigualdades sociais, estabelece a denominação Montoneros à nova organização. As ideias de nacionalismo e luta popular podem ser observadas nas duas formações.

Sobre a escolha do nome e suas afinidades com o passado, Gillespie salienta:

> Tomando o nome de Montoneros os jovens militantes afirmavam os méritos da gente comum, ao passo que ressuscitavam poderosos símbolos nacionalistas com que podiam se identificar tanto os xenófobos quanto os anti-imperialistas. Montoneros e suas conotações revisionistas ofereceram aos jovens argentinos um passado e alguns heróis nacionais [...]. (GILLESPIE, 1998, p. 112, tradução nossa).[82]

[82] Tomando el nombre de Montoneros los jóvenes militantes afirmaban los méritos de la gente común, al tiempo que resucitaban poderosos símbolos nacionalistas com que pudieron identificarse tanto los xenófobos como los antiimperialistas. Montoneros y sus conotaciones revisionistas ofrecieron a los jóvenes argentinos un pasado y unos héroes nacionales [...].

Roberto Perdía[83] compartilha das ideias de Gillespie em relação à criação do nome Montoneros e suas afinidades com o passado. Para Perdía,

> Significava recuperar nossas tradições épicas e os méritos de nossos *criollos* e indígenas antepassados procurando dar dignidade a sua existência, independência à nação e retomar as bandeiras de uma prática federalista. Por outra parte, nesses momentos queríamos nos afastar de todas as designações habituais que provinham das práticas de outros povos. Preferíamos optar por uma denominação que nascesse da própria experiência, que colhesse a memória histórica e a cultura de nosso povo. As *montoneras* do século XIX nos davam a denominação que estávamos procurando. (PERDÍA, 2013, p. 181-182, tradução nossa).[84]

No entanto, para a escolha do nome do grupo, de acordo com Gillespie (1998), ocorreu uma votação entre os integrantes. A escolha do nome, entre as outras 15 opções, foi um dos fatores mais importantes para a adesão de integrantes ao grupo, tendo em vista o significado que este representava naquela conjuntura.

O grupo inicial de montoneros se organizou a partir de 1969, com a fusão de grupos de várias regiões, a maioria deles envolvida com a igreja. De acordo com Lucas Lanusse (2005), têm-se poucas informações do período inicial da formação do grupo. No entanto, cada um desses grupos - que formariam montoneros - tinha aproximadamente mais de 15 e menos de 30 militantes e tinha em comum, de acordo com Lanusse (2005, p. 1), "o socialismo como objetivo, o peronismo como identidade e a luta armada como método de acesso ao poder".

É importante ressaltar que, nesse período, Montoneros desenvolveu muitas operações sem se identificar como tal. Para o grupo, era o momento de sua estruturação, ou seja, o momento de fortalecimento do quadro de combatentes, de acúmulo de dinheiro, armas e outros elementos necessários para os planos de guerrilha. (LANUSSE, 2005).

Nesse sentido, podemos notar que a não identificação do grupo era mesmo estratégica, na medida em que nos próximos momentos, em que o grupo se desenvolve e se estabelece com mais estrutura, a identificação se torna uma regra, até mesmo uma estratégia de publicidade.

Por conseguinte, Montoneros tem sua primeira aparição pública em maio de 1970, com a Operação Pindapoy. Nesse momento, segundo Gillespie (1998), a organização se

---

[83] Roberto Perdía foi um dos membros militantes do Montoneros e fez parte da organização do projeto de contraofensiva do Montoneros em 1979, que não teve êxito.

[84] Significaba recuperar nuestras tradiciones épicas y los méritos de nuestros criollos y aborígenes antepasados en procura de darle dignidad a su existencia, independencia a la nación y retomar las banderas de una práctica federalista. Por otra parte, en esos momentos queríamos alejarnos de todas las designaciones habituales que provenían de las prácticas de otros pueblos. Preferíamos optar por una denominación que naciera de la propia experiencia, que recogiera la memoria histórica y la cultura de nuestro pueblo. Las montoneras del siglo XIX nos daban la denominación que estabámos buscando.

compunha de 12 pessoas, dentre as quais dez se comprometeram com a operação. Essa operação foi planejada e baseada em vários elementos que agregavam identidade ao grupo. Após a referida operação, ficaram conhecidos nacionalmente, como desejavam. Segundo Beatriz Sarlo (2005, p. 145), “O assassinato de Aramburu [...] se trata do nascimento e assunção de uma identidade, condensados num único acontecimento”. Gillespie (1998, p. 120, tradução nossa) concorda com Beatriz Sarlo ao afirmar que a referida operação seria o “[...] batismo público proclamando a responsabilidade de uma ação espetacular que teria repercussões em todo o país."[85]

Ademais, com a referida operação, Montoneros ainda ganhava a confiança de muitos peronistas que engrossavam as filas da resistência à ditadura. A atuação do grupo representava uma espécie de resposta aos atos de Aramburu à sociedade, entre eles o fuzilamento de 27 peronistas e a expatriação dos restos mortais de Evita Perón. Além desses atos, Aramburu era o principal responsável pela derrocada de Perón e dos seus. Sobre o assunto, Sarlo afirma:

> Desconhecidos até maio de 1970, vistos com desconfiança por muitos naquele momento, os montoneros contudo, souberam tocar o nervo central da sensibilidade peronista. Uniram numa única manobra, as paixões extremas do amor e do ódio: o fuzilador e a porta-voz dos descamisados. Aplicaram a lei da vingança, lavando uma afronta e um butim. (SARLO, 2005, p. 155).

Conforme Gillespie (1998), a operação foi realizada no dia de um evento que tinha extrema importância para a sociedade argentina, principalmente para os peronistas: 29 de maio, o aniversário do Cordobazo e quando era comemorado também o dia do Exército pelos militares.

Assim sendo, a Operação Pindapoy foi divulgada pelos montoneros através de alguns comunicados. Posteriormente, em 1974, o assassinato foi contado com detalhes por Norma Arrostito e Mario Firmenich, no número 9 da revista **La Causa Peronista**, intitulada "Como Moriu Aramburu". Esses comunicados e a publicação da revista faziam parte da ideia de divulgação do grupo, o objetivo era ganhar legitimidade social e ser identificado como o grupo que levaria justiça ao povo argentino. Abaixo, alguns fragmentos do comunicado número 3.

COMUNICADO Nº 3

[85] [...] bautismo público proclamando la responsabilidad de una acción espectacular que tendría repercusiones em todo el país.

> 31 de Maio de 1970
>
> AO POVO DA NAÇÃO: "No dia de hoje, domingo, 31 de maio de 1970, o comando de nossa organização, constituída em Tribunal Revolucionário, depois de interrogar detidamente Pedro Eugenio Aramburu, declara: I- Dado que Pedro Eugenio Aramburu reconheceu ser responsável: 1º) pelos decretos 10.362 e 10.363, com data 9 de junho de 1956, em que se "legaliza" a matança de 27 argentinos sem julgamento prévio nem causa justificada [...]. 4º) pela profanação do lugar onde repousavam os restos mortais da companheira Evita e sua posterior desaparição para tirar do Povo até o último resto material de quem fosse sua porta-bandeira [...]. O Tribunal Revolucionário resolve: 1º) Condenar Pedro Eugenio Aramburu a ser morto com armas em lugar e data a serem determinados. 2º) Fazer conhecer oportunamente a documentação que fundamenta a resolução deste Tribunal. 3º) Dar uma sepultura cristã aos restos do acusado, que só serão restituídos aos seus familiares quando forem devolvidos ao Povo Argentino os restos de sua querida companheira Evita. PERÓN OU MORTE! VIVA A PÁTRIA!. M O N T O N E R O S. (Tradução nossa).[86]

O comunicado número 3 expõe as justificativas da condenação do general Aramburu sustentadas, entre outros crimes cometidos por ele, pela ordem de fuzilamento de 27 peronistas e a expatriação dos restos mortais de Eva Duarte Perón.

O comunicado número 4 é bem sucinto, como podemos observar abaixo. Ele tem o objetivo de informar dia e horário da execução de Aramburu.

> 1º de Junho de 1970
> COMUNICADO Nº 4 "AO POVO DA NAÇÃO:
>
> O comando de MONTONEROS comunica que hoje, às sete horas, foi executado Pedro Eugenio Aramburu. Que Deus Nosso Senhor tenha piedade de sua alma. PERÓN OU MORTE - VIVA A PÁTRIA. M O N T O N E R O S. (Tradução nossa).[87]

---

[86] COMUNICADO Nº 3
31 de Mayo de 1970
Al PUEBLO DE LA NACIÓN: "En el día de la fecha, domingo 31 de mayo de 1970, la conducción de nuestra organización, constituida en Tribunal Revolucionario, luego de interrogar detenidamente a Pedro Eugenio Aramburu, declara: I- Por cuanto Pedro Eugenio Aramburu se ha reconocido responsable: 1º) De los decretos 10.362 y 10.363 de fecha 9 de junio de 1956 por los que se "legaliza" la matanza de 27 argentinos sin juicio previo ni causa justificada [...]. 4º) De la profanación del lugar donde reposaban los restos de la compañera Evita y la posterior desaparición de los mismos, para quitarle al Pueblo hasta el último resto material de quien fuera su abanderada [...]. El Tribunal Revolucionario, Resuelve: 1º) Condenar a Pedro Eugenio Aramburu a ser pasado por las armas en lugar y fecha a determinar. 2º) Hacer conocer oportunamente la documentación que fundamenta la resolución dc este Tribunal. 3º) Dar cristiana sepultura a los restos del acusado, que sólo serán restituidos a sus familiares cuando al Pueblo Argentino le sean devueltos los restos de su querida compañera Evita.
¡PERÓN O MUERTE! ¡VIVA LA PATRIA!. M O N T O N E R O S.
(DOCUMENTOS MONTONEROS. Buenos Aires: Documentos El Ortiba. Disponível em: <http://www.elortiba.org/docmon.html>. Acesso em: 15 ago. 2016.)

[87] 1º de Junio de 1970.
COMUNICADO Nº 4 "AL PUEBLO DE LA NACIÓN:
"La conducción de MONTONEROS comunica que hoy a las 7.00 horas fue ejecutado Pedro Eugenio Arumburu. Que Dios Nuestro Señor se apiade de su alma. PERÓN O MUERTE - VIVA LA PATRIA. M O N T O N E R O S
(DOCUMENTOS MONTONEROS. Buenos Aires: Documentos El Ortiba. Disponível em: <http://www.elortiba.org/docmon.html>. Acesso em: 15 ago. 2016.)

O comunicado número 5, no entanto, é mais completo em relação aos demais. Nele se tem, além das alusões à Operação Pindapoy, questões como a constituição do grupo, seus objetivos, suas aspirações futuras e, por fim, uma tentativa de fundamentar a importância da resistência, mais especificamente, a resistência armada, justificada pelo fato de que não existe uma democracia na referida conjuntura, tendo em vista que os candidatos à eleição seriam anteriormente selecionados. A seguir, fragmentos do referido documento.

> 15 de junho de 1970
> COMUNICADO Nº 5 AO POVO DA NAÇÃO:
>
> Diante do desconcerto e as manobras criadas pelos serviços repressivos do governo, os MONTONEROS esclarecemos: Primeiro: 1º) Nossa Organização é uma união de homens e mulheres profundamente argentinos e peronistas, dispostos a lutar de armas em punho para a tomada do Poder para Perón e para seu Povo e a construção de uma Argentina livre, justa e soberana. 2º) Nossa doutrina é a doutrina Justicialista, de inspiração cristã e nacional. [...] "Segundo: 1º) PEDRO EUGENIO ARAMBURU foi executado na segunda-feira, 1° de junho, às sete horas, como declara nosso comunicado Nº 4. Denunciamos como manobras tendentes a criar confusão as diferentes versões sobre sua sorte tanto procedente de nosso país como do estrangeiro. [...] "Os MONTONEROS EXORTAMOS O POVO ARGENTINO A SE UNIR À RESISTÊNCIA ARMADA CONTRA O REGIME, sem permitir ser enganado pela possibilidade de eleições em que com certeza o Povo deverá escolher entre diversos representantes da oligarquia e seus aliados circunstanciais. A detenção e execução de Pedro Eugenio Aramburu provocaram uma crise interna do regime e apressaram a divisão entre setores, obrigando-os a se enfrentar. [...] OS MONTONEROS CHAMAMOS O POVO A CONTINUAR COM A RESISTÊNCIA ARMADA CONTRA O ATUAL GOVERNO, QUE NÃO É MAIS DO QUE A CONTINUAÇÃO DO ANTERIOR, e a não deixar-se enganar com as falsas palavras pronunciadas sobre o "reencontro dos argentinos". PERÓN OU MORTE! VIVA A PÁTRIA! (Tradução nossa).[88]

---

[88] 15 de junio de 1970
COMUNICADO Nº 5 AL PUEBLO DE LA NACIÓN:
"Ante el desconcierto y las maniobras creadas por los servicios represivos del gobierno, los MONTONEROS aclaramos: Primero: 1º) Nuestra Organización es una unión de hombres y mujeres profundamente argentinos y peronistas, dispuestos a pelear con las armas en la mano por la toma del Poder para Perón y para su Pueblo y la construcción de una Argentina Libre, Justa y Soberana. 2º) Nuestra Doctrina es la doctrina Justicialista, de Inspiración Cristiana y Nacional. [...]" Segundo: 1º) PEDRO EUGENIO ARAMBURU fue ejecutado el lunes 1 de junio a las 7,00 horas, como lo aclara nuestro comunicado Nº 4. Denunciamos como maniobras tendientes a crear confusión las distintas versiones sobre su suerte tanto procedente de nuestro país como del extranjero. [...]" Los MONTONEROS EXHORTAMOS AL PUEBLO ARGENTINO A UNIRSE A LA RESISTENCIA ARMADA CONTRA EL RÉGIMEN, sin dejarse engañar por la posibilidad de elecciones, en las que seguramente el Pueblo deberá elegir entre distintos representantes de la oligarquía y sus circunstanciales aliados. La detención y ejecución de Pedro Eugenio Aramburu, han provocado una crisis interna del régimen y apresurado la división entre sectores, obligándolos a enfrentarse. [...] LOS MONTONEROS LLAMAMOS AL PUEBLO A SEGUIR CON LA RESISTENCIA ARMADA CONTRA EL ACTUAL GOBIERNO, QUE NO ES MAS QUE LA CONTINUACIÓN DEL ANTERIOR y a no dejarnos engañar con las falsas palabras pronunciadas sobre el "reencuentro de los argentinos". ¡PERÓN O MUERTE! ¡VIVA LA PATRIA!.
(DOCUMENTOS MONTONEROS. Buenos Aires: Documentos El Ortiba. Disponível em: <http://www.elortiba.org/docmon.html>. Acesso em: 15 ago. 2016.)

Podem-se notar, a partir da análise dos documentos, alguns posicionamentos do Montoneros, tais como a rejeição ao regime instaurado e o objetivo almejado com determinação quando afirmam: "Perón ou morte!". Ao mesmo tempo podemos perceber também a determinação pela luta, que vale a própria vida. Essa frase está presente em quase todos os documentos do grupo. Finalmente, pode-se observar que além do objetivo da comunicação, o grupo tenta convencer, não só com o comunicado, mas com o fato em si do assassinato de Aramburu, de que são capazes de trazer a justiça e derrubar o regime vigente, que para eles é injusto, desigual, explorador e causa dependência aos argentinos.

Como destaca Gillespie (1998), as ações do Montoneros não eram apenas operações militares armadas, mas um universo de propagandas em que se apropriavam de mitos e figuras importantes para o país, como é o caso de Perón. O objetivo era ganhar legitimidade para a luta e aumentar seus quadros de militantes. O grupo consegue alcançar esses objetivos na medida em que se torna muito aceito popularmente. Nas palavras de Sarlo (2005, p. 141), "[...] O núcleo inicial de montoneros apresenta-se como uma direção política popularmente bem-sucedida que teria estado em condições de orientar, a partir daquele primeiro fato, a marcha dos acontecimentos".

É importante destacar também que o grupo Montoneros era estratégico em suas atuações, uma vez que não queriam ser igualados a terroristas. Em suas ações sempre observavam alguma ligação da atuação com o povo a fim de ganhar legitimidade e simpatia, principalmente dos peronistas. Para eles isso era imprescindível para desenvolver a luta contra o regime e alcançar seus objetivos. No que diz respeito às ações e estratégias do Montoneros, Gillespie afirma:

> Cultivava-se cuidadosamente a simpatia pelas atividades montoneras através de um mínimo uso da violência ofensiva e uma extremada seletividade de objetivos, em vez de praticar o terrorismo ao acaso. Os guerrilheiros prestavam especial atenção às operações simbólicas, suscetíveis de provocar a adesão de todos os peronistas. (GILLESPIE, 1998, p. 143, tradução nossa).[89]

Assim sendo, nesse período inicial, segundo Gillespie (1989), não houve assaltos a guarnições militares e nem mesmo exemplo de comandos que provocaram deliberadamente o

[89] Se cultivaba cuidadosamente la simpatía hacia las actividades montoneras mediante un mínimo uso de la violencia ofensiva y una extremada selectividad de objetivos, en vez de practicar el terrorismo al azar. Los guerilleros pretaban especial atención a las operaciones simbólicas, susceptibles de provocar la adhesión de todos los peronistas.

enfrentamento armado com o exército ou a polícia. Todas as ações do grupo nesse momento eram planejadas de acordo com demandas sociais.

Em síntese, montoneros, nos seus primeiros anos de formação, conseguiram atrair diferentes setores sociais em virtude, principalmente, de suas propostas estratégicas de atuação e também em função do contexto vivido naquele momento. De acordo com Gillespie,

> Dando conjuntamente ao catolicismo radical, ao nacionalismo e ao peronismo uma expressão populista de socialismo, os montoneros foram capazes de aglutinar uma riqueza de legitimidade histórica no que atraiu os civis de diversas denominações políticas: católicos militantes, nacionalistas populares, nacionalistas autoritários mas populistas, militantes da esquerda tradicional e peronistas combativos. (GILLESPIE, 1998, p. 99, tradução nossa).[90]

Nessa perspectiva, o grupo - inicialmente com doze integrantes que, segundo Gillespie (1998), se uniram para concluir uma arriscada fase inicial, influenciados por vários fatores (políticos, sociais, econômicos e culturais) e pelas limitadas iniciativas da esquerda tradicional - conseguiu, com a sua primeira operação, o *Aramburazo*, se tornar um grupo conhecido nacionalmente. Além disso, a partir desse momento, o grupo agregou muitos militantes a seus quadros e se consolidou como um dos grupos mais importantes do período. (GILLESPIE, 1998). Nessa época, segundo Lanusse (2005), montoneros está organizado em cinco grupos distintos: Fundador, Sabino, Santa Fé, Córdoba e Reconquista.

Em decorrência do sucesso da primeira operação, o grupo decide dar um segundo golpe, com o objetivo de mostrar à sociedade seu poder frente aos militares. Assim, ainda em julho de 1970, a organização executa a operação denominada *La Toma de La Calera.*

La Calera era uma localidade situada a dezessete quilômetros de Córdoba. Quatro dos cinco comandos de montoneros participaram de tal operação, sob o comando de Emilio Maza[91]. A operação foi realizada nessa localidade em consequência da incapacidade de reação rápida das forças de segurança. Aproximadamente 25 militantes, com braçadeiras de montoneros e com rádios transmissores, destruíram todos os meios de comunicação local, se apoderaram do banco, da delegacia de polícia e da prefeitura. Nessa operação foram resgatados pelo grupo o valor de 26.000 dólares. Os policiais foram presos e obrigados a cantar a marcha

---

[90] Al dar conjuntamente al catolicismo radical, al nacionalismo y al peronismo una expresión populista de socialismo, los montoneros fueron capaces de aglutinar una riqueza de legitimidad histórica en algo que atrajo a los civiles de diversas denominaciones políticas: católicos militantes, nacionalistas populares, nacionalistas autoritários pero populistas, militantes de la izquierda tradicional y peronistas combativos.

[91] Emilio Ángel Maza era estudante de medicina na Universidade Católica de Córdoba e líder do centro da juventude integrista local. Comandava o grupo de Córdoba, mas, após o *Aramburazo*, se constituiu, juntamente com Fernando Abal Medina, o chefe nacional do Montoneros. (GILLESPIE, 1998).

peronista, enquanto os guerrilheiros fugiam. Ao mesmo tempo, outros montoneros pintavam "Montoneros/Perón ou Morte", no edifício municipal.

A ação foi muito bem executado; entretanto, na retirada ocorreu um grave problema. O comboio de carros foi dispersando e espalhando pregos no caminho, com o objetivo de impedir perseguições policiais. Na frente do comboio, um carro de polícia era conduzido com a sirene ligada, assim, os outros carros que passavam naquele momento, abriam caminho aos militantes. No entanto, um dos carros que seguia o comboio teve um problema mecânico e os militantes Luis Losada e José Fierro foram capturados pela polícia, que conseguiu informações que causaram as primeiras baixas ao grupo. A força policial foi à casa em que se concentravam vários elementos importantes para o grupo, inclusive os dois comandantes da região de Córdoba, Emilio Maza e Ignácio Velez. O primeiro foi atingido mortalmente e o segundo foi ferido gravemente na coluna vertebral. Além dessas perdas irreparáveis ao grupo, muitos estudantes foram presos. (GILLESPIE, 1998).

No entanto, mesmo com as grandes baixas causadas ao grupo nesse momento, um benefício se fez evidente. Muitas pessoas simpatizaram com a atuação de Montoneros e expressaram sua solidariedade ao grupo. Conforme Gillespie (1998), três mil pessoas assistiram ao enterro de Emilio Ángel Maza.

Abaixo, segue documento emitido por Montoneros no dia 1° de julho de 1970, referente à tomada de La Calera. Como os comunicados anteriores, este cumpre o objetivo de propagar as atuações do grupo e, ao mesmo tempo, mostrar determinação na luta contra o regime.

> A TOMADA DE LA CALERA
> Companheiros
> Homens e mulheres que compomos o Montoneros, braço armado do Movimento Peronista, demos um golpe na oligarquia *gorila*, ocupando militarmente a localidade La Calera, recuperando armas e dinheiro que serão destinados à luta para construir uma nação livre, justa e soberana. Fizemos isso para demonstrar nossa solidariedade combativa com o povo peronista, que tem ocupado as ruas, que peleja nas fábricas, em defesa de legítimas aspirações e direitos, e como repúdio à farsa do governante de turno. Os Montoneros prevenimos ao povo de Córdoba contra as manobras dos *gorilas* que dentro e fora do governo querem nos embarcar em uma nova fraude eleitoral, na qual não poderemos votar em Perón, acompanhados por alguns trânsfugas de sempre, que se dizem peronistas, repudiam a resistência armada do povo e querem eleição porque sabem que o queijo será então maior. O povo deve se unir, sem partidarismos sectários, ao redor das bandeiras intransigentes da resistência, procurando se preparar, se organizar e se armar. E que saibam os traidores, os vendidos, os torturadores, os inimigos da classe operária que o povo já não receberá somente os golpes, porque agora está disposto a devolvê-los e a bater onde doer. Só brigando conseguiremos recuperar o que é nosso. Os Montoneros chamamos à resistência armada por uma

> pátria justa, livre e soberana. Com Perón na pátria. PERÓN OU MORTE/VIVA A PÁTRIA/ MONTONEROS. (Tradução nossa).[92]

Pode-se perceber também, a partir da análise do documento, que o grupo tenta convencer o povo argentino, inclusive a classe trabalhadora, a lutar contra o regime. Além disso, justifica mais uma vez a importância da luta armada, imprescindível para o Montoneros naquele momento. Pode-se notar ainda que o grupo articula novamente mais uma atuação seguida de um documento com as devidas justificativas. Isso pode ser entendido, além de outras interpretações, como um meio de não ser identificado como terroristas.

Em 1974, a revista **La Causa Peronista** traz uma abordagem da Tomada de La Calera rica em detalhes, apresentando Emilio Maza e sua atuação no grupo Montoneros. Essa abordagem é feita em razão do quarto aniversário da morte do referido militante. No final da apresentação, é exibida uma foto de Maza com uma mensagem sobre a operação *La Toma de La Calera*, como segue abaixo:

> O povo deve se unir sem partidarismos em torno das bandeiras intransigentes da resistência, buscando se preparar, organizar e armar. E que saibam os traidores, torturadores e inimigos da classe trabalhadora que o povo não receberá somente golpes, porque agora está disposto a devolver e golpear. Os montoneros chamamos a resistência armada por uma pátria justa, livre e soberana. Com Perón na pátria. Perón ou Morte. Viva a pátria. Montoneros. (Tradução nossa).[93]

---

[92] LA TOMA DE LA CALERA
Compañeros
Los hombres y mujeres que componemos Los Montoneros, brazo armado del Movimiento Peronista, hemos asestado un golpe a la oligarquía gorila, ocupando militarmente la localidad de La Calera, recuperando armas y dinero que serán destinados a la lucha por construir una nación libre, justa y soberana. Lo hemos hecho para demostrar nuestra solidaridad combativa con el pueblo peronista, que ha ganado la calle, que pelea desde las fábricas, en defensa de legítimas aspiraciones y derechos y como repudio a la farse gobernante de turno. Los Montoneros prevenimos al pueblo de Córdoba contra las maniobras de los gorilas que dentro y fuera del gobierno quieren embarcarnos en un nuevo fraude electoral, en el que no podremos votar por Perón, acompañados por algunos tránsfugas de siempre, que se dicen peronistas, y que repudian la resistencia armada del pueblo y que quieren elección porque saben que el queso será entonces más grande. El pueblo debe unirse, sin partidismos sectarios, en torno a las banderas intransigentes de la resistencia, buscando prepararse, organizarse y armarse. Y que sepan los traidores, los vendidos, los torturadores, los enemigos de la clase obrera que el pueblo ya no recibirá solamente los golpes, porque ahora está dispuesto a devolverlos y golpear donde suela. Sólo peleando conseguiremos recuperar lo nuestro. Los Montoneros llamamos a la resistencia armada por una patria justa, libre y soberana. Con Perón en la patria. PERÓN O MUERTE/VIVA LA PATRIA/ MONTONEROS. (DOCUMENTOS MONTONEROS. Buenos Aires: Documentos El Ortiba. Disponível em: <http://www.elortiba.org/docmon.html>. Acesso em: 15 ago. 2016.)

[93] El Pueblo debe unirse, sin partidarismos sectários en torno a las banderas intransigentes de la resistencia, buscando prepararse, organizarse y armarse. Y que sepan los traidores, los torturadores, los enemigos de la clase obrera que el pueblo ya no recibirá solamente los golpes, porque agora esta dispuesto a devolverlos y golpear donde duela. Los montoneros llamamos a la resistencia armada por una pátria justa, libre y soberana. Con Perón en la patria. Perón o Muerte. Viva la patria. Montoneros. (REVISTA LA CAUSA PERONISTA. Buenos Aires, ano 1, n. 2, p. 24, 16 jul. 1974. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/causa-peronista/causaperonistanumero2-2/>. Acesso em: 17 ago. 2016.)

Mais uma vez podemos observar os objetivos do Montoneros. Percebe-se, ainda, uma espécie de ameaça aos agentes e aos defensores do regime.

As perdas do grupo após essa atuação foram enormes. Segundo Roberto Perdía[94] (2013), a grave situação depois da tomada de La Calera estimularia a união de vários grupos e o surgimento de um novo agrupamento. Em concordância com Perdía, Lucas Lanusse afirma que, a partir dessa atuação,

> [...] começou para Montoneros uma etapa de sérios tropeços, que incluíram a descoberta de grande parte de sua infraestrutura, a detenção de muitos de seus integrantes e a morte de três de seus principais chefes. O último dos grandes contratempos do período de fundação se produziu em 7 de setembro de 1970, no que ficou conhecido como o "combate de William Morris". (LANUSSE, 2005, p. 1, tradução nossa).[95]

O novo agrupamento a que se refere Perdía na citação acima foi criado em 1970, após as duas ações armadas (*Aramburazo* e *Toma de La Calera*). Foi desenvolvido, principalmente por causa das grandes perdas de alguns grupos nas referidas atuações. O grupo de Córdoba, por exemplo, ficou muito reduzido. Além disso, muitos militantes, depois das duas atuações, foram forçados a entrar para a clandestinidade, dispersando-se por várias províncias do país. Essa dispersão acabou levando o grupo para diferentes lugares e criando laços de organização locais. (PERDÍA, 2013). Para Gillespie (1998), por questão de segurança, o novo grupo adotou uma estrutura celular, com unidades que só conheciam o mínimo da estrutura geral. Essas unidades eram os comandos militares. Fernando Abal Medina e Emílio Ángel Maza constituíam-se como chefes nacionais da organização que, nesse momento, desenvolvera uma espécie de autonomia regional, muito em função das baixas posteriores às atuações. Nesse sentido, o comando nacional, por sua vez, não tinha muita coordenação em relação às regiões. Somente a partir da morte de Abal Medina que essa situação começa a mudar, quando José Sabino Navarro assume a chefia da organização.

Depois da Tomada de La Calera e antes da morte de Fernando Medina e Carlos Ramus, mais duas operações foram executadas pelo grupo, ainda em 1970. A primeira foi o assalto a um banco de Laguna Larga (Córdoba), onde amealharam 73.000 dólares. Segundo os militantes envolvidos na operação, estavam se vingando da morte de Emilio Maza. A segunda

---

[95] [...] comenzó para Montoneros una etapa de serios traspiés, que incluyeron el descubrimiento de gran parte de su infraestructura, la detención de muchos de sus integrantes y la muerte de tres de sus principales jefes. El último de los grandes reveses de aquellos tempos fundacionales se produjo el 7 de septiembre de 1970, en lo que se conoció como el "combate de William Morris".

ocorreu no dia 1° de setembro, organizada por Medina, Ramus e outros militantes: o assalto ao banco de Galícia e Buenos Aires, arrecadando uma quantia de 36.000 dólares. (GILLESPIE, 1998).

De acordo com Gillespie, seis dias após os assaltos aos bancos, em 7 de setembro de 1970, o grupo Montoneros sofreu mais um forte baque em seus quadros: dois dos principais membros da organização, Fernando Abal Medina e Carlos Ramus[96], morreram em uma reunião marcada na pizzaria La Rueda, em William Morris. Em razão da importância desses membros, esse dia ficou conhecido como dia do Montonero. Na revista **Militância**, número 13, publicada em 1973, pode-se identificar a divulgação dessa informação.

> Em 7 de setembro de 1970, em William Morris, província de Buenos Aires, morriam em combate Fernando Abal Medina e Carlos Gustavo Ramus. Desde então, a militância reconhece o dia 7 de setembro como o Dia do Montonero. (Tradução nossa).[97]

Além da morte desses importantes militantes, a organização sofreu perdas irremediáveis, uma vez que foram encontrados muitos dos documentos provenientes da organização que estavam nos carros. Foram revelados, por exemplo, codinomes utilizados por militantes na organização. Essas informações proporcionaram aos policiais muitas descobertas. Embora esses acontecimentos representassem perdas irreparáveis ao grupo, Montoneros foi favorecido com o aumento do apoio popular, em particular do Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo. O padre Carlos Mugica, por exemplo, fez uma homenagem no funeral dos dois jovens militantes se referindo a eles como exemplo para a juventude. Além disso, a morte desses militantes provocou também a primeira manifestação social a favor de Montoneros: no dia 14 setembro, mais de mil jovens se reuniram no povoado de Barracas de Barrio Casas. (GILLESPIE, 1998).

---

[96] Gillespie descreve o ocorrido da seguinte maneira: “Cinco de los principales miembros celebraron una reunión por unas razones que escapan al sentido común, en la pizzeria La Rueda, en William Morris, población de la provincia de Buenos Aires. Su servicio de seguridad, sólo compuesto por Ramus, apostado en un coche en el exterior, no pudo evitar que los guerrilleros fueron rapidamente atrapados después de que el dueño del establecimiento denunciara su presencia a la policía. Abal Medina y Ramus, compañeros desde hacia casi diez años, murrieron juntos en el tiroteo resultante, durante el cual fueron heridos tres cabos de la policía. Luis Rodeiro, que no iba armado fue detenido, pero Sabino Navarro y Capuano Martínez consiguieron escapar después de quedar sin municiones”. (GILLESPIE, 1998, p. 128).

[97] El 7 de septiembre de 1970 en William Morris, Pcia de Buenos Aires, morrian en combate Fernando Abal Medina y Carlos Gustavo Ramus. Desde entonces, la militancia reconece al 7 de septiembre como el Día del Montonero. (REVISTA MILITANCIA PERONISTA PARA LA LIBERTACIÓN. Buenos Aires, ano 1 n. 13, p. 10, 6 set. 1973. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/revistas/Militancia13.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2016.)

No dia 9 do mesmo mês foi emitido um comunicado de Montoneros que se referia à morte dos militantes em William Morris no dia 7 de setembro, conforme alguns de seus fragmentos

> [...] 2) Em virtude de nossa honestidade revolucionária, afirmamos que a perda de dois combatentes deve-se pura e exclusivamente a um erro próprio por não ter estabelecido um adequado controle sobre o lugar onde tinham se reunido os companheiros.
> 3) Apesar do anteriormente assinalado, os cinco companheiros presentes agiram como dignos soldados, e tanto Abal Medina como Ramus cumpriram heroicamente o lema de resistir até a morte. [...]
> [...] 4) Advertimos aos delatores que todos aqueles que por qualquer razão traírem ao povo ao qual pertencem delatando seus combatentes, serão passados pelas armas assim que sejam achados e sem prévio aviso.
> Quanto aos policiais, lembramos que são os "servidores da ordem dos vende-pátrias", que não se importam em sacrificar cem ou mil deles para eliminar algum dos nossos; que nossa luta não é contra eles mas contra o regime *gorila*, mas que não vacilaremos em atirar para matar toda vez que eles o façam necessário e que executaremos todos aqueles que forem identificados como torturadores.
> 5) Sabemos que esta larga luta pela Independência Nacional é dura, que ainda o povo há de sofrer mais baixas. Não é hora de chorar mas de retomar as armas dos caídos para continuar a RESISTÊNCIA ARMADA junto às organizações irmãs pelo Retorno de Perón em uma PÁTRIA LIVRE, JUSTA E SOBERANA. PERÓN OU MORTE - VIVA A PÁTRIA/ MONTONEROS. (Tradução nossa).[98]

No documento aludido acima, podemos verificar, inicialmente, a preocupação de comunicação do grupo em relação ao fato acontecido. Em seguida, as perdas são justificadas como falhas momentâneas, evidenciando assim o cuidado por parte do grupo em mostrar que embora tenha sofrido grandes perdas nos últimos tempos, têm a capacidade de reerguer-se e de continuar a luta contra o regime. Pode-se verificar também os objetivos do grupo acompanhados dos motivos de suas atuações: como deixam claro, atuam contra o regime gorila[99]. O

---

[98] [...] 2) En virtud de nuestra honestidad revolucionaria, afirmamos que la pérdida de dos combatientes se debe pura y exclusivamente a un error propio al no haber establecido un adecuado control sobre el lugar en el cual se habían reunido los compañeros.
3) Pese a lo señalado los cinco compañeros presentes actuaron como dignos soldados, y tanto Abal Medina como Ramus cumplieron heroicamente la consigna de resistir hasta la muerte. [...]
[...] 4) Advertimos a los delatores que todos aquellos que por cualquier razón traicionen al pueblo al que pertenecen delatando a sus combatientes, serán pasados por las armas no bien sean hallados y sin previo aviso.
En cuanto a los policías, recordamos que son los "servidores del orden de los vende-patrias", a quienes no les importa sacrificar a cien o mil de ellos con tal de eliminar a alguno de los nuestros; que nuestra lucha no es contra ellos sino contra el régimen gorila, pero que no vacilaremos en tirar a matar toda vez que ellos lo hagan necesario y que ejecutaremos a todos aquellos que sean identificados como torturadores.
5) Sabemos que esta larga lucha por la Independencia Nacional es dura que todavía el pueblo ha de sufrir más bajas, pero no es hora de llorar sino de retomar las armas de los caídos, para continuar la RESISTENCIA ARMADA junto a las organizaciones hermanas por el Retorno de Perón en una PATRIA LIBRE, JUSTA Y SOBERANA. PERÓN O MUERTE - VIVA LA PATRIA/ MONTONEROS. (REVISTA MILITANCIA PERONISTA PARA LA LIBERTACIÓN. Buenos Aires, ano 1 n. 13, p. 10, 6 set. 1973. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/revistas/Militancia13.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2016.)

[99] Gorila é uma expressão usada pelos peronistas para designar as posições antiperonistas e associá-las com as posições mais reacionárias. (ETULAIN, 2006, p. 324).

comunicado finaliza com o reconhecimento das dificuldades enfrentadas pelo grupo e com o estímulo à luta, particularmente à resistência armada, que seria, segundo eles, o único meio de derrubar os gorilas do poder.

Conforme relata Gillespie (1998), as inúmeras baixas, principalmente nas esferas de comando, trouxeram muitas dificuldades ao grupo, mais especificamente no campo militar. Contudo, a organização se desenvolveu muito no âmbito político. As publicações de documentos em revistas se tornaram uma constante. Desse modo, muitas ideias eram disseminadas publicamente. A revista **Cristianismo y Revolución**, no final de 1970, publicava um documento intitulado "Hablan los Montoneros". Esse documento foi encontrado em um jornal do interior pelos editores da revista. Os Montoneros expõem seus ideais e ações, além de explicarem a causa que os levou a pegar em armas e lutar pela libertação. Seguem alguns fragmentos do referido documento.

> [...] Ainda que pensemos que os fatos são mais explícitos por si mesmos que as palavras, desejamos esclarecer um pouco sobre nossas intenções e ações. Por isso dirigimo-nos nesta mensagem a todos os companheiros que lutam no seu lugar por una Pátria justa, livre e soberana [...]. Não somos nós os que inventamos a violência, mas a violência é cotidiana, própria do sistema. Violência é a fome, a pobreza, o analfabetismo, a mortalidade infantil, a exploração, a repressão. Violência é fechar os trilhos pacíficos de mudança. Violência é a fraude, os golpes palacianos, a proscrição [...]. É por esta convicção de guerra à morte e por ter consciência de que igual convicção teve em anteriores oportunidades o povo argentino, que nos chamamos Montoneros e que nossa luta é a Resistência Armada. Vai nisto nossa homenagem e reconhecimento aos que protagonizaram essas lutas pela Pátria e vai nossa decisão de morrer lutando, a assimilação do exemplo que eles nos deixaram. (Tradução nossa).[100]

Assim sendo, ficam evidentes, após a análise do referido documento, os meios utilizados pelo Montoneros para reconhecimento e legitimidade, por parte do povo, como grupo responsável por solucionar o cenário calamitoso apresentado. Diferentemente dos delinquentes e terroristas, o grupo tem preocupação fundamental com a situação em que se encontra o país e está em busca de transformações para benefício do povo, não apenas de alguns. Assim, a determinação pelas transformações sociais é tão grande que Montoneros propõe a luta até o

---

[100] [...] Aunque sustenemos que los hechos son más explícitos por sí mesmo que las palavras, deseamos clarificar un poco acerca de nuestras intenciones y acciones. Por eso nos dirigimos en este mensagen a todos los compañeros que luchan desde su puesto por una Patria justa libre y soberana [...]. No somos nosotros los que inventamos la violencia, sino que la violencia es cotidiana, própria del sistema. Violencia es el hambre, la pobreza, el analfabetismo, la mortalidad infantil, la explotación, la represión. Violencia es cerrar las vías pacíficas de cambio. Violencia es el fraude, los golpes palciegos, la proscripción [...]. Es por esta convicción de guerra a muerte y por tener consciencia de que igual convicción tuvo en anteriores oportunidades el pueblo argentino, que nos llamamos Montoneros y que nuestra luta es la Resistencia Armada. Va en esto nuestra homenaje y reconocimiento a los que protagonizaron esas luchas por la Pátria y va nuestra decisión de morir peleando, la asimilación del ejemplo que ellos nos dejaron. (REVISTA CRISTIANISMO Y REVOLUCIÓN. Buenos Aires, ano 4, n. 26, p. 11-13, nov 1970. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/revistas/CyR26.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2016.)

nível mais extremo, a entrega de suas próprias vidas pelo bem comum, ou seja, pela liberdade, pela independência do sistema, que, segundo a organização, aprisiona e explora intensamente o ser humano.

Ainda seguindo essa lógica de divulgação das principais ideias do grupo, a revista **Cristianismo y Revolución** publicou em 1971 uma entrevista de Montoneros em que ficam claros o posicionamento contra o sistema capitalista e sua postura favorável ao socialismo nacional e ao líder Perón, como se pode ver a seguir:

> - Qual é a estratégia revolucionária da organização?
> - A da Guerra Popular. Esta apresenta diferentes características, deve ser total, nacional e prolongada. Digo total porque supõe a destruição do Estado capitalista e de seu exército como anterior à tomada do poder pelo povo. Falamos de nacional porque seu sentido é a emancipação do domínio estrangeiro, a par da reivindicação do povo argentino. E por último, qualificamos como prolongada porque há que formar o Exército Popular, o que implica tempo para desenvolvê-lo e ademais, devido às características do exército inimigo ao qual não é possível derrotar em um combate só e sim desgastá-lo na luta através do tempo.
> - Qual é a ideologia do Movimento? Entendemos que alguns de seus componentes são o cristianismo e o peronismo. Como entendem estas concepções?
> - Somos peronistas ainda que provenhamos de diversas origens e formações. O peronismo tem uma doutrina criada em 1945, que foi se reelaborando e atualizando durante os 25 anos posteriores. Esta doutrina sintetiza-se nas três bandeiras do Movimento: Independência Econômica, Justiça Social e Soberania Política. Estas três bandeiras em 1970 se expressam através da necessidade de conseguir um desenvolvimento econômico independente e um sistema socialista que respeite nossa história e nossa cultura nacional. Por outro lado, a doutrina foi definida por seu criador, o general Perón, como profundamente nacional, humanista e cristã, respeitosa da pessoa humana sobre todas as coisas. (Tradução nossa).[101]

Por meio desse documento, compreendemos que Montoneros, apesar da convicção pela luta, reconhecia suas dificuldades e limitações em relação à derrubada do regime. Como esclarecem na entrevista, precisavam desenvolver um exército popular, uma vez que o regime

---

[101] - ¿Cuál es la estrategia revolucionaria de la organización?
- La de la Guerra Popular. Esta presenta distintas características, debe se total, nacional y prolongada. Le digo total, porque supone la destrucción del Estado capitalista y de su ejército, como prévios a la toma del poder por el pueblo. Hablamos de nacional, porque su sentido es el de la emancipación del domínio extranjero, a la par que la reivindicación del pueblo argentino. Y por último, la calificamos de prolongada, porque hay que formar el Ejército Popular, lo que implica tiempo para desarrollarlo y además, debido a las características del ejército enemigo al cual no es posible derrotar en um combate y sí, en cambio, desgastarlo em la lucha a través del tiempo.
- ¿Cuál es la ideologia del Movimiento? Entendemos que algunos de sus componentes son el cristianismo y el peronismo, ¿cómo entienden estas concepciones?
- Somos pernonistas aunque provengamos de distintos orígenes y formaciones. El peronismo tiene uma doctrina creada en 1945, que se fue reelaborando y actualizando durante los 25 años posteriores. Esta doctrina se sintetiza en las tres banderas del Movimiento: Independencia Económica, Justicia Social y Soberanía Política. Estas tres banderas en 1970 se expresan a través de la necesidad de lograr um desarrollo económico independiente y una sistema socialista que respete nuestra historia y nuestra cultura nacional. Por outro lado, la doctrina fue definida por su creador, el General Perón, como profundamente nacional, humanista y cristiana, respectuosa de la persona humana sobre todas las cosas. (REVISTA CRISTIANISMO Y REVOLUCIÓN. Buenos Aires, ano 4, n. 26, p. 11-13, nov 1970. Disponível em:<http://www.ruinasdigitales.com/revistas/CyR26.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2016.)

não seria derrotado através de um único combate. Finalmente, percebemos a defesa de princípios nacionalistas, populares e de liberdade econômica.

Retomando o assunto sobre as baixas sofridas pelo grupo, após as ações em La Calera e a morte de Fernando Abal Medina e Carlos Ramus, em William Morris, as dificuldades encontradas pelo grupo eram intensas, principalmente em termos militares. Partindo desse princípio, o militante José Sabino Navarro assume a chefia do grupo com intenção de fortalecer suas bases. Desse modo, responsabiliza-se pelo desafio de organizar o movimento de forma mais homogênea e estruturada. Sobre esse assunto, afirma Gillespie:

> José Sabino Navarro tomou posse da chefatura da organização depois da morte de Abal Medina e Ramus. Transferiu-se para Córdoba e trabalhou dezessete horas diárias para reconstruir lá a rede montonera, além de viajar com frequência pelo país. [...] o esqueleto montonero começava a tomar corpo e transformou-se em uma organização nacional. (GILLESPIE, 1998, p. 137, tradução nossa).[102]

Dessa forma, segundo Lanusse (2005), no fim de 1970 e início de 1971, Montoneros tinha presença mais ou menos relevante em alguns pontos, tais como Buenos Aires, Santa Fé, Córdoba e outros. Essa presença era explicada pelas ações de integração desenvolvidas por Sabino Navarro. No entanto, Montoneros não alcançou uma estrutura nacional sólida e bem-articulada. Além disso, em meados de 1971, quando a organização começava a se desenvolver com mais precisão, muitas baixas tomaram conta da organização e dificultaram ainda mais o processo de organização e coesão nacional. Para piorar a situação que já era difícil, em fins de 1971, José Sabino Navarro foi assassinado. Segundo Gillespie (1998, p. 148, tradução nossa), "Sabino Navarro, um dos quatro Montoneros perseguidos por um numeroso grupo de policiais após um roubo de carros em Rio Quarto, foi finalmente encurralado e metralhado nas colinas de Córdoba."[103] Para Sarlo (2005, p. 65), "Em poucos meses, os que vão de 29 de maio de 1970 a 20 de fevereiro de 1971, os montoneros perderam em combate meia dúzia de seus integrantes do núcleo inicial."

É importante ressaltar que o grupo Montoneros, mesmo com todas essas baixas, principalmente nos quadros de comando, foi o que mais conseguiu angariar apoio popular na

---

[102] José Sabino Navarro tomó posesión de la chefatura de la organización después de la muerte de Abal Medina y Ramus. Se trasladó a Córdoba y trabajó diecisiete horas diárias para reconstruir allí la red montonera, además de viajar a menudo como enlace nacional. [...] el esqueleto montonero comenzaba a tomar cuerpo y se transformó en una organización nacional.

[103] Sabino Navarro, uno de los cuatro Montoneros perseguidos por un numeroso grupo de policiais tras una expropriación de coches en Río Cuarto, fue finalmente acorralado y ametrallado en las colinas de Códoba.

década de 1970. (GILLESPIE, 1998). Com esse apoio, mesmo estando em situações extremas, conseguia se reerguer e seguir com seus objetivos.

2.3 A nova estruturação de Montoneros e o retorno de Perón à Argentina

Para cumprir com o objetivo de estruturação do grupo, Sabino Navarro, em fins de 1970, viajou por todo o país tentando conhecer todos os grupos regionais, que até o momento quase não se comunicavam entre si. Em razão do seu esforço e dedicação para a homogeneização do Montoneros, em agosto de 1971, foi realizado o Primeiro Grande Congresso em Buenos Aires, do qual participaram todas as regionais. Nesse congresso, decidiram novos rumos para a organização que agora funcionaria da seguinte forma: cada regional teria sua própria direção, que contaria com um chefe local. Desse modo, a Condução Nacional ficaria integrada pelos chefes de cada regional. Nesse momento, Montoneros tinha seis regionais: Buenos Aires, Córdoba, Litoral, Noroeste, Nordeste e Cuyo. (LANUSSE, 2005). Todavia, com a morte de Sabino Navarro, os seis chefes regionais assumiram a Condução Nacional de Montoneros.

Assim sendo, em 1972, as estruturas organizacionais de Montoneros estavam consolidadas, tendo sido estabelecida uma configuração de tipo federativa. O núcleo central era uma unidade básica de combate (UBC) comandada por cada uma das colunas. Seus membros eram chamados de oficiais. O número e a extensão das UBC dependiam do desenvolvimento político da localidade. Os militantes recebiam formação sobre mobilizações, proteção de lugares e treinamento de autodefesa. A organização, então, se dava da seguinte forma: as UBC estavam sob o comando das colunas ou conduções de zona e as colunas e conduções de zona estavam, por sua vez, sob o comando das regionais. Os comandantes das regionais integravam o conselho nacional. Funcionavam, na organização, sete ou oito regionais de acordo com o momento (Buenos Aires, Centro, Cuyo, Litoral, NEA, NOA e Sur). Em fins de 1972, ocorre uma modificação na estrutura organizacional. Com a complexidade adquirida pela organização, foi decidida a criação de um novo âmbito de condução denominado Condução Nacional. (PERDÍA, 2013).

No período dessa nova estruturação, em que ações dos grupos de esquerda estavam cada vez mais intensificadas e a luta contra o regime militar era cada vez mais forte, as expectativas do retorno de Perón eram cada vez mais reais para os militantes. Para termos ideia

da aceitação, por parte da população, desses grupos naquele período, reproduzimos os dados apresentados por Roberto Perdía.

> Dados de enquetes feitas em 1971 e 1972 mostram que em dita época a guerrilha contava com notável apoio e simpatia da população. Justificavam-na 45,5% na capital federal, 49,5% no interior do país, com picos de 53% em Córdoba e de 51% em Rosário. (PERDÍA, 2013, p. 254, tradução nossa).[104]

Com o retorno de Perón no dia 17 de outubro de 1972, a esquerda peronista se anima e se enche de esperança, acreditando que o momento tão esperado das transformações havia chegado. Montoneros, também envolvido por toda esperança e animação, desse momento até as eleições de 11 de março de 1973 consegue aumentar ainda mais seus quadros de militantes e suas influências políticas. (DUZDEVICH, 2015). Em 12 de outubro, quando Perón assume a presidência, o Montoneros apresentou sua fusão com as Forças Armadas Revolucionárias (FAR). Cheios de otimismo, declaram: "Perón é Argentina, é soberania, é Pátria". (GILLESPIE, 1998). Como de costume, quando o grupo decide se fundir com as FAR, emite um documento. Nele, estabelecem os motivos da união, como podemos observar em algumas partes do referido documento:

> Ata de Unidade da FAR e MONTONEROS
> Que cumprindo-se hoje a máxima aspiração de 18 anos de luta, o Movimento Peronista termina uma de suas batalhas mais heroicas e difíceis, iniciando uma nova batalha nesta longa guerra de libertação, tão dura e complexa quanto a anterior, e que para continuar com este processo, o general Perón chamou a unidade do Movimento ao lado de seu comando para alcançar, por todos os meios possíveis, os objetivos de unidade, reconstrução e liberação do povo argentino; que essa unidade do Movimento é o eixo necessário para conseguir a unidade do povo argentino em uma Frente de Libertação Nacional capaz de enfrentar o imperialismo na etapa que se inicia. Por tudo isso:
> AS ORGANIZAÇÕES FAR E MONTONEROS RESOLVEM:
> 1°) A partir da data ambas organizações fundem-se, passando a constituir uma só e ficando unificadas definitivamente todas as suas estruturas e mandos; 2°) A organização resultante da fusão se denominará MONTONEROS, desaparecendo a denominação FAR a partir da assinatura da presente ata; 3°) A unidade de nossas organizações está orientada a contribuir para o processo de reorganização e democratização do Movimento Peronista que nos ha convocado o general Perón para conseguir a participação orgânica da classe trabalhadora em sua condução, única garantia de que a unidade do povo argentino na Frente de Libertação, sob a direção do Movimento Peronista, faça efetivos os objetivos de Libertação Nacional e Justiça Social para a construção do Socialismo Nacional e a unidade latino-americana. Livres ou mortos, jamais escravos! Perón ou morte! Viva a Pátria! Forças Armadas Revolucionárias - Montoneros. (Tradução nossa)[105].

---

[104] Datos de encuestas tomadas en 1971 y 1972 muestran que en dicha época la guerilla contaba com notável apoio o simpatía de la población. La justificaban el 45,5% en la capital federal, el 49,5% en el interior del país, con picos del 53% en Códoba y del 51% en Rosário.
[105] Acta de Unidad de FAR Y MONTONERO

No entanto, o que ocorreu a partir do momento em que Perón assumiu a presidência não foi o que Montoneros esperava. Desde a chegada de Perón à Argentina se inicia um período de disputas entre direita e esquerda peronistas. De acordo com Gillespie (1998, p. 168), "Os progressos iniciais da esquerda peronista viram-se gradualmente reduzidos enquanto a ala direita e os representantes sindicais faziam-se cada vez mais dominantes no governo e na educação superior". Nesse sentido, alguns dos posicionamentos de Perón, a favor da direita e contra a esquerda mais radical, não agradaram o referido grupo. Um exemplo desse posicionamento foi o Documento Reservado oriundo da chefia peronista, apresentado publicamente por Perón. Esse documento foi emitido após a morte de José Ignácio Rucci[106]. De acordo com Gillespie (1998), esse documento foi uma verdadeira declaração de guerra contra os grupos marxistas e de esquerda. Todavia, Montoneros acreditava que Perón não tinha nada a ver com o documento. A revista **El Descamisado** traz uma discussão reforçando essa ideia. Abaixo, um excerto do texto:

> No recentemente peronizado jornal **La Opinión** aparecia, terça-feira passada, um Documento Reservado que supostamente tinha sido distribuído aos governadores provinciais na reunião que estes mantiveram com o general Perón na segunda-feira, 1° de outubro. Até a data de hoje, nenhuma autoridade do Movimento – particularmente Perón – deu a conhecer nenhum tipo de instrução aos governadores, nem delegados provinciais, nem tem anunciado a existência de documento algum. Além disso, acontece que estes deveres consistem em uma modificação substancial da forma de operar do movimento, como é a de denunciar companheiros, controlar militarmente os lemas e os estandartes que o povo levanta em seus atos, proibir a discussão interna no Movimento e outros desse teor. Está tudo claro. Os mesmos que

---

Que al cumplirse hoy la máxima aspiración de 18 años de lucha, el Movimiento Peronista termina una de sus batallas más heroicas y difíciles, iniciando una nueva batalla en esta larga guerra de liberación, tan dura y compleja como la anterior, y que para continuar con este proceso, el General Perón ha llamado a la unidad del Movimiento en torno de su conducción, para alcanzar por todos los medios posibles los objetivos de unidad, reconstrucción y liberación del pueblo argentino; que esa unidad del Movimiento es el eje necesario para lograr la unidad del pueblo argentino en un Frente de Liberación Nacional capaz de enfrentar al imperialismo en la etapa que se inicia. Por todo ello:
LAS ORGANIZACIONES FAR Y MONTONEROS RESUELVEN:
1°) A partir de la fecha ambas organizaciones se fusionan pasando a constituir una sola y quedando unificadas definitivamente todas sus estructuras y mandos; 2°) La organización resultante de la fusión se denominará MONTONEROS, desapareciendo la denominación FAR a partir de la firma de la presente acta; 3°) La unidad de nuestras organizaciones está orientada a contribuir al proceso de reorganización y democratización del Movimiento Peronista a que nos ha convocado el General Perón para lograr la participación orgánica de la clase trabajadora en su conducción, única garantía de que la unidad del pueblo argentino en el Frente de Liberación bajo la dirección del Movimiento Peronista, haga efectivos los objetivos de Liberación Nacional y Justicia Social, hacia la construcción del Socialismo Nacional y la unidad latinoamericana. Libres o muertos, ¡ jamás esclavos ¡ ¡Perón o muerte¡ ¡Viva la Patria¡ Fuerzas Armadas Revolucionarias – Montoneros.

[106] José Ignácio Rucci era secretário geral da Confederação Geral do Trabalho e líder das 62 organizações. Algumas ações de Rucci contra a esquerda peronista fizeram com que Montoneros e outros grupos tomassem antipatia dele. Segundo Grammático (2011, p. 36), essa situação se acirrou quando "Montorenos y la Juventud Peronista fueron excluídos de la organización de esta segunda campanha electoral, a cargo de la dirigencia sindical encabezada por José Ignacio Rucci."

> acusavam o peronismo de atentar contra o estilo de vida ocidental e cristão antes de 11 de março agora mexem no Movimento, escrevem um documento absurdo e dão para um jornal publicar como instruções de Perón para o Movimento. O resto é fácil. Nunca faltam os agrupamentos inventados, os traidores dos 18 anos e os oportunistas de toda a vida que decidam começar essa guerra santa. E o inimigo para eles é claro: todos os que lutam por cumprir os objetivos fixados pelo General. Claro que têm um problema (o mesmo de Lanusse): falta-lhes o povo. (Tradução nossa).[107]

A partir dos fragmentos do documento, fica perceptível como o Montoneros não considerava que Perón fosse o seu responsável. Para a organização, fica claro que dentro do movimento peronista existiam pessoas traidoras. Muitas dessas se apresentaram contrárias, nos períodos iniciais, ao retorno de Perón; nesse momento, quando Perón se consolidava no poder, incluíam-se de forma traiçoeira no movimento. Do ponto de vista dos montoneros, essas pessoas deveriam ser excluídas porque queriam derrubar Perón e seu prestígio popular para instalar de vez o imperialismo na Argentina. De acordo com Gillespie (1998), um dos principais traidores do Peronismo para os montoneros era José López Rega[108], ministro de Bem-Estar Social. Segundo eles, o referido ministro era responsável por minar as relações entre Perón e o povo. No entanto, essa situação mudaria logo, uma vez que Perón mostraria mais claramente de que lado se apresentava. Em 1974, por exemplo, se declarava contrário às ideias do socialismo nacional. Sobre o assunto, afirma Gillespie:

> Quando se fez evidente que, apesar de sua frequente boa disposição ao compromisso, a tendência não podia ser domesticada, o interesse de Perón não se centrou em fazer concessões a fim de manter uma unidade cada vez menos real, mas em enxotar a esquerda de seu movimento, tentando isolar o vírus do socialismo. Em fevereiro de 1974, Perón demonstrou o desprezo que sentia pela esquerda dizendo aos grupos juvenis de direita ligados à burocracia operária que preferia um líder honesto com dez

---

[107] En el recientemente peronizado diario La Opinión aparecia, el martes passado, un Documento Reservado que supuestamente había sido repartido a los gobernadores provinciales en la reunión que estos mantuvieron con el General Perón el Lunes 1° de octubre. Hasta la fecha ninguma autoridade del Movimiento – particularmente Perón - há dado a conocer ningún tipo de instrucciones a los gobernadores, ni delegados provinciales, ni há anunciado la existencia de documento alguno. Y resulta, además, que estos deberes consisten en una modificación sustancial de la forma de operar del movimiento, como es la de denunciar compañeros, controlar militarmente las consignas y los estandartes que el pueblo levanta en sus actos, prohibir la discusión interna en el Movimiento y otros de ese tenor. Aca está todo claro. Los mismos que acusaban al peronismo de atentar contra el estilo de vida occidental y cristiano antes del 11 de marzo ahora se meten en el Movimiento, escriben un documento absurdo y se lo dan a un diario para que lo publique como instrucciones de Perón para el Movimiento. Y lo demás es fácil. Nunca faltan las agrupaciones inventadas, los traidores de 18 años y los oportunistas de toda la vida que decidan comenzar esa guerra santa. Y el enemigo para ellos es claro: todos los que pelean por cumplir los objetivos que fija el General. Claro que tienen un problema (el mismo de Lanusse): les falta el pueblo. (REVISTA EL DESCAMISADO. Buenos Aires, ano 1, n. 21, p. 2, out 1973. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/revistas/El%20Descamisado%2021.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.)

[108] José López Rega, foi inicialmente ministro de Bem-Estar Social do governo de Cámpora, depois foi secretário do governo de Perón. No governo de Isabel Perón, assumiu o cargo de primeiro-ministro. Para Duzdevich (2015, p. 172), López Rega “fue una especie de valet que recibía y servía café, y luego, ayudado por Isabel, fue ganando espacios al lado del general. Cuando Perón comenzó su decaimiento físico, se transformó en algo imprescindible. Todos los testimonios de la época dan conta de que Perón teria cierto fastídio y desprecio por 'Lopecito', pero lo suportaba y, sin duda, lo usaba para filtrar ciertas visitas y dar algún mensaje poco agradable."

> pessoas detrás dele a um desonesto com dez mil. (GILLESPIE, 1998, p. 172, tradução nossa).[109]

Ainda no mesmo ano, Perón reforçou suas posições em relação à esquerda com a reforma do Código Penal. Aldo Duzdevich apresenta as modificações do Código.

> As modificações propostas eram basicamente aumentos de penas: o sequestro com propósito de resgate, de 3 a 10 anos passava a ser de 5 a 15; a organização criminosa, de 1 a 3 anos subia para 3 a 10; a fabricação de explosivos, antes de 6 meses a 3 anos, agora passava a 3 a 6. (DUZDEVICH, 2015, p. 191, tradução nossa).[110]

A partir de então, Montoneros começa a identificar algumas diferenças em relação a Perón. Mario Firmenich[111], chefe do grupo nesse momento, reconhecia que, antes do retorno de Perón, Montoneros havia criado um Perón utópico. Com a sua volta, descobrem que Perón era Perón, e não a construção utópica feita pelo grupo. (GILLESPIE, 1998). Assim, algumas das propostas e objetivos do grupo começam a se modificar, a começar pela ideia defendida pelo grupo, desde o período de sua formação inicial, de que Perón seria o líder da Revolução Socialista Nacional. Agora, o grupo se posicionava de forma diferenciada questionando algumas vezes a defesa e o apoio ao peronismo, tendo em vista que para eles o movimento não era o mesmo e, além de tudo, estava infiltrado por traidores. Assim, de acordo com Gillespie (1998), em vez de apoiar e defender o governo peronista, concentrariam suas atenções em tarefas organizacionais. No entanto, mesmo com a percepção das diferenças e a modificação dos posicionamentos, o grupo não se apresentava contrário a Perón.

Em virtude dessas mudanças, as diferenças entre Montoneros e Perón afloravam cada vez mais. O ponto mais alto do enfrentamento entre eles ocorreu no dia 1° de maio de 1974, quando comemoravam o dia dos trabalhadores na Plaza de Mayo. Segundo Gillespie (1998), a Tendência Revolucionária mobilizou mais de 100.000 pessoas. Para eles, nesse dia ocorreria uma assembleia em que o povo dialogaria com Perón. Todavia, o que ocorreu na

---

[109] Cuando se hizo evidente que a pesar de su frecuente buena disposición al compromiso, la tendencia no podía ser domesticada, el interés de Perón no se centró en hacer conseciones a fin de mantener una unidad cada vez menos real, sino en echar a la izquierda de su movimiento, intentando aislar el virus del socialismo. En febrero de 1974 demonstró el desprecio que sentía por la izquierda al decir a los grupos juveniles de direchas ligados a la burocracia obrera que preferia un líder honesto con diez personas detrás de él a uno deshonesto com diz mil.

[110] Las Modificaciones propuestas eran basicamente aumentos de penas: el sequestro con propósito de rescate, de 3 a 10 años pasaba a ser de 5 a 15; la asociación ilícita, de 1 a 3 años subia a 3 a 10; la fabricación de explosivos, antes de 6 meses a 3 años, ahora pasaba a 3 a 6.

[111] Com a morte de Sabino Navarro, em fins de 1971, Mario Firmenich, um dos fundadores de Montoneros, juntamente com Abal Medina e Ramus, assume o cargo de chefe do grupo. Firmenich foi líder da Juventude Universitária Católica; no entanto, não tinha muita influência sobre os trabalhadores. (GILLESPIE, 1998).

prática foi diferente do planejado. Como relata Karin Grammático, as críticas ao caráter antipopular do governo ocorreram logo cedo.

> Chegando cedo ao local de reunião, os montoneros começaram a entoar seus clássicos cânticos em que denunciavam o caráter antipopular que tinha adquirido o governo peronista. [...] Como fazia Evita em tempos passados, foi Isabel a encarregada de premiar a escolhida. Em meio a um coro que entoava: "Não encham mais o saco, Evita há uma só." (GRAMMÁTICO, 2011, p. 105, tradução nossa).[112]

Em virtude dessas manifestações, Perón já estava irritado, mas a situação piorou quando deu início a seu discurso. Como de costume, nas comemorações do dia 1° de maio, Perón discursava após o hino nacional. Nesse momento, o general foi surpreendido mais uma vez com novas manifestações. Sobre elas, relata Gillespie:

> [...] No momento em que Perón se aproximou do microfone, foi recebido com a persistente pergunta montonera proferida a gritos: "O que acontece, general? O governo popular está cheio de *gorilas*." Perdido o domínio de si, renunciou a seu discurso de unidade nacional e soltou contra a esquerda peronista um ataque que equivaleu a uma declaração de guerra. [...] 'A estes estúpidos que gritam'; no entanto, naquele instante, a Tendência não reagiu. Perón prosseguiu: 'Dizia que através destes vinte anos, as organizações sindicais têm se mantido incomovíveis, e hoje resulta que alguns imberbes pretendem ter mais méritos que os que lutaram durante vinte anos'. (GILLESPIE, 1998, p. 187, tradução nossa).[113]

Mesmo com todas essas ofensas feitas por Perón aos montoneros, estes permaneceram na praça. Porém, o ponto máximo da desavença se deu quando Perón os chamou de infiltrados e apresentou a necessidade de recorrer a uma guerra contra eles. Gillespie expõe o acontecido.

> [...] Repreendeu com dureza os membros da Tendência Revolucionária chamando-lhes de infiltrados que trabalham dentro e que traiçoeiramente são mais perigosos que os que trabalham de fora, sem contar que a maior parte deles são mercenários que trabalham a serviço do dinheiro estrangeiro; e invocou a necessidade de recorrer a

---

[112] Arribadas tempranamente al punto de reunión, las huestes montoneras comenzaran a vocear sus clásicos cánticos en el que denunciaban el carácter antipopular que había adquirido el gobierno peronista. [...] Como lo hacía Evita en tiempos pasados, fue Isabel la engargada de premiar a la elegida. En medio de um coro que entonaba: "No rompan más las bolas, Evita hay una sóla."

[113] [...] en momento en que se acercaba Perón do micrófono, fue recibido con la persistente pregunta montonera proferida a gritos: Qué pasa, qué pasa, general, que está lleno de gorilas el gobierno popular? Perdido el domínio de sí, renunció a su discurso de unidad nacional y solto contra la izquierda peronista un ataque que equivalió a una declaración de guerra. [...] 'A estos estúpidos que gritan'; sin embargo, de momento, la tendência no reacionó. Perón prosiguió: 'Decía que a través de estos veinte años, las organizaciones sindicales se han mantenido inconmovibles, e hoy resulta que algunos imberbeis pretenden tener más méritos que los que lucharon durante veinte años'.

> uma guerra interna se os malvados não cedessem. (GILLESPIE, 1998, p. 188, tradução nossa).[114]

Segundo o mesmo autor, antes mesmo de Perón terminar, os montoneros, fartos daqueles ataques, se retiravam da praça, cantando: "'*Aserín, asserán* é o povo que vai embora" e "se este não é o povo, onde o povo está?", e deixando para trás Perón e seus gritos, dois terços da praça ficaram vazios" (GILLESPIE, 1998, p. 188, tradução nossa).[115] Assim, depois de vários meses recebendo golpes da direita, quase sem reação, o Montoneros foi perdendo a ingenuidade a respeito de Perón.

2.4 Montoneros: a morte de Perón, a atuação da Tríplice A e a ditadura civil-militar de 1976

A partir de 1974 uma nova fase se inicia na organização, principalmente depois do 1° de julho daquele ano, quando Perón morreu vítima de ataque cardíaco. A situação de enfrentamento aumentou ainda mais com a ascensão à presidência de Isabel Perón. Desse modo, segundo Grammático (2011), com sua escassa capacidade para a gestão, López Rega assumiu as responsabilidades do Estado, piorando ainda mais as relações com os grupos de esquerda. As ações da Aliança Anticomunista Argentina (Tríplice A)[116] foram colocadas em prática explicitamente. Segundo Gillespie (1998), 200 pessoas haviam sido assassinadas pela Tríplice A até setembro de 1974, incluindo muitos militantes da esquerda peronista. Entre os mais conhecidos, estavam o padre Carlos Mugica e o deputado peronista revolucionário Rodolfo Ortega Peña, diretor-adjunto da revista **Militancia**. Montoneros e as organizações paralelas haviam perdido mais militantes assassinados do que no período de 1970 a 1973. (GILLESPIE, 1998).

---

[114] [...] Reprendió con dureza a los miembros de la Tendencia Revolucionária llamándoles infiltrados que trabajan adentro y que traidoramente son más peligrosos que los que trabajan de afuera, sin contar que la mayoría de ellos son mercenarios que trabajan al servicio de dinero extranjero; e invocó la necesidad de recurrir a una guerra interna si los malvados no cejan.

[115] 'Aserín, asserán es el pueblo que se va y se esto no es el pueblo ¿dónde está?' y dejando atrás a Perón e sus gritos. Dos tercios de la plaza quedaron vacíos.

[116] De acordo com Gillespie (1998), a denominação Tríplice A só ocorreu em 1974, embora suas atuações já se fizessem presentes desde períodos anteriores. Foi criada com o objetivo de eliminar peronistas de esquerda. Para Duzdevich (2015), a Tríplice A foi uma sinistra organização que se tornou o antecedente direto dos mecanismos repressivos que utilizavam os militares a partir de 1976. Para esse autor, é uma falácia a versão defendida por muitos teóricos de que Perón foi seu criador, pois quem se beneficia com essa teoria são, principalmente, os militares de 1976, que tentam diminuir suas responsabilidades genocidas apresentando-se como continuadores de uma política iniciada no período da democracia.

Em virtude de todo esse contexto, os montoneros foram obrigados a mudar suas estratégias para que o grupo não fosse totalmente dissolvido. Assim, entram para a clandestinidade no mesmo ano, mantendo seus objetivos de luta utilizados desde o período anterior ao retorno de Perón. Acusavam o governo de Isabel de antipopular, antiperonista e não viam diferença alguma entre aquele governo e o anterior às eleições de março de 1973. A partir de 1974, após as ações ofensivas da Tríplice A, os objetivos do Montoneros eram manter o contato com as massas e reconhecer as tarefas militares como o aspecto principal, uma vez que sem o militarismo não chegariam ao poder. (GILLESPIE, 1998).

Contudo, para alcançar tais objetivos, os montoneros teriam algumas dificuldades, na medida em que estando na clandestinidade seu contato com as massas seria mais difícil. Além disso, os principais meios de comunicação do grupo tinham sido censurados pelo governo. No que se refere às tarefas militares, o grupo também teria dificuldades, tendo em vista que sofreram muitas baixas com as ações da Tríplice A. Porém, essas dificuldades não impediram o grupo de seguir avançando com sucesso em suas operações e também em relação ao crescimento dos quadros de militantes na Organização. Um exemplo de sucesso operativo para Montoneros foi o sequestro dos irmãos *Bunge y Born*[117]. Essa ação, ocorrida no dia 19 de setembro de 1974, propiciou uma grande recuperação ao grupo, principalmente no aspecto financeiro. Abaixo o relato do sequestro feito por Gillespie.

> [...] Em 19 de setembro, saíam de carro de sua casa da região bonaerense de Beccar; desviados de uma rua principal por policiais dotados de luzes de trânsito que funcionavam com pilhas, foram encurralados por vinte ou trinta técnicos de telefones: quatro pelotões da coluna montonera Eva Perón. [...] O resgate que se pediu de sessenta milhões de dólares estadunidenses [...] a distribuição de 1.200.000 dólares em mercadorias, como castigo por acumulação e criação de escassez e, finalmente, pela suposta participação no golpe de 1955, ordenou-se a Bunge e Born que colocassem bustos de Juan e Eva Perón em todas suas fábricas. (GILLESPIE, 1998, p. 223-224, tradução nossa).[118]

Como de costume, Montoneros emitiu um comunicado que anunciava o sequestro, como se vê nos fragmentos que seguem:

---

[117] Segundo Gillespie (1998), *Bunge y Born* eram importantes empresários que possuíam diversas empresas de produtos agrícolas e um importante monopólio mundial de farinha.

[118] [...] el 19 de septiembre, salían en coche de su casa de la Zona bonaerense de Beccar; desviados de una carretera principal por policías provistos de luces de tránsito que funcionaban con pilas, fueron acorralados por veinte ou treinta reparadores de teléfonos: cuatro pelotones de la columna montonera Eva Perón. [...] El rescate que se pedió sesenta millones de dólares estadounidenses [...] la distribuición de 1.200.000 dólares en mercancias, como castigo por acaparamiento y creación de escassez y finalmente, por la supuesta participación en el golpe de 1955, se ordenó a Bunge y Born que colocaran bustos de Juan y Eva Perón em todas sus fábricas.

> Comunicado Nº 2
> Referente ao sequestro e tentativa de administração de Bunge e Born
> Nos cárceres do Povo, a Organização Montoneros está procedendo ao interrogatório dos irmãos Born. Esses dois expoentes do imperialismo e da oligarquia na Argentina têm sido colocados sob a justiça popular a fim de devolverem ao Povo parte do que eles saquearam do país durante tantos anos e depois que este governo negligenciou as manobras de monopolização, evasão de impostos e exploração dos trabalhadores de suas fábricas, levadas a cabo ainda hoje.
> (...) É por isso que hoje chamamos o Povo para a resistência, porque este governo não é peronista, porque em vez de Justiça Social há salários cada vez mais deteriorados, junto à repressão e assassinato de dirigentes peronistas e populares, porque em vez da Independência Econômica que cacarejavam com uma política que pretendem ser enganosa, há uma entrega cada vez maior aos centros de poder imperialista, porque a soberania política não existe quando o ministro Vignes reúne-se nos EE.UU com Kissinger para que ele diga como tem que reprimir e "eliminar o terrorismo no país". Bunge e Born, a burocracia vandorista, López Rega e Isabel fazem parte de uma mesma política: a subjugação do Povo a serviço do Imperialismo. PERON OU MORTE/VIVA A PÁTRIA/ATÉ A VITÓRIA MEU GENERAL/MONTONEROS.[119]

A partir da leitura e análise do referido comunicado, pode-se notar que além da comunicação do fato em si, Montoneros apresenta suas justificativas, sempre relacionadas com as demandas populares. Mais uma vez, o grupo segue a lógica de tentar fazer justiça aos trabalhadores, que são explorados pelo imperialismo com o apoio de Isabel e López Rega. Ao fim, pode-se observar que algumas das palavras usadas nos outros documentos se modificaram a partir da morte de Perón.

O sucesso da operação permitiu a Montoneros começar a produção de armas e de equipamentos de segurança. O número de militantes do grupo também cresceu. Assim, ganharam mais confiança em sua luta depois de anos de dificuldades enfrentadas pelo grupo. (GILLESPIE, 1998).

Entretanto, a confiança e a animação de Montoneros chegariam ao fim com o golpe civil-militar de 1976, com o forte aparato organizado pelo Estado e com o apoio dos Estados

---

[119] Comunicado Nº 2
Referente al secuestro y juicio de directivos de Bunge y Born
En las cárceles del Pueblo la Organización Montoneros está procediendo al interrogatorio de los hermanos Born. Estos dos exponentes del imperialismo y la oligarquía en la Argentina han sido puestos bajo la justicia popular a los efectos de que devuelvan al Pueblo parte de lo que han saqueado al país durante tantos años y luego de que este gobierno pasara por alto las maniobras de acaparamiento, evasión de impuestos y explotación a los trabajadores de sus fábricas, que están llevando adelante en la actualidad. Es por eso que hoy llamamos al Pueblo a la resistencia, porque este gobierno no es peronista, porque en vez de Justicia Social hay salarios cada vez más deteriorados, junto con represión y asesinato de dirigentes peronistas y populares, porque en vez de la Independencia Económica que cacareaban con una política que pretenden ser engañosa hay una entrega cada vez mayor a los centros de poder imperialista, porque la soberanía política no existe cuando el ministro Vignes se reúne en EE.UU con Kissinger para que éste le diga cómo hay que reprimir y "eliminar el terrorismo en el país". Bunge y Born, la burocracia vandorista, López Rega e Isabel, forman parte de una misma política, la sojuzgación del Pueblo al servicio del Imperialismo.
PERON O MUERTE/VIVA LA PATRIA/HASTA LA VICTORIA MI GENERAL/MONTONEROS (COMUNICADO Nº 2. Disponível em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=221>. Acesso em: 17 ago. 2016.)

Unidos. No dia 24 de março de 1976, a presidente da Argentina Isabel Perón foi deposta do seu cargo juntamente com seus principais representantes. Os órgãos do governo também foram dissolvidos e a atividade política estudantil e partidária foi proibida. O golpe foi executado por uma junta de militares composta pelo tenente-general do Exército, Jorge Rafael Videla, pelo almirante da Marinha, Emílio Eduardo Massera, e o brigadeiro geral da Força Aérea, Orlando Ramón Agosti. (GILLESPIE, 1998).

Os Montoneros denominaram a tomada do poder pelos militares como ofensiva generalizada sobre o campo popular. Com o golpe, optaram por uma estratégia de defesa ativa, destinada a impedir sua consolidação e preparar uma contraofensiva popular. O papel do grupo, então, era deter os avanços dos militares e atacar o centro de gravidade, ou seja, pessoas e instalações, com o objetivo de mostrar a vulnerabilidade do regime e o poder de atuação do grupo. (GILLESPIE, 1998). No entanto, o que Montoneros nem ninguém esperava era o poder do aparato repressivo construído por esses militares. O poderio desenvolvido por eles superava todos os anteriores.

As atividades da Tríplice A se tornaram habituais da rotina policial. Assim, em princípios de 1976, as Forças Armadas assumiram a tarefa de eliminar Montoneros. Durante o último trimestre de 1976, os grupos paramilitares executaram uma média de 15 sequestros diários. Durante o ano de 1976, o número de mortes políticas ultrapassava 1.354 vítimas. Nesse novo contexto, Montoneros não tinha a mínima capacidade de combater as Forças Armadas. (GILLESPIE, 1998). Mas é importante ressaltar que mesmo assim a luta de Montoneros continuava. Abaixo, Gillespie relata algumas das atuações do grupo.

> [...] um artefato explosivo colocado embaixo da tribuna abriu um buraco de um metro de largura no lugar exato onde o presidente Videla, situado já a cinquenta e cinco metros de distância, tinha permanecido até pouco antes. Duas semanas depois, na véspera do aniversário peronista do 17 de outubro, uma bomba destruiu um cinema do Círculo Militar e feriu sessenta oficiais reformados e seus familiares. Também houve assassinatos individuais. [...] Em 1976, os Montoneros levaram a cabo um total de 400 operações e manifestaram ter matado ou ferido 300 empresários e membros das forças militares e policiais. (GILLESPIE, 1998, p. 288, tradução nossa).[120]

Em 1977, a situação muda drasticamente: a capacidade ofensiva dos guerrilheiros declina intensamente, enquanto o número de mortes de militantes montoneros aumenta. Nesse

[120] [...] un artefato explosivo colocado debajo de la tribuna abrió un boquete de un metro de anchura en el sitio exacto donde el presidente Videla, situado ya a cincuenta y cinco metros de distancia habia permanecido até poco antes. Dos semanas depués, en la víspera del aniversario peronista del 17 de octubre, una bomba destruió un cine del cículo militar e hirió a sesenta oficiales retirados y a familiares suyos. También hubo asesinatos individuales. [...] En 1976, los Montoneros llevaron a cabo un total de 400 operaciones e manisfestaron haber muerto o herido a 300 empresários y miembros de las fuerzas militares y policiales.

sentido, entre militares, polícia e empresários, o número de vitimas foi inferior a 35. Em contrapartida, as perdas entre montoneros foram intensas: um ano após o golpe militar, as baixas de montoneros superavam 2.000; em 1978, alcançaram 4.500. (GILLESPIE, 1998).

Como dito anteriormente, o aparato militar do golpe de 1976 era muito bem articulado e com lógicas diferentes das anteriores. Os campos de concentração oficialmente autorizados, mas clandestinos; os sequestros e torturas e as formas de atuação dos militares de 1976 eram completamente diferentes do que esperavam os montoneros. Para Gillespie (1998), as verdadeiras causas de desestabilização do grupo Montoneros foram os sequestros e suas consequências. Um único militante podia denunciar de 20 a 30 membros e causar grandes baixas ao grupo.

Com tantos problemas e tantas perdas enfrentadas por Montoneros, a saída final encontrada, já em 1977, foi a busca de aliados internacionais. No entanto, não obtiveram êxito. A partir daí, em 1979 planejaram outra ação, uma contraofensiva, animados pelo aumento das greves de 1978. De acordo com Gillespie (1998), a contraofensiva foi um desastre: mais uma exibição de militarismo do que uma contraofensiva popular. Assim, essa ação também não logrou êxito. De acordo com o mesmo autor, a classe trabalhadora não estava preparada para uma contraofensiva unida, já que se apresentava de forma muito heterogênea naquele momento. Finalmente, após a operação com as novas perdas irreparáveis, o grupo quase desapareceu, ficando extremamente reduzido em 1979.

Nessa perspectiva, depois de várias derrotas e de um histórico intenso de violência, o grupo decide pensar em uma alternativa diferenciada de mudança. De acordo com Perdía (2013), a alternativa encontrada foi pensar em propostas de paz. Nesse contexto, o grupo tentou buscar apoio no Episcopado Argentino e no Vaticano através do envio de cartas. O objetivo era pôr fim aos enfrentamentos violentos e criar condições para que reinasse a paz. Sobre o assunto, afirma Perdía:

> Na carta de Montoneros ao Episcopado argentino reiterava-se nossa vontade de contribuir para a paz e solicitar ao episcopado que atue como canal de comunicação para estabelecer um diálogo para a paz. Esta carta seria firmada por Firmenich em nome dos integrantes que sobraram do nosso Comando Nacional. (PERDÍA, 2013, p. 770, tradução nossa).[121]

[121] En la carta de Montoneros al Episcopado argentino se reiteraba nuestra voluntad de contribuir a la paz y solicitar al episcopado que oficie como canal de comunicación para estabelecer un diálogo para la paz. Esta carta seria firmada por Firmenich en nombre de los restantes integrantes de nuestra Conducción Nacional.

Nesse sentido, o ano de 1980 marcava o fim da luta armada por parte do Montoneros. Para eles, seria impossível sustentar essa luta. Finalmente, em 1983, um novo documento do Montoneros estabelecia novas propostas de paz e a não justificação da ação armada durante a vigência de um governo eleito pelo povo. (PERDÍA, 2013).

No próximo capítulo, vamos apresentar as formas de inserção das mulheres no grupo, simultaneamente com os reflexos sociais trazidos por essa inserção. Vamos mostrar também a organização feminina e as diferentes maneiras de participação e colaboração das mulheres no grupo, enfatizando, assim, as diferenças de gênero.

3 A DÉCADA DE 1970: INSERÇÃO E PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NOS GRUPOS ARMADOS E MONTONEROS

O presente capítulo apresenta a atuação das mulheres no grupo Montoneros, fazendo um paralelo com os reflexos sociais trazidos por essa atuação e as adequações femininas aos espaços masculinizados. Além disso, nossa análise foi baseada na teoria do gênero, que parte do pressuposto de que as hierarquias entre homens e mulheres são construções reproduzidas socialmente.

Dessa forma, para desenvolver o capítulo lançamos mão, além da bibliografia e dos documentos que versam sobre o assunto, de depoimentos de militantes, tendo em vista que a maior parte dos trabalhos encontrados sobre o assunto é de caráter testemunhal. Os trabalhos científicos sobre o tema, ainda hoje, são exíguos. Isso se deve, segundo Pasquali (2008), ao fato de a atuação política feminina sempre ter sido silenciada. A essa dificuldade se adiciona outra, que nos desafia ainda mais: trabalharmos com mulheres que atuaram em organizações armadas. Ou seja, como essas organizações atuaram na clandestinidade em muitos momentos, não temos acesso a muitas informações e, menos ainda, a informações que dizem respeito às mulheres, uma vez que os próprios grupos também reproduziam espaços masculinizados.

Além disso, o Estado, segundo Jelin (2002), monopolizou o espaço público com um discurso dominante. Assim, as memórias alternativas (como, por exemplo, a atuação de grupos armados na década de 1970) foram proibidas e ficaram, por sua vez, restritas a um âmbito privado. Seguindo a mesma lógica, Le Goff (1990) destaca que os esquecimentos e os silêncios da história revelam mecanismos de manipulação das memórias coletivas e que a memória é um instrumento e um objeto de poder. É a partir daí que reconhecemos a relevância dos relatos para o desenvolvimento da referida pesquisa, apresentando temas e questões silenciadas com o objetivo de libertar os sujeitos das dominações exercidas por diversos atores sociais.

Dessa maneira, trabalhar com memória significa, entre outras questões, reabrir o ocultado (KAUFMAN, 1998), superar os abusos políticos e promover o debate e a reflexão ativa sobre o passado, promovendo processos de construção histórica plurais, envolvendo diversos sujeitos. (JELIN, 2002).

No entanto, é importante ressaltar que a memória é uma das ferramentas que nos auxilia na escrita da história, não a história propriamente dita. Segundo Sarlo (2007, p. 61), “[...] ‘a verdade’ não resulta da submissão a uma perspectiva memorialística que tem limites. [...] Qualquer relato de experiência é interpretável”. Para Jelin (2002), toda memória, mais que

uma recordação, é uma reconstrução que implica uma seleção baseada em intencionalidades e expectativas para o futuro. Assim, ao analisar memórias devemos ter em mente que

> [...] É inevitável a marca do presente no ato de narrar o passado, justamente porque, no discurso, o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam livres de uma experiência "fenomenológica" do tempo presente da enunciação. O presente dirige o passado assim como um maestro, seus músicos. O passado se distorce para introduzir-se coerência. (SARLO, 2007, p. 49).

É em virtude disso e de outras questões que a memória não deve ser tomada como a história ou como uma "verdade absoluta". Todavia, reconhecemos o significativo valor do uso da memória como uma das ferramentas imprescindíveis para a escrita da história, principalmente em pesquisas como esta.

3.1 A importância da discussão de gênero para a escrita da história

De acordo com Soihet (1998) e Scott (1989), as discussões e preocupações teóricas relativas ao gênero só aparecem no fim do século XIX. Nessa lógica, como afirmam Barrancos (2010) e Pedro e Soihet (2007), o significado das relações entre sexos foi descoberto tardiamente pelo trabalho historiográfico, uma vez que se atribuía um caráter universal ao sujeito da história, representado apenas pela categoria homem. No entanto, é importante ressaltar também que até mesmo a categoria homem era restrita, já que nem todos eles eram contemplados: o homem branco era o único sujeito que fazia história. Finalmente, Sayão (2003, p. 127) destaca que o século XIX foi o tempo de "[...] afirmação do homem como senhor do universo e do conhecimento".

Nesse sentido, simultaneamente às lutas de emancipação das mulheres, como observamos nos capítulos anteriores, surgem as discussões de gênero. O conceito de gênero, que segundo Matos (2008) surgiu em meados dos anos 1970 e disseminou-se instantaneamente nas ciências a partir dos anos 80, começou a ser usado pelas feministas como um conceito que abrangia as dimensões psicológicas, sociais e culturais da feminilidade e masculinidade. De acordo com Rago (2012, p. 29), as feministas propuseram que a mulher "[...] não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à história, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes."

Pedro e Soihet (2007) acreditam que o grande impacto produzido nas Ciências Sociais pelo gênero se funda no fato de que uma parte da humanidade, as mulheres, estava na

invisibilidade, e isso se torna um problema na medida em que esses sujeitos também são parte dessa história e a modificam. Nesse sentido, para Dias (1994, p. 373), “[...] ser mulher denota antes o ser gente do que um ser de características biologicamente significativas.” Logo, para Torrão Filho (2005, p. 149), “[...] os estudos de gênero já mostraram como as diferenças entre os sexos, estabelecidas de maneira hierárquica, são construídas historicamente e como as noções de masculino e feminino são igualmente históricas.” É nesse sentido que, a partir dos questionamentos a respeito das diferenças hierarquizantes construídas historicamente, nas quais a mulher é sempre colocada em uma condição de inferioridade, a teoria de gênero vai se desenvolvendo e conquistando seus espaços nas Ciências Humanas e Sociais.

Desse modo, segundo Scott, o gênero deve ser entendido como uma das formas de romper com subordinações e hierarquizações de um sujeito em relação ao outro.

> O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1989, p. 7).

Partindo da imposição social, podemos entender o gênero e suas ligações com as estruturas de poder. Nesse sentido, como destaca Chartier na citação abaixo, a relação de dominação é primordial para compreendermos o funcionamento das relações de gênero e suas diferenças naturalizadas historicamente.

> Definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e lingüisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irredutível, universal. O essencial não é então, opor termo a termo, uma definição histórica e uma definição biológica da oposição masculino/feminino, mas sobretudo identificar, para cada configuração histórica, os mecanismos que enunciam e representam como "natural", portanto biológica, a divisão social, e portanto histórica, dos papéis e das funções. (CHARTIER, 1995, p. 42).

Assim, as diferenças entre homens e mulheres devem ser entendidas como relações de dominação, construídas e legitimadas historicamente, não como características naturais desses sujeitos. É nesse sentido que o uso do gênero se faz importante: para a desnaturalização e desconstrução dessas categorias.

Além das relações de subordinação das mulheres tratadas acima, Coelho (2009) nos alerta para a subordinação e opressão em relações sociais e políticas. Segundo ela, a opressão e

subordinação das mulheres são mantidas por estruturas patriarcais, capitalistas, racistas e homofóbicas de poder. Sobre o assunto, afirma Sayão:

> [...] as mulheres circulam como mercadorias de ínfimo valor no mercado de bens simbólicos; precisam estar sempre belas e magras, acompanhando a moda internacional, cumprindo também suas obrigações de mães e donas-de-casa paralelamente ao trabalho extra-doméstico que executam para melhorar o orçamento familiar ou para se sustentarem quando vivem sozinhas ou na companhia de seus/uas filhos/as pelos/as quais, geralmente, são as maiores ou únicas responsáveis. (SAYÃO, 2003, p. 125).

Dessa forma, o normal é que as mulheres cumpram todas essas atividades, inclusive o trabalho doméstico e a criação dos filhos, que é de responsabilidade "exclusiva" feminina. Assim, para Bourdieu (2002), o masculino se impõe como evidência natural, sem precisar de justificativas, e encontra respaldo em diversos elementos. Nesse contexto, podemos compreender a complexidade das relações de gênero, e como elas estão envolvidas com diferentes elementos sociais. Instituições como a escola, o Estado e a Igreja também reproduzem formas de dominação e opressão sobre as mulheres, respaldando assim a ordem masculina. Vejamos o que Bourdieu pondera:

> O Estado, a Igreja, a família, a escola são, de fato, instituições construtoras de categorias restritivas à ação humana. Da mesma forma, a masculinidade está inscrita tanto nas instituições quanto nos corpos de homens e mulheres, como habitus.[122] A visão androcêntrica do mundo é o senso comum de nosso mundo porque é imanente ao sistema de categorias de todos os agentes, inclusive as mulheres. (BOURDIEU, 2002, p. 23).

É em virtude disso que se torna imprescindível entender essas relações para desnaturalizarmos situações de dominação e opressão construídas ao longo do tempo e legitimadas, em muitos casos, pelas próprias mulheres, às vezes de forma inconsciente. No que diz respeito à dominação e à legitimação das mulheres, destaca Bourdieu:

> Para que a dominação simbólica funcione, é preciso que os dominados tenham incorporado as estruturas segundo as quais os dominantes percebem que a submissão não é um ato da consciência, suscetível de ser compreendido dentro de uma lógica das

[122] O conceito de *habitus* foi utilizado por muitos teóricos das Ciências Humanas, cada qual com suas especificidades. Anterior a Bourdieu, podemos citar Aristóteles, Émile Durkheim, entre outros. Para Bourdieu, o conceito diz respeito a uma matriz cultural que de alguma forma influencia as escolhas dos indivíduos. Em outras palavras, *habitus* seria um sistema constituído socialmente através de experiências práticas (em um determinado contexto), que orienta constantemente as ações do agir cotidiano dos indivíduos. Por fim, Bourdieu acredita que o *habitus* não é a reprodução "pura" de uma ordem social estática, muito pelo contrário, se constitui de estratégias e práticas às quais os agentes reagem e se adaptam.

> limitações ou dentro da lógica do consentimento, alternativa "cartesiana" que só existe quando a gente se situa dentro da lógica da consciência. (BOURDIEU, 2002, p. 36).

Logo, é a partir do estudo de gênero que podemos pensar o masculino e o feminino como "construções" hierárquicas em relação ao poder. Nessa perspectiva, é apenas com tal consciência que essas estruturas de poder podem ser modificadas e reconstruídas de forma mais igualitária. Enfim, para Rago (2012), a própria noção de identidade é historicizada, a figura dos sujeitos é puramente ficcional. Assim sendo, mulher e homem, criança ou trabalhadora, prostituta, louca deixariam de serem pensados como naturezas biologicamente determinadas.

Para Matos, uma das principais contribuições do gênero

> [...] é declarar a infinita capacidade humana (portanto igualmente feminina e masculina, é sempre prudente anunciar) de interpelar, de re-colocar e re-significar permanentemente os conteúdos e as formas daquilo que se apresenta como contingentemente universal, ciências em permanente devir, no deslizamento da norma hierárquica, na constante problematização das hierarquias e das subordinações, na crítica contumaz às opressões de todas as ordens, enfim, na e pela transgressão multicultural emancipatória como método. (MATOS, 2008, p. 349-350).

Além disso, como destaca Silveira (2009), a vida humana e as suas experiências, são muito mais múltiplas e complexas do que os modos como as classificamos e interpretamos. Por conseguinte, a concepção binária masculino-feminino constitui o padrão dominante para normatizar um modelo de comportamento de base religiosa, científica, educativa, jurídica, política, segundo o qual homens e mulheres deveriam se pautar. Portanto, para Silveira,

> [...] naturalizar as diferenças entre sexos como algo dado, imutável, é reduzir não só a humanidade do Outro, mas a própria. Homens e mulheres [...] devem compartilhar a sua humanidade, que requer relacionamentos mais simétricos, sem preconceito, desqualificação, discriminação, hierarquização de sexos e, sobretudo, sem violência. (SILVEIRA, 2009, p. 8)

É também levando em consideração a complexidade e multiplicidade das práticas sociais que a categoria de gênero se faz relevante, para ampliação das análises e compreensão da essência dos elementos, que, na maioria dos casos, se apresentam invisíveis a um olhar linear e incompleto. (RAGO, 2012).

Ademais, "[...] a partir do gênero pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre sexos [...]". Portanto, "o seu estudo é um meio de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana". (TORRÃO FILHO, 2005, p. 136). Nessa lógica, de acordo com Scott (1989), muitas das disputas presentes na história, como, por exemplo, a Revolução Francesa, estão ancoradas

e se constituem em categorias de gênero. Assim, sem entender o gênero se torna impossível entender aquelas disputas.

Enfim, devemos reconhecer a importância de compreender a história de todos, dos mais diversos homens e mulheres e de todos os sujeitos, tendo em vista que a história só pode ser percebida quando consideramos todos os atores sociais sem exclusões, descobrindo as implicações dos papéis desses sujeitos para a configuração da ordem social. Desse modo, de acordo com Scott (1989), o objetivo da pesquisa histórica comprometida deve ser romper com a noção das ideias fixas contidas na ordem social dominante. Além disso, também cabe à pesquisa histórica descobrir a origem da repressão, o que leva a uma aparência natural das coisas, por sua vez aceitas e legitimadas pelos indivíduos.

Outro aspecto destacado por Scott se refere à capacidade de entender homens e mulheres como categorias simultaneamente vazias e transbordantes. Para ela,

> A natureza desse processo, dos atores e das ações, só pode ser determinada especificamente se situada no espaço e no tempo. Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que "homem" e "mulher" são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não tem nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas. (SCOTT, 1989, p. 28).

Partindo desse ponto de vista, é fundamental termos em mente que as construções e classificações entre homens e mulheres e seus papéis sociais são determinados por tempos e espaços específicos, e que essas construções obedecem a normas de organização social estabelecidas por disputas por poder. No entanto, é importante salientar que os indivíduos e grupos, mesmo quando não conseguem vencer tais disputas, não excluem suas alternativas negadas, mas permanecem com elas em sua "essência". Por isso, são caracterizados como transbordantes.

De acordo com Torrão Filho, o poder exercido sobre o gênero pode ser notado claramente em momentos em que o domínio público se apresenta como forma primordial de um determinado regime,

> O poder se exerce sobre o gênero como forma de domínio político; por isso na base de regimes totalitários ou ditatoriais as relações de gênero são estreitamente codificadas e vigiadas. Mesmo sem uma justificativa imediata e pragmática, como no caso de dissidentes políticos ou minorias étnicas e religiosas, nos regimes de exceção as minorias sexuais, mulheres e desviantes, são controlados e conformados a uma moral estrita. (TORRÃO FILHO, 2005, p. 148).

É nessa lógica que se torna fundamental entendermos as estratégias utilizadas nas disputas sociais; enfim, como os indivíduos, de uma maneira geral, estão sujeitos a ordenações das classes dominantes. Nesse sentido, tentamos avançar, em termos históricos, com capacidade para compreender a complexidade dos processos sociais. Concomitante a isso, acrescentamos as perspectivas que levam em conta a diversidade dos sujeitos que se apresentam nessa história. (RAGO, 2012).

Partindo dessa lógica, Rago explica os problemas causados pelo abandono de sujeitos para a escrita da história.

> É evidente que o esquecimento, abandono, dissimulação, ou como queiramos dizer, da mulher como sujeito ativo em tão grande parte da historiografia não contribuiu de nenhuma maneira a proporcionar uma escrita histórica satisfatória, senão que ao contrário contribuiu para assentar a história como discurso ideológico das classes dominantes. (RAGO, 2012, p. 15).

Nesse contexto, para o entendimento e a compreensão da história com maior profundidade e de forma complexa, devemos conhecer os mais diversos sujeitos históricos e suas implicações na dinâmica social. Desse modo, o uso da categoria gênero é útil não só para uma história feminista ou de mulheres, mas também para a história de modo geral. Sobre o assunto, Rago afirma:

> Na historiografia feminista, vale notar, a teoria segue a experiência: esta não é buscada para comprovar aquela, aprioristicamente proposta. Opera-se uma deshierarquização dos acontecimentos: todos se tornam passíveis de serem historicizados, e não apenas as ações de determinados sujeitos sociais, sexuais e étnicos das elites econômicas e políticas, ou de outros setores sociais, como o proletariado-masculino-branco, tido como sujeito privilegiado por longo tempo, na produção acadêmica. Aliás, as práticas passam a ser privilegiadas em relação aos sujeitos sociais, num movimento que me parece bastante democratizador. (RAGO, 2012, p. 45).

O historiador, por sua vez, deve localizar todos os sujeitos na mesma condição de igualdade, tendo em vista que todos os atores sociais da cena histórica são passíveis de história e, em muitos casos, não fazem sentido quando analisados isoladamente.

Outro aspecto importante a respeito da questão de gênero se refere à separação dos papéis e espaços para homens e mulheres. De acordo com Garcia (1997), caímos em uma armadilha quando reservamos aos homens os espaços públicos e os privados às mulheres, tendo em vista que é falsa a total “masculinização” dos espaços públicos, como também a absoluta “feminização” dos espaços privados.

A partir de todos os aspectos relacionados ao gênero discutidos acima, concordamos com a proposta de Soihet (1998, p. 83) "[...] quanto à construção de uma história, 'menos bizarra, irreal e desequilibrada', na qual as mulheres" e os demais sujeitos invisíveis "estejam presentes, sem qualquer 'inconveniência'". Nesse sentido, a perpetuação das esferas separadas na escrita da história - a sexualidade ou a política, a família ou a nação, as mulheres ou os homens - causa sérios problemas a uma análise coerente, pois todas as peças sociais se relacionam entre si. (PEDRO; SOIHET, 2007). Desse modo, "[...] mulheres e História interpenetram-se num movimento dialético, assinalado por trocas recíprocas, que acena com a esperança de uma utopia futura". (SOIHET, 1998, p. 83).

Partindo dessa lógica, Matos acredita que,

> [...] enquanto no passado, a diferença entre homens e mulheres serviu de justificativa para marginalizar os direitos das mulheres e, de modo mais geral, para justificar as desigualdades de gênero, atualmente a diferença das mulheres indica a responsabilidade que qualquer instituição de direitos humanos teria de incorporar uma análise de gênero em suas práticas e análises teóricas. (MATOS, 2010, p. 87).

Assim sendo, é fundamental ressaltar, de acordo com Pasquali (2005), que uma análise não ancorada nas perspectivas de gênero ficará sempre em dívida com uma parte dos sujeitos, adotando, por sua vez, a parcialidade da história que se pretende explicar.

Sobre a parcialidade da história, Pedro e Soihet afirmam:

> [...] a solicitação de que a história fosse suplementada com informações sobre as mulheres equivalia a afirmar não só o caráter incompleto daquela disciplina, mas também que o domínio que os historiadores tinham do passado era parcial. Fato este, necessariamente demolidor para uma realidade que definia a 'história e seus agentes já estabelecidos como 'verdadeiros', ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que teve importância no passado'. (PEDRO; SOIHET, 2007, p. 286).

Destarte, como vimos anteriormente, ao analisarmos apenas uma parte da história estamos respondendo a demandas das classes dominantes e deixando para trás formas democráticas de construção de conhecimento. Desse modo, como destaca Tilly (1994), a história deve colocar problemas e contribuir para resolvê-los, além de descrever e analisar dados sem determinações já postuladas. Assim, quando inserimos as mulheres na história, estamos expandindo nossa compreensão sobre novos fatos do passado e respeitando as iniciativas humanas, além de estarmos afinando nossa compreensão acerca das disputas de poder.

Por outro lado, é importante estudarmos as mulheres - e outros sujeitos históricos invisíveis - para mostrar principalmente suas lutas, acompanhadas muitas vezes por

transformações no meio social. De acordo com Tilly (1994, p. 62), “[...] as mulheres lutaram pelos seus próprios direitos, pela participação numa vida democrática radicalmente nova, por um sustento a um preço mais justo.” No entanto, não conseguiram vencer totalmente as disputas por poder, mas, ainda assim, lutaram por posições e se localizaram no centro do debate político durante os séculos XIX e XX. (TILLY, 1994). É em todos esses sentidos que estudar e considerar as mulheres, os demais segmentos invisíveis e o gênero são imprescindíveis para uma escrita satisfatória da história.

A seguir, vamos apresentar alguns aspectos da atuação das mulheres nos grupos armados e suas implicações no contexto social.

3.2 Os reflexos sociais da atuação das mulheres nos grupos armados

Inicialmente, é importante destacar que abordar o tema da participação das mulheres em organizações armadas é um grande desafio, tendo em vista os momentos de clandestinidade, a repressão do estado e, principalmente, o escasso registro de participação feminina nos documentos. Isto, segundo Pasquali (2008), se deve à participação em desigualdade numérica nos quadros de direção. Dessa forma, entendemos umas das razões do silêncio da atuação feminina em documentos.

Durante a década de 1960, por exemplo, ocorreu a comercialização da pílula anticoncepcional, fato que proporcionou às mulheres mais autonomia e independência. (FERRO, 2005). Além disso, na mesma década pode-se observar um ingresso massivo de mulheres nas universidades. De acordo com Barrancos (2010), até a década de 1930 as taxas de ingresso feminino alcançavam aproximadamente 5%. Ao se aproximar da década de 1960, o ingresso feminino representava mais de 30%. Ainda segundo a autora, com o passar do tempo o número de ingresso feminino aumentou mais, até chegar, em alguns cursos, à metade do número total de estudantes.

A partir desse contexto e levando em consideração a conjuntura do país, as mulheres se envolvem cada vez mais em espaços públicos, principalmente em grupos revolucionários. (FERRO, 2005). A presença massiva das mulheres nesses espaços deixava clara a ruptura com as normas tradicionais, que estabeleciam espaços diferenciados para homens e mulheres e a total subordinação feminina ao poder masculino. De acordo com a militante Diana (1997), as mulheres, antes dos anos 1940, eram totalmente subordinadas ao poder masculino: se queriam sair, sempre tinham que estar acompanhadas; não podiam usar maquiagem e nem andar de

bicicleta. Segundo ela, tudo isso fazia parte da escravidão feminina: passavam-se do poder autoritário do pai ao poder do marido ou dos irmãos.

Nesse contexto, a partir de meados do século XX, podem-se observar a presença e atuação das mulheres nos mais diversos espaços públicos, rompendo com modelos femininos de décadas anteriores. (FERRO, 2005). A tradição do matrimônio e dos filhos foi trocada pelas relações mais livres; ter filhos não era mais uma obrigação, mas uma escolha. Sobre o assunto, afirma Sepúlveda:

> […] Os costumes estavam mudando e no seio das famílias, sobretudo de classe média, deixava-se às jovens maiores espaços de liberdade e independência. O casamento deixou de ser a opção única e o convívio sem casar foi uma possibilidade. Questionaram-se os papéis de gênero, e as esperanças depositadas no casamento mudaram. (SEPÚLVEDA, 2016, p. 60 tradução nossa).[123]

No entanto, é importante ressaltar que essas modificações não ocorreram de forma abrupta. As gerações anteriores, embora em muitos momentos não tivessem conseguido alcançar ganhos como a geração dos 70, já apresentavam algumas formas de negação àquela ordem social. Como destaca Martínez (2011), a partir dos testemunhos de militantes de grupos de esquerda da década de 1970, a vontade de mudança e a forte vocação no âmbito social estavam enraizadas na família de muitas militantes. Isso nos leva a pensar que as modificações que eclodiram nas décadas de 1960 e 1970 já estavam sendo gestadas, desde gerações anteriores, pelas mães e avós das militantes dos 70. Grande parte dessas militantes caracterizaram suas mães e avós como transgressoras da ordem social, uma vez que se destacaram e assumiram funções que não eram aceitas para mulheres naquele momento. Para Martínez (2011, p. 54, tradução nossa)[124], "(…) elas mesmas foram pioneiras em uma sociedade onde as mulheres não tinham experimentado o movimento de liberação feminina, que suas filhas militantes vivenciariam nos anos 70." Nesse sentido, compreendemos as bases estabelecidas para o posterior rompimento da ordem social de subordinação feminina. Sobre o assunto, afirma Martínez:

> Portanto, isto permite-nos entender por que na década de 70 encontramo-nos com uma mulher transgressora que adota outra posição perante a vida, que sai da esfera doméstica irrompendo no âmbito público, que controla a reprodução sexual e faz surgir uma nova sexualidade. Podemos dizer que foram filhas ou netas de uma geração

[123] Las costumbres estaban cambiando y en el seno de las familias, sobre todo de clase media, se dejaba a las jóvenes mayores espacios de libertad e independencia. El matrimonio dejó de ser la opción única y la cohabitación fue una posibilidad. Se cuestionaron los roles de género y las esperanzas depositadas en el matrimonio, cambiaron.
[124] ellas mismas fueron pioneras en una sociedad donde las mujeres no habían experimentado el movimiento de liberación femenina, que sí vivirían sus hijas militantes en los años ´70.

> que já manifestava signos de uma mudança e questionamento aos velhos costumes e aos hábitos tradicionais. As mulheres dos anos 70 absorveram tudo isso, em meio a um clima de protesto em que predominava um questionamento geral ao sistema reinante. Em consequência, entendemos que as mulheres que ingressaram nessas organizações político-militares não poderiam tê-lo feito sem um convencimento político concreto nem uma experiência política prévia além de ter sido namoradas, esposas ou companheiras de homens comprometidos com o movimento. (MARTÍNEZ, 2011, p. 54, tradução nossa).[125]

Finalmente podemos entender com mais complexidade o aparecimento e a atuação dessas mulheres na cena pública rompendo com os espaços masculinizados e ocupando seus lugares sociais. O fato apenas de serem namoradas, esposas ou companheiras de militantes não explica isoladamente o acesso dessas mulheres a esses espaços.

Entretanto, mesmo levando em consideração a negação e o questionamento das normas sociais já inscritas nas gerações anteriores, é importante salientar que boa parte da sociedade se apresentava de forma conservadora e que, mesmo com as legitimações de algumas das ações femininas nos espaços públicos, muitas críticas se faziam presentes em relação aos novos posicionamentos. Para Andújar,

> [...] era surpreendente para uma sociedade que por um lado levantava questões revolucionárias, mas que era absolutamente conservadora e pacata em questões de aborto, em questões da liberação da mulher, em questões de família. (ANDÚJAR, 2005, p. 512, tradução nossa).[126]

Esses posicionamentos conservadores se fizeram presentes em diversos espaços sociais, inclusive em muitos grupos de esquerda. Nesse sentido, quando algumas ações rompiam com essa lógica conservadora, muitos impactos eram causados. Como destaca Diana (1997, p. 24, tradução nossa), "Os modelos estabelecidos produzem com sua conduta um impacto revulsivo nos que seguem as normas, ainda quando intimamente podem estar de acordo com a atitude do que se comporta diferente."[127] Assim, muitas ações que rompiam em alguns

---

[125] Por lo tanto esto nos permite entender por qué en la década del ´70 nos encontramos con una mujer transgresora que adopta otra posición frente a la vida, que sale de la esfera doméstica irrumpiendo en el ámbito público, que controla la reproducción sexual y hace surgir una nueva sexualidad. Podemos decir que fueron hijas o nietas de una generación que ya manifestaba signos de un cambio y cuestionamiento a las viejas costumbres y a los hábitos tradicionales. Las mujeres setentistas absorbieron todo eso, en medio de un clima contestatario en el que predominaba un cuestionamiento general al sistema reinante. En consecuencia, entendemos que las mujeres que ingresaron a estas organizaciones político-militares no lo podrían haber hecho sin un convencimiento político concreto ni una experiencia política previa más allá de haber sido novias, esposas o compañeras de varones comprometidos con el movimiento.

[126] [...] era sorprendente para una sociedad que por una parte se planteaba cuestiones revolucionarias, pero que era absolutamente conservadora y pacata en cuestiones del aborto, en cuestiones de la liberación de la mujer, en cuestiones de la familia.

[127] Los moldes establecidos produce con su conducta un impacto revulsivo en los que siguen las normas, aun cuando íntimamente puedan estar de acuerdo con la actitud del que se comporta diferente

momentos com as normas sociais eram compreendidas, mas não eram reproduzidas em virtude, principalmente, dos impactos sociais que podiam causar.

Nessa perspectiva, no que se refere à ruptura de normas conservadoras e suas consequências, afirma Grammático:

> Deixar a casa, sair à rua, encontrar outras pessoas, conversar, opinar, representavam atividades perturbadoras tanto para as mulheres quanto para seus maridos, ainda que por motivos diferentes. Eles temiam que o afastamento de suas mulheres dos seus lares minasse sua autoridade patriarcal. Elas temiam, além de algum castigo físico ou verbal de seus companheiros, as potencialidades que esse afastamento podia causar em suas vidas. (GRAMMÁTICO, 2011, p. 92, tradução nossa).[128]

Nessa lógica, a participação de mulheres em grupos guerrilheiros também rompia com as normas tradicionais estabelecidas. Era vista com estranheza pela sociedade, uma vez que tais ações eram reservadas "naturalmente" a homens. De acordo com Gringa, uma militante citada por Noguera[129],

> O impacto que produzíamos como mulheres militantes era grande, e isso notava-se nas notícias que publicavam nos jornais. Às vezes era simplesmente que os relatórios militares ou policiais exageravam, mas outras vezes acho que ficavam tão impressionados que as testemunhas declaravam, por exemplo, que "uma mulher fortemente armada…" quando na verdade, às vezes nem sequer estávamos armados. (GRINGA *apud* NOGUERA, 2013, p. 16, tradução nossa).[130]

Os grupos de esquerda da década de 1970, como vimos nos capítulos anteriores, também reproduziam normas sociais conservadoras. Essa reprodução, em muitos momentos, não acontecia de forma explícita, mas estava presente em vários momentos no interior dessas organizações. A questão dos filhos de militantes, por exemplo, pode ilustrar a reprodução de espaços de dominação. Na maior parte dos relatos de militantes em que o pai e a mãe militavam, o cuidado dos filhos era atribuição apenas das mães. Abaixo, segue o relato da militante Alicia, que aborda o referido assunto.

---

[128] Dejar la casa, salir a calle, encontrarse con otras personas, conversar, opinar representaban actividades perturbadoras tanto para las mujeres como para sus maridos, aunque por motivos distintos. Ellos temían que el alejamiento de sus mujeres de sus hogares erosionara su autoridad patriarcal. Ellas temían, además de algún castigo físico o verbal por parte de sus compañeros, las potencialidades que ese alejamiento podía causar en sus vidas.

[129] Ana Noguera optou por apresentar as militantes entrevistadas com a identidade utilizada na militância. Dessa maneira, os nomes apresentados se referem aos seus "nomes de guerra".

[130] El impacto que producíamos como mujeres militantes era grande, y eso se notaba en las noticias que publicaban los diarios. A veces era que simplemente los partes militares o policiales exageraban, pero otras veces pienso en que se impresionaban tanto que los testigos declaraban, por ejemplo, "que una mujer fuertemente armada…" cuando en realidad, a veces ni siquiera estábamos armados.

> Nós vivíamos em casas operativas e mesmo que os companheiros tentassem ajudar ou dissessem que ajudavam, sempre o serviço da casa ficava para a mulher… a cozinha, a limpeza, o cuidado com as crianças… éramos nós as que estávamos carregando as crianças para todos os lados. (Tradução nossa).[131]

Como podemos observar, os espaços domésticos continuavam sendo reservados às mulheres. Dessa forma, se quisessem militar, tinham que conseguir conciliar os dois planos: o doméstico e o político. Cristina relata a experiência de uma amiga que tinha que conciliar esses espaços.

> Uma vez senti a reclamação de uma companheira. Ela tinha… tinha dois filhinhos. Ela e o parceiro… ele era o responsável pela regional. Então… ela também era militante e militante dirigente, dirigente importante. Mas chegam na casa e tinha acabado o gás. Quem é o responsável de comprar o gás? O homem ou a mulher? Sabia que não podia levar esse tipo de problema para o companheiro. (CRISTINA *apud* GARRIDO; SCHWARTZ[132], 2005, p. 18, tradução nossa).[133]

Por outro lado, podemos notar também a reprodução do machismo pela própria mulher, quando reconhece que não podia levar problemas de cunho doméstico ao marido. Dessa maneira, legitima o domínio masculino, na medida que assume as demandas domésticas como uma obrigação exclusivamente feminina, sem fazer qualquer tipo de questionamento. Nesse sentido, o responsável pelo problema do gás não é pensado a partir de uma lógica de disponibilidade dos dois sujeitos responsáveis pela casa, mas pela condição feminina estabelecida socialmente, independentemente de qualquer outro fator. Nessa lógica, de acordo com Bourdieu (2002), as próprias mulheres podem contribuir para a reprodução da dominação masculina, tendo em vista a incorporação e legitimação feminina ao domínio masculino estabelecido como "regra" social.

Além disso, outro aspecto de reprodução da lógica social no interior dos grupos de esquerda se refere ao cuidado dispensado às mulheres. Abaixo, um militante relata sobre o assunto.

> Além disso, quando estava se fazendo algo em conjunto, aí é onde talvez se perceba o machismo. Por exemplo, quando você vai a uma ação e você talvez não pega na

---

[131] Nosotros vivíamos en casas operativas y por más que los compañeros intentaban ayudar o decían que ayudaban, siempre el tema de la casa quedaba en la mujer… la cocina, la limpieza, el tema de los chicos… éramos nosotras las que estábamos cargando a los críos para todos lados. (GÓMEZ, 2011, p. 28.) As militantes entrevistadas são apresentadas apenas por seu primeiro nome.

[132] As referidas autoras não apresentam qual foi o modo escolhido para nomear as militantes entrevistadas.

[133] Una vez sentí la queja de una compañera. Ella tenía… tenía dos hijitos. Ella y la pareja… él era el responsable de la regional. Entonces… ella también era militante y militante dirigente, dirigente importante. Pero llegan a la casa y no tenían gas. ¿Quién es el responsable de comprar gas? ¿El varón o la mujer?... Sabía que no podía llevarle al compañero ese nivel de problemática.

> mão do companheiro, pega na mão da companheira, porque talvez você acredita que fisicamente não pode correr como você corre. Então aí é onde você vê um pouquinho de fraqueza, viu, entendeu? Eu acho que talvez aí as companheiras, você pegava na mão e dizia "tudo bem, vamos." (Varón, PRT-ERP *apud* PASQUALI[134], 2008, p. 62-63, tradução nossa).[135]

Outra situação de cuidado dispensado a mulheres se faz presente no relato de uma militante citada por Diana (1997). Ela relata que atuava em uma frente militar e seu irmão mais velho na publicação de jornais. Seu irmão, por sua vez, não concordava com sua atuação na frente militar, achava que os riscos eram muito grandes neste âmbito. No entanto, a militante entendia tal atitude como subestimação da sua capacidade, na medida em que essa preocupação era dispensada a ela apenas por sua condição feminina. No caso dos homens que atuavam nessa mesma frente, não se tinha nenhum tipo de preocupação com os riscos que corriam.

Nesse sentido, pode-se perceber que a condição feminina por si só, independente da atuação, expressava debilidade aos olhos de muitos militantes homens. Por essa razão, muitas mulheres, para serem respeitadas e aceitas de forma igualitária em relação aos homens, se masculinizavam. De acordo com Belej, Huerta, Martin e Silveira (2005), a "masculinização" foi a única alternativa encontrada por essas mulheres para alcançar níveis de igualdade em relação aos homens, tendo em vista que naquele momento as discussões de gênero não eram tratadas em grupos de esquerda. Essas discussões eram vistas como práticas burguesas e antirrevolucionárias. Para Destuet e Valle (2005), as reivindicações dos grupos estavam relacionadas com o social; outras questões, como a discussão de gênero, por exemplo, eram secundárias. Segundo as referidas autoras, as próprias mulheres demoraram muitos anos para perceber que as problemáticas de gênero estavam diretamente envolvidas em seus contextos de atuação.

Por outro lado, a "condição social feminina" foi explorada com o objetivo de angariar benefícios aos grupos de esquerda. Para Noguera (2013, p. 19, tradução nossa)[136], "A utilização de estereótipos genéricos tradicionais, como a mãe, a puta ou a namorada, foi explorada pelas organizações para não levantar suspeitas à hora de checar objetivos, gerar

---

[134] A referida autora não nomeia os(as) militantes entrevistados(as). Utiliza as palavras varão e mulher para identificá-los(as).

[135] Aparte cuando se estaba haciendo algo en conjunto, ahí es dónde se ve por ahí el machismo, por ejemplo cuando vos vas a una acción y vos a lo mejor no lo agarrás de la mano al compañero, la agarrás de la mano a la compañera, porque a lo mejor vos crées que físicamente no puede correr como corrés vos. Entonces ahí es dónde vos ves un poquito de debilidad, viste, ¿entendés? Yo creo que por ahí las compañeras, vos la agarrabas de la mano y decías "bueno, vamos.

[136] La utilización de estereotipos genéricos tradicionales, como la madre, la puta o la novia, fue explotado por las organizaciones para no levantar sospechas a la hora de chequear objetivos, generar distracción o facilitar el acceso a lugares y personas.

distração ou facilitar o acesso a lugares e pessoas." Dessa maneira, a "condição social feminina" era tão "cristalizada" naquele momento que se tornou uma estratégia de atuação para alguns grupos. Uma militante citada por Noguera (2013) relata que se uma mulher levasse uma arma debaixo da manta de um bebê, ninguém desconfiaria de tal situação.

Outro artifício em que a "condição feminina" foi explorada como estratégia foi relatado pela militante Elena, citada por Diana[137], como segue abaixo:

> […] Tomei um ônibus com meu bebê e uma bolsa cheia de armas e material. Fiquei presa em um pino e pararam o ônibus. Quando chegou a minha vez, eu, que não tinha documentos, pedi ao policial que esperasse um momentinho porque não os achava na bolsa. Eu enfiava a mão e simulava procurá-los, mas quando mexia na bolsa escutava-se o barulho dos ferros que levava. No fim, pedi-lhe desculpas e disse que não os achava, e entre a carinha de circunstância, o neném que chorava e o sorriso, não sei, tudo ficou por isso mesmo. (ELENA *apud* DIANA, 1998, p. 165, tradução nossa).[138]

A respeito desse tipo de situação, vários relatos foram encontrados: muitas mulheres conseguiram sair de ocasiões difíceis utilizando a "condição feminina".

Finalmente, é importante ressaltar que, mesmo com todas as formas de hierarquização de gênero presentes no interior dos grupos de esquerda da década de 1970, foram significativas as mudanças sociais, principalmente no que diz respeito aos espaços destinados às mulheres naquela sociedade. Para Noguera,

> Tanto no ERP quanto em Montoneros podemos reconhecer uma ativa participação das mulheres que, no contexto da militância, quebraram os papéis tradicionais que as relegavam ao âmbito doméstico, para participar conscientemente na vida pública e política. (NOGUERA, 2013, p. 22, tradução nossa).[139]

No que diz respeito à atuação das mulheres da década de 70 em relação à ordem normativa, Martínez (2015, p. 78, tradução nossa) acredita que as "[...] as militantes foram subversivas de uma ordem normativa hegemônica porque desafiaram e mexeram com as muitas

---

[137] Os nomes das militantes entrevistadas por Marta Diana não são reais nem "nomes de guerra", são inventados. As exceções são: Teresa Meschiatti, Liliana Callizo, Nélida Augier e Graciela Daleo.

[138] Me subí a un colectivo con mi bebé y un bolso lleno de armas e material. Me agarra una pinza y paran el colectivo. Cuandome toca a mí, que no tenía documentos, le pido al policía que esperara un momentito porque no los encontraba en el bolso. Yo metía la mano y simulaba buscarlos, pero al revolver el bolso se escuchaba el ruido del fierrerío que llevaba. Al final le pedí disculpas y le dije que no los encontraba, y entre carita de circunstancias, y nene que lloraba, y sonrisa, no sé ahí quedo.

[139] Tanto en el ERP como en Montoneros podemos reconocer una activa participación de las mujeres que, en el marco de la militancia, rompieron con los papeles tradicionales que las relegaban al ámbito doméstico, para participar conscientemente en la vida pública y política.

facetas da identidade social esperada para uma mulher nos anos 1970 (mãe, esposa, entre outras)".[140]

Para Diana,

> A mulher sai do lar, do lugar socialmente atribuído, e assume um papel que não somente é público, mas excepcional. Passa a participar em ações políticas apoiadas nas armas. Não poderá sair de lá igual a como entrara. Nada mais será como antes. Isso não significa que se reconheça à mulher um papel igual ao do homem. Os comportamentos sociais milenares não mudam de repente [...]. (DIANA, 1997, p. 396, tradução nossa).[141]

Nessa perspectiva, entendemos que mesmo com todas as limitações e dificuldades de atuação, as mulheres das décadas de 1960 e 1970 romperam modelos de dominação compartilhados por muitos anos e ocuparam lugares de ação política, até então exclusivos aos homens.

3.3 A atuação das mulheres: os "papéis femininos" no grupo Montoneros

As mulheres desempenharam diferentes funções em diferentes contextos de atuação do grupo. Inicialmente, podemos destacar as atuações de Norma Arrostito, com sua participação no assassinato de Pedro Eugênio Aramburu. No entanto, como vamos ver mais à frente, as atuações femininas em operações militares não eram tão frequentes como as dos homens. O caso de Norma Arrostito envolve questões específicas, muitas outras mulheres não tiveram participação como ela, não por uma questão de falta de competência em relação a atividades desenvolvidas pelo grupo, mas pela ausência de oportunidades e contatos.

Para entendermos melhor a liberdade de atuação alcançada por Norma Arrostito em alguns momentos, torna-se necessário apresentarmos algumas especificidades da sua vida. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que no período de formação do grupo Montoneros e de sua primeira operação, o *Aramburazo*, ela era casada com o chefe máximo de Montoneros, Fernando Abal Medina. Além disso, era cunhada do operador de televisão Carlos Maguid. (GILLESPIE, 1998). Esses dois contatos lhe propiciaram uma atuação diferenciada no grupo,

---

[140] [...] militantes fueron subversivas de un orden normativo hegemónico porque desafiaron y trastocaron las muchas facetas de la identidad social esperada para una mujer en los años 1970 (madre, esposa, entre otras)

[141] La mujer sale del hogar, del lugar socialmente tiene asignado y asume un rol que no solamente es público, sino excepcional. Pasa a participar en acciones políticas que se apoyan en las armas. No podrá salir de allí igual que antes. Ya nada será como antes. Ello no significa que con eso se le reconozca a la mujer un papel igual al hombre. No se cambian de repente comportamientos sociales milenarios [...].

tendo em vista que nenhuma outra mulher alcançou tanta importância como ela. Para Gillespie (1998), ela foi a mulher mais importante da luta guerrilheira.

Alguns elementos sustentam a ideia de que Norma Arrostito teve mais espaço que outras mulheres no grupo em razão das influências de sua vida pessoal. O primeiro é que depois da morte de Fernando Abal Medina, em setembro de 1970, ela não teve os mesmos espaços de atuação no grupo. Como afirma Saidón (2005, p. 56), "Do grupo inicial foi ficando marginalizada". O segundo aspecto se refere ao fato de naquele momento não ser tão comum a atuação de mulheres em operações armadas. Sendo parte da fundação inicial de Montoneros, depois da morte de Medina Norma não consegue assumir nenhum cargo de liderança no grupo. Por fim, como relata Saidón, (2004, p. 58), "Na segunda feira, 7 de setembro de 1970, Norma Arrostito passava a ser, dentro de Montoneros 'A viúva' em vez de ser Norma Arrostito". Dessa forma, podemos entender que a presença e atuação feminina no grupo estava muito ancorada no poder masculino, como já afirmou Saidón (2004, p. 41, tradução nossa): "Com algumas exceções, a maioria das primeiras dirigentes peronistas havia sido selecionada como tal desde o poder especialmente entre as esposas de funcionários e políticos justicialistas."[142]

Em uma publicação da revista **El Descamisado**, podemos notar como a imagem de Norma Arrostito é apresentada em relação à figura masculina de Fernando Abal Medina.

> Ontem, em Atlanta, a aparição de uma figura feminina fechou o círculo de um grupo que soube da época mais dura. Norma Ester Arrostito. Um nome povoado de mistério. A imagem mais acabada das filhas de Evita. A companheira que se coloca ao lado do homem e compartilha com ele todos os aspectos da militância. (Tradução Nossa)[143]

A partir desse fragmento, observamos a representação feminina de Norma atrelada à imagem de Fernando. Ela se manifesta como parte integrante da luta, compartilhando com ele as dificuldades de um momento que, de acordo com o documento, foi duro. Além disso, podemos notar como é reconhecida como uma militante que busca, mesmo nas dificuldades, lutar por uma causa coletiva; no entanto, isso ocorre "juntamente" com seu companheiro.

---

[142] Salvo algunas excepciones, la mayoría de las primeras dirigentes peronistas había sido selecionadas como tal desde o poder especialmente entre las esposas de funcionarios y políticos justicialistas.

[143] Ayer, en Atlanta, la aparición de una figura feminina cerró el círculo de un grupo que supo de la época más dura. Norma Ester Arrostito. Un nombre pobiano de mistério. La imagen más acabada de las hijas de Evita. La compañera que se coloca al lado del hombre y comparte con él todos los aspectos de la militancia. (REVISTA EL DESCAMISADO EXTRA. Buenos Aires, p. 3, mar. 1973. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/el-descamisado/descamisadolistadodenumeros/>. Acesso em: 15 jul. 2016.)

As declarações de alguns homens militantes em relação a Norma, depois da morte de Fernando, como o caso de Galimberti[144], demonstram como o machismo era, em alguns momentos, evidente no grupo. De acordo com Saidón (2005), Galimberti afirmava em sua biografia ter tido relações sexuais com Norma ao mesmo tempo que outros homens, fato negado por uma militante citada pela mesma autora. Segundo a militante, Norma Arrostito nunca suportou Galimberti e, dessa forma, essas atitudes não condiziam com o seu perfil. Além disso, a militante expõe sua insatisfação em relação a tal acusação: na sua ótica, faltou justiça a Norma, uma vez que no lugar de mostrar sua imagem de determinação e compromisso com a luta por uma causa coletiva - o que ela realmente representou no grupo -, foi compartilhada uma imagem falsa, que transmitia uma ideia ligada apenas a assuntos relacionados ao sexo. Para Saidón, "[…] me deu muita raiva que a colocassem no livro de uma maneira tão desagradável e que ficasse na história apenas isso: com quantos se deitou. É ignorar a imagem de uma vida de entrega e compromisso." (SAIDÓN, 2005, p. 96, tradução nossa)[145].

Logo, em um primeiro momento, podemos perceber alguns esforços para denegrir a atuação de Norma no grupo. Isso pode ser pensado quando fazemos o seguinte questionamento: levando em consideração suas várias atuações de extrema importância para o grupo, como seu envolvimento na operação considerada a mais importante (o assassinato de Aramburu), seria justo o destaque da figura de Norma apenas no assunto relacionado ao comportamento sexual? Isso não seria talvez uma estratégia para minimizar uma atuação feminina tão importante no grupo? A partir de tais questionamentos, podemos refletir sobre a condição feminina dentro de uma agrupação que estabelece, mesmo que implicitamente, os papéis de cada indivíduo de acordo com o gênero. Como lembra Saidón (2005, p. 119), "as mulheres não tinham um espaço real nessas organizações".

Muitas militantes tinham conhecimento da condição feminina em relação à figura masculina. Nos fragmentos a seguir, podemos entender um pouco da luta dessas mulheres contra as manifestações machistas.

> Na realidade, somos iguais aos homens peronistas, temos os mesmos direitos e os mesmos deveres com nosso povo. *Por que*, então, se somos iguais, temos que ter uma forma de organização separada? Sob uma legenda, "A mulher participa menos na atividade política", explica-se que "não temos o mesmo nível de consciência e de

[144] Rodolfo Galimberti foi militante do Grupo Nacionalista Tacuara, da Juventude Argentina para a Emancipação Nacional (JAEN) e alcançou a liderança da Coluna Norte de Montoneros, que compreendia as localidades de Vicente Lopez e Tigre, na província de Buenos Aires. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/1999/99-01/99-01-11/pag08.htm>. Acesso em: 15 jul. 2016.

[145] (…) me dio mucha bronca que en el libro la pinten de una manera tan desagradable y que lo que quede en la historia sea esto: con cuantos tipos le acostó. Es ensuciar la imagen de una vida de entrega y de compromiso.

> atividade política que os homens. Isto se demonstra no fato de que, em toda forma de se organizar que tem nosso povo, sempre há mais homens no trabalho ativo. E isto não pode continuar assim porque todas devemos ser soldados do exército do qual Evita continua sendo a capitã. Mas há razões para que isto aconteça. Temos menos formação e educação que os homens para a vida política porque, além de trabalhar, temos que cumprir com nossas obrigações de esposas e mães, trabalhar no lar e educar nossos filhos. E, às vezes, todo esse trabalho não nos deixa nem tempo para ler jornal e comparecer na Unidade Básica para ficar sabendo o que se tem que fazer e como tem que se organizar para a tarefa do momento. (Tradução nossa)[146]

O fragmento, integrante da revista **El Descamisado** número 19, faz parte da divulgação da Agrupación Evita de la Rama Femenina del Movimiento Peronista[147]. Podemos notar, com o questionamento apresentado, como muitas mulheres entendem os problemas do machismo no grupo e como buscam superá-lo. Esse fragmento evidencia uma das formas encontradas pelas mulheres para tentar desvencilhar-se do domínio masculino a partir de argumentos que explicam os motivos pelos quais muitas delas não se apresentam de forma tão ativa como os homens nos meios políticos. Além disso, podemos entender também como as mulheres compreendem a importância da participação feminina nos assuntos políticos e como querem participar e contribuir para com a luta por melhores condições. A figura de Evita, também citada, representa um estímulo à luta feminina. Por fim, deixa-se claro como as responsabilidades do âmbito privado são demandadas exclusivamente a elas e como isso interfere em suas condições de atuação.

A Agrupação Evita, espaço de atuação feminina dentro do grupo Montoneros, possibilitou a discussão e a inserção de muitas mulheres nas lutas políticas, como também questionamentos das condições de subordinação das mulheres em relação aos homens, não apenas nos grupos, mas em todos os âmbitos de convivência coletiva. No entanto, segundo

---

[146] En realidade, somos iguales a los hombres peronistas, tenemos los mismos derechos y los mismos deberes para con nuestro pueblo. *¿Porqué*, entonces, si somos iguales, tenemos que tener una forma de organización separada? Bajo un subtítulo, La mujer participa menos en la actividad política, se explica que "no tenemos el mismo nível de conciencia y de actividad política que los hombres. Esto se demuestra en el hecho de que, en toda forma de organizarse que tiene nuestro pueblo, siempre hay más hombres en el trabajo activo. Y esto no puede seguir así porque todas debemos ser soldados del ejército del que Evita sigue siendo capitana. Pero hay razones para que esto ocurra. Tenemos menos formación e educación que los hombres para la vida política porque, además de trabajar, tenemos que cumplir con nuestras obligaciones de esposas y madres, trabajar en el hogar y educar a nuestros hijos. Y, a veces, todo esse trabajo no nos deja ni tiempo para leer el diario y concurrir a la Unidad Básica para enterarnos qué hay que hacer y como hay que organizarse para la tarea del momento. (REVISTA EL DESCAMISADO. Buenos Aires, ano 1, n. 19, p. 25, set. 1973. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/el-descamisado/descamisadolistadodenumeros/>. Acesso em: 15 jul. 2016.)

[147] Em 1973, Montoneros cria uma frente política feminina chamada Agrupación Evita de la Rama Femenina del Movimiento Peronista. Segundo Grammático (2011), a decisão de se formar o braço feminino deve ser considerada de acordo com o peso do peronismo, mais especificamente da figura de Evita, considerada por Montoneros um dos personagens de maior veneração. Além disso, essa criação também está relacionada com a pretensão de aumento das influências do grupo. No último tópico abordaremos algumas questões sobre a Agrupação Evita e o contexto que influenciou sua formação.

Grammático (2011), o braço feminino por si só não representava um espaço determinante para a política do peronismo. As atuações nessa agrupação se apresentaram de forma diferenciada em relação ao grupo Montoneros. Muitas militantes tinham essa percepção e não queriam fazer parte dessa corrente. Quando por algum motivo eram transferidas para a agrupação, entendiam isso como uma punição. Grammático aborda essa questão:

> Quando as jovens eram informadas sobre seu novo espaço de militância, boa parte delas reagia com raiva e irritação. Diante de seus olhos, a Agrupação Evita e sua proposta de trabalho com mulheres não resultavam nada atraentes, já que não pareciam ser o âmbito mais destacado para concretizar o projeto revolucionário. (GRAMMÁTICO, 2011, p. 56, tradução nossa).[148]

A referida Agrupação, pelo fato de não se responsabilizar por operações armadas, deixava de atrair muitas mulheres, que entendiam que a luta contra o sistema era uma urgência revolucionária. Assim, sentiam que quando atuavam na Agrupação Evita não estavam contribuindo para a luta realmente necessária, mas estavam apenas cumprindo um papel de fazer parte de um grupo de mulheres. Grammático descreve a relutância de uma militante montonera em atuar na Agrupação Evita: "[...] sustenta Marta que, para uma militante aguerrida, era um saco ir à Agrupação Evita, porque trabalhar com mulheres não era a mesma coisa que trabalhar com homens, porque o mundo era dos homens." (GRAMMÁTICO, 2011, p. 57, tradução nossa)[149]. A partir da fala dessa militante fica claro como as mulheres tinham percepção da situação de subordinação feminina e como tinham a pretensão de atuar nos espaços sociais de uma maneira mais ampla, buscando, assim, o cerne dos problemas sociais e, posteriormente, mudanças concretas. Muitas mulheres como Marta lutavam para alcançar seus espaços políticos naquela sociedade, em muitos momentos masculinizada. Nesse sentido, apesar do caráter de atuação ser diferenciado em relação ao grupo Montoneros, a Agrupação Evita teve um papel fundamental na vida de muitas mulheres. A partir de discussões e conversas no grupo, descobriram que muitas situações vividas em seu quotidiano eram semelhantes. Por isso, sentiram-se com mais legitimidade para questionar comportamentos machistas vistos como naturais. (GRAMMÁTICO, 2011).

Abaixo, mais um fragmento da revista **El Descamisado**. Nesse fragmento, podemos observar como Montoneros distinguia a luta feminina da luta masculina.

---

[148] Cuando a las jovenes se les informaba sobre su nuevo espacio de militancia buena parte de ellas reaccionaban con enojo y fastidio. Ante sus ojos, la Agrupación Evita, y su propuesta de trabajo con mujeres no resultaba nada atractiva, ya que no parecia ser él ambito más destacado para concretar el projecto revolucionário.

[149] [...] sostine Marta, que para una militante aguerrida era un embole ir a la agrupación Evita, porque trabajar con mujeres no era lo mismo que trabajar con varones, porque el mundo era de los varones.

> E a mulher também lutou
> Fizeram-no ao lado de seus companheiros, ajudaram a pôr canos, organizaram greves, difundiram o voto em branco, protegeram companheiros perseguidos, juntaram comida para nossos presos.
> Mas houve algo mais importante.
> Entregaram seus filhos à luta peronista. Cada vez que um filho saía de sua casa, sabiam que talvez era a última vez que viam ele vivo. Mas aguentavam; nesse beijo de despedida, diziam a eles que tivessem forças para suportar o pior.[150]

A partir da análise da revista, pode-se destacar mais uma vez a leitura do grupo Montoneros em relação à atuação feminina baseada sempre no acompanhamento da mulher pelo homem. Sempre ao lado do seu companheiro. Além disso, podemos perceber como o grupo entende e separa os papéis femininos, estes estão sempre ligados ao âmbito privado, mesmo que de maneira implícita. Como podemos observar, os "papéis domésticos" são reproduzidos como demandas das mulheres: dar abrigo em suas casas a militantes, comida para presos e as responsabilidades relacionadas aos filhos, que são colocadas como papéis exclusivamente femininos, na medida em que em nenhum momento o pai é incluído nesse tipo de responsabilidade.

Destarte, o grupo não possibilitava às mulheres atuações como sujeitos engajados na luta independente da condição feminina. As questões de gênero estavam estabelecidas em uma posição que antecedia os próprios objetivos de transformação. Desse modo, quando Montoneros, no comunicado n. 5, afirma que a Organização é uma união de homens e mulheres dispostos a lutar com armas nas mãos pela tomada do Poder para Perón e para o povo, expressa a ideia de que homens e mulheres lutariam juntos independentemente de qualquer coisa. No entanto, como podemos perceber, na prática a situação era diferenciada, uma vez que os papéis eram estabelecidos de acordo com implicações de gênero.

Essa interpretação é feita por Grammático, como se vê na citação abaixo:

> O reconhecimento às companheiras montoneras por parte da organização não se traduziu, no entanto, numa prática que tenha possibilitado o acesso de suas militantes mulheres ao Comando Nacional ou uma maior presença das mulheres nas hierarquias

---

[150] Y la mujer también peleó
Lo hicieron al lado de sus compañeros, ayudaron a poner caños, organizaron huelgas, propagandizaron el voto en blanco, guardaron compañeros perseguidos, juntaron comida para nuestros presos.
Pero hubo algo más importante.
Le entregaron a la lucha peronista a sus hijos. Cada vez que un hijo salía de su casa, sabían que quizás era la última vez que lo veían vivo. Pero se aguantaban; en ese beso de despedida, les decían que tuvieron fuerzas para aguantar lo peor. (REVISTA EL DESCAMISADO. Buenos Aires, ano 1, n. 39, p. 17, feb. 1974. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/el-descamisado/descamisadolistadodenumeros/>. Acesso em: 15 jul. 2016.)

> mais altas, como, por exemplo, a responsabilidade de dirigir uma coluna. (GRAMMÁTICO, 2011, p. 71, tradução nossa)[151].

Finalmente, fica claro que as questões de gênero influenciaram totalmente as formas de atuação do grupo. Nesse sentido, é importante destacar que muitas mulheres não alcançaram posições importantes ou de comando no grupo não por falhas pessoais ou problemas relacionados a suas competências, mas por manobras machistas. Nessa mesma lógica, muitas mulheres, reagindo ao machismo presente nas agrupações, se masculinizaram com o objetivo de se aproximarem do universo masculino para alcançar um nível de igualdade em relação aos homens. Sobre o assunto, afirmam as autoras:

> O processo de masculinização de seus comportamentos dentro de organizações formadas e dirigidas principalmente por homens foi uma estratégia necessária das mulheres para sobreviver, serem valorizadas e mais autônomas; de alguma forma poder-se-ia argumentar que este reacomodamento identitário, não muito consciente, mas necessário dentro deste contexto, beneficiou a situação política em outros cenários. (GARRIDO; SCHWARTZ, 2008, p. 116, tradução nossa).[152]

O assunto da masculinização é interessante para pensarmos como as mulheres, muitas vezes inconscientemente, recorriam a esse meio para se igualarem aos homens. No entanto, ao se masculinizarem, legitimavam a dominação na medida em que mostravam que concordavam com a maior valorização do masculino quando se "transformavam em homens" para exercer tarefas estabelecidas culturalmente como masculinas. Por conseguinte, o esforço feminino nos grupos armados era muito maior comparado ao de qualquer homem, visto que elas tinham que se mostrar como guerrilheiros e ainda aprender técnicas de luta para que fossem aceitas como tais; tinham que se desdobrar, rompendo de alguma forma com questões colocadas como "naturais para mulheres" desde sua existência; tinham que travar uma luta social, tendo em vista que a sociedade, de uma maneira geral, apresentava traços machistas e não "aceitava" tais atuações femininas. Por outro lado, os homens, tendo tais características de atuação masculina "naturalmente", só tinham que aprender a técnica sobre a atuação, pois já eram "aceitos" socialmente como tais. Para Cristina Wolff,

---

[151] El reconocimineto a las compañeras montoneras por parte de la organización no se tradujo, sin embargo, en una práctica que haya posibilitado el acceso de sus militantes mujeres a la Conducción Nacional o una mayor presencia de las mujeres en las jerarquías más altas, como, por ejemplo, la responsabilidade de dirigir una coluna.

[152] El proceso de masculinizacíon de sus comportamientos dentro de organizaciones formadas y dirigidas por varones mayoritariamente fue una estrategia necesaria de las mujeres para sobrevivir, ser valoradas, ser más autónomas; de alguna manera se podría argumentar que este reacomodamiento identitario, no muy consciente pero si necesario dentro de este marco, redundó en algunas ganancias para la situación politica en otros escenarios.

> Aparentemente ser viril, ser ativo, corajoso, capaz de grandes sacrifícios por um ideal, manejar armas, ou seja, ser um "verdadeiro bolchevique", não era algo impossível para mulheres, mas elas teriam de se provar capazes, talvez de maneira um pouco mais dura que seus companheiros homens, para quem a virilidade estaria já incorporada como um atributo de gênero. As mulheres teriam de se apropriar de atributos do gênero masculino para se tornarem verdadeiras revolucionárias. (WOLFF, 2013, p. 34).

Nessa perspectiva, ficam patentes as dificuldades e os desafios que muitas mulheres enfrentaram para se inserirem na luta política, principalmente em grupos armados, que como vimos acrescentam mais características masculinas em seus espaços de atuação. Através dos documentos e da bibliografia analisada, devemos considerar que a atuação feminina no grupo Montoneros aconteceu, em alguns momentos, de forma limitada. Como apresentamos ao longo do texto, as mulheres sofreram em grande medida problemas com relação ao machismo e, desse modo, em muitos momentos não conseguiram alcançar uma atuação ampliada como a dos homens. Assim, os papéis femininos desenvolvidos pelo grupo, foram, por sua vez, determinados também pela condição feminina estabelecida socialmente.

Todavia, faz-se necessário destacar que, mesmo com todas as limitações apontadas, a participação feminina no grupo Montoneros foi muito intensa. Para Perdía (2013, p. 90, tradução nossa), "A quantidade de vozes e a forma como as mulheres participaram nas lutas de nossa geração é um dos aspectos mais significativos. Quantitativamente, as mulheres significavam, aproximadamente, um terço do conjunto da militância montonera."[153] Logo, é imprescindível, para entender a formação, organização e atuação do grupo, o estudo dos indivíduos que atuaram no grupo, independente do seu gênero.

3.4 Os espaços masculinizados nos grupos da nova esquerda: lutas e adequações femininas para estabelecimento de espaço no grupo Montoneros

O tema dos espaços masculinizados nos grupos de esquerda da década de 1970 é problematizado em vários relatos de militantes. Uma militante do Exército Revolucionário do Povo fala das dificuldades encontradas pelas mulheres para atuar como um atuante "normal" no grupo, independente da condição feminina.

> [...] nós mulheres temos alguns problemas para poder ocupar cargos, somos discriminadas em alguns aspectos, temos muitos problemas para poder avançar em certas carreiras, inclusive, dentro das organizações tínhamos problemas para avançar.

[153] La cantidad y forma en que participaron las mujeres en las luchas de nuestra generación es uno de sus aspectos más significativos. Cuantitativamente las mujeres significaban, aproximadamente, um tercio del conjunto de la militancia montonera.

> Nós, as companheiras, éramos descartadas de algumas tarefas, sempre havia um jeito de dizer.... Eu sempre dizia aos homens que eles tinham o discurso: "Sim, as companheiras mulheres que se integram à luta, tudo bem, mas a minha não, que me acompanhe *ma non tropo*." (PASQUALI,[154] 2005, p. 131, tradução nossa).[155]

Como podemos observar, esses espaços eram bem marcados por posicionamentos machistas. Independentemente de qualquer motivo, a atuação, só por ser feminina, já era considerada inferior. Assim, em muitos casos, o fato de as mulheres não ocuparem cargos importantes não era consequência de sua atuação, mas de uma concepção machista de dominação reproduzida socialmente e no interior dos grupos. De acordo com a militante Ramona, "Havia companheiras muito capacitadas que se arriscavam com as armas; no entanto, não chegavam aos altos cargos." (RAMONA *apud* DIANA, 1997, p. 85, tradução nossa).[156] Outros relatos apresentados por Diana mostram ex-chefes de distintas organizações reconhecendo a pouca inserção das mulheres em âmbitos militares e defendendo a ideia de que muitas mulheres foram tão boas quanto os homens.

Outra militante relatou para Diana a situação do machismo nos grupos de esquerda e a vontade, por parte de militantes mulheres, de erradicá-lo. Ela afirma:

> Não nego que nas organizações tenha havido machismo. Erradicá-lo foi justamente a tarefa que tentamos dentro do novo estilo de relações que propúnhamos entre um homem e uma mulher novos. Existia uma vontade expressa de considerar a mulher igual. O que acontece é que há uma questão com os filhos que é um tema muito difícil de resolver, e que também nós não fizemos. Dada a relação entre o filho e a mãe, parece que por lei e direito corresponde a ela quase tudo, e é o que acontecia geralmente. (LILIANA CALLIZO *apud* DIANA, 1997, p. 115, tradução nossa).[157]

No caso de Montoneros, situações de machismo também eram bem frequentes. Para Bacci e Crespo, Montoneros

> [...] reproduzia no interior de sua estrutura grandes desigualdades que se refletiam na prática [...], a pouca participação das mulheres em lugares importantes da direção não

---

[154] A referida autora não nomeia os(as) militantes entrevistados(as). Faz as identificações utilizando a palavra militante acompanhada dos artigos "o" e "a".

[155] [...] las mujeres tenemos algunos problemas para poder ocupar cargos, somos discriminadas en algunos aspectos, tenemos muchos problemas para poder avanzar en ciertas carreras, incluso dentro de las organizaciones teníamos problemas para avanzar. Siempre las compañeras éramos relevadas de algunas tareas, siempre estaba la onda de decir.... Yo siempre le decía a los varones que ellos tenían un discurso "Si, las compañera mujeres, que se integran a la lucha, todo bien, pero la mía no, que me acompañe ma non tropo."

[156] Había compañeras muy capacitadas que se jugaban con las armas; sin embargo no llegaban a los puestos altos.

[157] No niego que en las organizaciones haya habido machismo. Erradicarlo fue justamente la tarea que intentamos dentro del nuevo estilo de relaciones que planteamos entre un hombre y una mujer nuevos. Existía una voluntad expresa de considerar igual a la mujer. Lo que pasa es que hay una cuestión con los hijos que es un tema muy difícil de resolver, y tampoco nosotros lo hicimos. Dada la relación entre el hijo y la madre parece que por ley y derecho a ella le corresponde casi todo, y es lo que pasaba generalmente.

> se reduziu à organização político-militar Montoneros. Pelo contrário, foi una prática corrente de todas as organizações guerrilheiras daqueles anos. (BACCI; CRESPO, 2013, p. 103, tradução nossa).[158]

Dessa maneira, como podemos notar, esses grupos se apresentavam de forma muito machista. As mulheres se adaptaram a esses espaços de diferentes maneiras e, a partir daí, garantiram algumas formas de participação.

Seguindo a mesma lógica de adequação das mulheres aos espaços masculinizados, Pata, uma militante montonera, fala das dificuldades da atuação feminina quando em casos raros chegavam à direção da organização.

> E as que chegavam a postos de poder eram muito restritas. Tinham uma forma de exercício de poder que era aprendida com os homens. Recentemente, está se construindo uma forma diferente de exercício do poder, mas naquela época não havia outra forma, era a forma masculina. (PATA *apud* NOGUERA, 2013, p. 18, tradução nossa).[159]

Dessa maneira, fica evidente como a masculinização também estava presente nas ações femininas quando assumiam cargos importantes. Além disso, é importante ressaltar, como lembram algumas das militantes que fizeram seus relatos a Diana (1997), que quando as mulheres chegavam a um nível de direção, as exigências eram enormes, totalmente diferentes da situação dos homens quando assumiam as mesmas posições.

Nesse sentido, fazendo referência ao machismo, Petisa, outra militante montonera, relata que, diferente do que muitos montoneros pensavam, o uso de armas não era incompatível com o feminino. De acordo com ela,

> Não, não há incompatibilidade com as armas. Nem sequer havia incompatibilidade, porque mais poderia haver incompatibilidade com... - não sei, talvez não -, com a formação política, que naquela época era bastante… predominava o masculino. Não, não havia. Não havia incompatibilidade porque sempre tinha o "touch" feminino. Sempre de algum modo suavizávamos ou botávamos nossa marca de mulheres, caso tivéssemos a possibilidade e a oportunidade, digamos, nem sempre a tínhamos, mas se pudéssemos, sim. (PETISA *apud* NOGUERA, 2013, p. 18, tradução nossa).[160]

---

[158] [...] reproducía al interior de su estructura grandes desigualdades que se reflejaban en la práctica. [...], la poca participación de las mujeres en lugares importantes de la dirección no se reduce a la organización político-militar Montoneros. Por el contrario, fue una práctica corriente de todas las organizaciones guerrilleras de aquellos años.

[159] Y las que llegaban a puestos de poder eran muy estrictas hacia abajo. Tenían una forma de ejercicio de poder que era aprendida de los varones, recién ahora se está construyendo una forma distinta de ejercicio del poder, pero en esa época no había otra forma, era la forma masculina.

[160] No, no hay incompatibilidad con las armas. Ni siquiera había incompatibilidad, porque más podría haber incompatibilidad con —bah, no sé, quizás no—, con la formación política, que en aquella época era bastante… predominaba lo masculino. No, no había. No había incompatibilidad porque siempre estaba el "touch" femenino. Siempre de algún modo lo suavizábamos o le poníamos nuestra impronta de mujeres, si teníamos la posibilidad y la oportunidad, digamos, no siempre la tenías, pero si podíamos sí.

Outra militante montonera, Maria, relata que em alguns momentos, para que fosse aceita com igualdade pelos militantes, tinha a necessidade de mostrar que era capaz de desempenhar as mesmas atividades que eles.

> [...] Até me parece que de parte de muitas companheiras e provavelmente eu também tenha feito, era como que a gente tinha que demonstrar ou se afirmar mais nas partes duras, ou seja que a gente podia fazer o mesmo que um companheiro.
> P: Esforçavam-se?
> R: Claro, se companheiras que têm sido, tem se comentado por aí a dureza que tinham, algumas delas depois, quando caiu, foi um desastre, mas enquanto tinham sua responsabilidade eram muito exigentes, muito duras, implacáveis. Naquela época tinha a ver com isso, com marcar um lugar, tinha que demonstrar, né? Mas não porque os companheiros colocassem essa exigência, pelo menos não explicitamente, eu nunca escutei, não sei se entre eles diriam (risos). (MARIA *apud* NOGUERA, 2013, p. 18, tradução nossa).[161]

No que se refere ao mesmo assunto, mais uma militante montonera relata relações machistas presentes no interior do grupo. Segundo Teresa Meschiatti,

> Eu fazia tudo o que faziam os homens, e se em alguma prática uma companheira não pudesse com os exercícios "masculinos" eu ficava do lado deles. Ainda que nesse momento não percebesse, era um conceito machista, surgido talvez da adoração que eu sentia pelos companheiros como Petrus, Iñaqui… Não me sentia como homem, eu gostava dos homens. (TERESA MESCHIATTI *apud* DIANA, 1997, p. 53, tradução nossa).[162]

Assim, como podemos observar, às vezes as exigências de desempenhar tarefas "duras" provinham das próprias militantes para se adaptarem aos espaços masculinizados do grupo. Ao realizarem tais tarefas, criavam "falsas" expectativas de serem vistas independentemente de suas condições sociais. Dessa forma, simultaneamente às adaptações aos espaços masculinizados, essas mulheres legitimavam a dominação masculina, uma vez que a luta por igualdade de gênero não era colocada em discussão. Nesse sentido, defendiam as mesmas posições que os homens, de que as ações só seriam possíveis da maneira que eles

---

[161] [...] hasta me parece que de parte de muchas compañeras y probablemente yo también lo he hecho era como que una tenía que demostrar o se afirmaba más en las partes duras, o sea que una podía hacer lo mismo que un compañero. P: ¿Se esforzaban? R: Claro, si compañeras que han sido, se ha comentado por ahí la dureza que tenían, en algunas de ellas después cuando cayó fue un desastre, pero mientras tenían su responsabilidad eran como muy exigentes, muy duras, implacables, en ese tiempo tenía que ver con eso, en marcar un lugar, había que demostrarlo, no? Pero no porque se planteara esa exigencia por parte de los compañeros, por lo menos explícitamente yo no lo escuché, no sé si entre ellos lo dirían (risas).

[162] Yo hacía todo lo que hacían los hombres, y si en una práctica alguna compañera no podía con los ejercicios "masculinos" me ponía del lado de ellos. Aunque en ese momento no me diera cuenta, era un concepto machista, surgido tal vez de la adoración que sentía por compañeros como Petrus, Iñaqui…No me sentía como hombre, me gustaban los hombres

desempenhavam e que as estratégias e a luta feminina não era válida e coerente em nenhum sentido.

Entretanto, existiram casos de mulheres que não romperam com suas características femininas. Em alguns casos tentaram se adaptar aos espaços masculinizados de outras formas. Norma Arrostito é um exemplo de militante que não rompeu com sua feminilidade. De acordo com Bacci e Crespo (2013, p. 92, tradução nossa), "A doçura no trato com os outros, a delicadeza na forma de se vestir e sua simplicidade à hora de atuar na vida cotidiana parecem estar longe da conceptualização de sua figura definida como 'a mulher guerrilheira'."[163]

Além de Norma, outra militante montonera, Mercedes, relatou que não precisava se masculinizar para ser respeitada e aceita no grupo. Ela atuava em nível de igualdade com os homens. Para ela,

> [...] fomos parte da geração que tinha uma paridade absoluta com os homens, e mais, fazia parte de seu orgulho, ser pais diferentes, ser donos de casa diferentes, havia uma coisa de compartilhar responsabilidades, e não importava se era a questão política ou fazer as compras ou ficar com o filho […] fazia parte de nossa geração, o orgulho de termos conseguido uma paridade e que para ser responsável como mulher você não tinha que se transformar em nada masculinizado. (MERCEDES *apud* SEPÚLVEDA, 2016, p. 71, tradução nossa).[164]

Marta, militante montonera, dizia reconhecer a presença do machismo no grupo; no entanto, enfatizava que em seu caso particular não vivia experiências machistas. De acordo com Marta,

> [...] o enfrentamento com a oligarquia era em paridade de condições. Para a oligarquia, se você fosse homem ou mulher era exatamente o mesmo. Para eles éramos o inimigo que tinha que exterminar e não tinha distinções. E de alguma maneira nós temos dado a batalha assim, lado a lado. Seja homem ou mulher. Mas nem todos os homens companheiros tinham essa visão. Na minha relação particular com meu companheiro não tínhamos esse problema. A ideia de que os dois temos a mesma responsabilidade, a mesma obrigação, os mesmos deveres, os mesmos direitos. E em um grupo importante de companheiros isso esteve claro… (MARTA *apud* GARRIDO; SCHWARTZ, 2005, p. 12-13, tradução nossa).[165]

---

[163] Su dulzura en el trato con los demás, la delicadeza en la forma de vestirse y su sencillez a la hora de desenvolverse en la vida cotidiana parecen estar lejos de la conceptualización de su figura definida como 'la mujer guerrillera'.

[164] [...] fuimos parte de la generación en la que había una paridad absoluta con los hombres, es más, formaba parte de su orgullo, ser padres diferentes, ser amos de casa diferentes, había una cosa de compartir responsabilidades, y no importaba si era la cuestión política o hacer las compras o quedarse con el hijo […] formaba parte de nuestra generación, el orgullo de que habíamos logrado una paridad y que para ser responsable mujer no tenías que transformarte en nada masculinizado.

[165] [...] el enfrentamiento con la oligarquía era en una paridad de condiciones. Que para la oligarquía seas hombre o mujer, eras exactamente lo mismo. Para ellos éramos el enemigo que había que exterminar y no había distinciones. Y de alguna manera nosotros hemos dado la pelea así. Eso de codo a codo, tal cual. Sea hombre o mujer. Ahora no todos los hombres compañeros lo veían así. En mi relación particular con mi compañero no

Nessa perspectiva, podemos observar que a masculinização das mulheres e os posicionamentos machistas dos homens não eram uma regra no grupo. Porém, dentre a totalidade de relatos, a maior parte deles apresenta experiências de machismo e espaços de atuação masculinizados.

Além disso, como destaca Barrancos (2010), a luta da mulher desde a concepção peronista está atrelada a situações relacionadas ao âmbito privado. Segundo Grammático (2011), os montoneros também compartilhavam dessa ideia através da Agrupação Evita, uma vez que a atuação feminina na agrupação era sempre voltada a funções maternais e domésticas como, por exemplo, a busca de meios para garantir a saúde aos filhos, bons hospitais para as famílias, leis de proteção à maternidade e à infância, dentre outras coisas relacionadas a funções domésticas. Dessa maneira, as mulheres continuavam sendo as únicas responsáveis pelos âmbitos privados, e suas lutas, mesmo que em espaços públicos, reforçavam ainda mais a "condição social feminina". Sobre o assunto, Garrido e Schwartz afirmam:

> Tem sido assinalado que a ação política das mulheres tem sido vista historicamente limitada a tarefas vinculadas ao social e asistencial, as quais supõem o 'estar' aonde algo falta, determinando que as próprias mulheres reforcem o estereótipo de suas "qualidades femininas", autoexcluindo-se dos espaços de tomada de decisões, reputados como masculinos. (GARRIDO; SCHWARTZ, 2005, p. 7, tradução nossa).[166]

Finalmente, é importante ressaltar que as mulheres tiveram que se adaptar das mais diversas formas aos espaços masculinizados presentes na sociedade e no grupo Montoneros. Essas adaptações podem ser pensadas quando levamos em consideração sua "condição social". No que se refere à maternidade, por exemplo, foram vários desafios encontrados, na medida em que as responsabilidades com os filhos eram restritas às mães. Assim, em muitos momentos elas tiveram que conciliar o cuidado dos filhos com suas atuações no grupo. Essa conciliação não era fácil, tendo em vista que tanto a militância quanto os filhos exigiam muito trabalho. Dessa forma, em alguns momentos, os filhos ou a militância eram prejudicados. Abaixo, Carmen relata suas dificuldades em conciliar filhos e militância.

---

teníamos ese problema. La idea de que los dos tenemos la misma responsabilidad, la misma obligación, los mismos deberes, los mismos derechos. Y en un grupo importante de compañeros eso…estuvo claro…

[166] Se ha señalado que el accionar político de las mujeres se ha visto históricamente limitado a las tareas vinculadas con lo social y asistencial, que suponen el 'estar' donde algo falta, determinando que las mujeres mismas refuercen el estereotipo de sus "cualidades femeninas" autoexcluyéndose de los espacios de toma de decisiones, reputados como masculinos

> Quando era criança, meu filho um dia me disse: ‘Eu não te quero porque você não é como as mães de meus companheiros da escola’. Então eu me sentia mal porque eu não gostava de cozinhar nem de lavar e estar na casa. Me fez muito mal e fiquei chorando, chorando, chorando. (Tradução nossa).[167]

Assim, o sofrimento e o sentimento de culpa são relatado por muitas militantes por não darem conta de lidar com tantas atribuições sociais presentes nas formas tradicionais da família. Uma maneira de romper com esse tipo de sofrimento e com a exploração feminina foi, segundo Martínez (2015, p. 72, tradução nossa), entendendo “[...] a maternidade e a sexualidade além de sua função social e reprodutora, quer dizer, 'a mãe como sujeito materno para si mesma' e não para os outros.”[168]

Para finalizar, é necessário termos em mente que se a atuação das mulheres foi, em alguns momentos, limitada, isso se deve principalmente à exploração e repressão desses sujeitos por sua “condição social”, não por falhas ou falta de capacidade individual. Ademais, levando em consideração as condições estabelecidas socialmente, esses sujeitos conseguiram ganhos significativos e contribuíram como quaisquer outros para a luta por melhores condições.

No último tópico do capítulo, daremos continuidade à discussão enfatizando as formas de atuação feminina no grupo Montoneros e destacando suas colaborações para o desenvolvimento de atividades estabelecidas pelo grupo.

3.5 Conjunturas de participação e colaboração das mulheres no grupo Montoneros

Para compreender melhor a participação das mulheres no grupo Montoneros, é importante apresentar alguns dados a respeito do total de militantes do sexo feminino no grupo. No entanto, devemos levar em consideração a dificuldade de estabelecer números com precisão, na medida em que o grupo sofreu baixas em vários momentos e passou um período na clandestinidade. De acordo com Barrancos (2010), no período de formação, 20% do grupo Montoneros era constituído por mulheres; dessa porcentagem, mais de 60% tinham até 30 anos. Para Perdía (2013), no período seguinte, aproximadamente em 1973, não menos de 1/3 do grupo eram formadas por mulheres.

De acordo com relatos, podemos notar que as mulheres montoneras desempenharam diversos tipos de atividade no grupo. Conforme Barrancos (2010), as mulheres

---

[167] Cuando era chico mi hijo viene un día y me dice: ‘Yo a vos no te quiero, porque no sos como las madres de mis compañeros de escuela’. Entonces yo me sentía mal, porque a mí no me gusta cocinar, no me gusta lavar, estar en la casa. Y me hizo muy mal y me puse a llorar, llorar. (GÓMEZ, 2011, p. 27)

[168] [...] la maternidad y la sexualidad más allá de su función social y reproductora, es decir, “la madre como sujeto materno para sí misma” y no para los demás.

se encarregavam, sobretudo, de tarefas logísticas. Nas tarefas militares, o número de mulheres era inferior comparado ao dos homens; no entanto, no que se refere a funções de inteligência, havia equivalência nesses números. Nas atividades relacionadas à imprensa e divulgação, o número de homens também superava o de mulheres; entretanto, a participação das mulheres nessas atividades era muito significativa.

Outra informação destacada por Barrancos (2011) se refere ao estado civil das mulheres que aderiram ao grupo Montoneros. A maior parte das aderentes era solteira, mas também havia muitas casadas que, em sua maioria, aderiram ao grupo juntamente com seus companheiros.

Algumas das militantes montoneras explicam os motivos da sua luta e as justificativas pelas quais ingressaram no grupo, como se observa relato de Marta:

> O que sentíamos é que havia uma situação que urgia, na mudança profunda radical, que havia condições reais, estávamos convencidos […] estava a guerra de Vietnam, estava Cuba, havia coisas muito concretas. Então, tudo o que não fosse entrar nessa onda e começar com os "bifes" – os bifes eram os ferros (as armas) – era falar à toa. Nesse aspecto, era como se essa etapa já tivesse sido cumprida. A etapa legal, a etapa da militância política tradicional da esquerda, uma etapa que tinha se cumprido e era necessário passar a outra coisa. Isso era muito forte, sem muitas reflexões, não acredito que ninguém tenha tido muitas […] com exceção das pessoas que elaboraram coisas, linhas […]. (MARTA *apud* SEPÚLVEDA, 2016, p. 66, tradução nossa).[169]

Através do relato acima, podemos entender as problematizações do contexto da época e as expectativas da militante em relação às mudanças, incluindo as condições que tornavam a luta concreta.

A seguir, Mariana, militante montonera, justifica sua luta a partir da sua trajetória de vida e dos problemas sociais

> Desde criança estive ao lado dos desvalidos. As injustiças me rebelavam. Quando entrei para o Montoneros, não sofri nenhum tipo de conflito em relação aos métodos. Parecia-me justo que se tentassem reparar injustiças sociais tirando dos que tinham muito para repartir entre os que não tinham nada, ou que se matasse um torturador. O que não sei é o que teria me acontecido se eu mesma tivesse que fazê-lo. Por outro lado, a história me demonstrava que as grandes mudanças tinham sido violentas, e, de

[169] Lo que sentíamos es que había una situación que urgía en la realidad, en el cambio profundo radical, que había condiciones, estábamos convencidos […] estaba la guerra de Vietnam, estaba Cuba, había cosas muy concretas. Entonces, todo lo que no era meterse en esa ola y empezar con los bifes – los bifes eran los fierros – era hablar al pedo. En ese aspecto, como que esa etapa se había cumplido. La etapa legal, la etapa de la militancia política tradicional de la izquierda, una etapa que se había cumplido y era necesario pasar a otra cosa. Eso era muy fuerte, sin demasiadas reflexiones, no creo que nadie haya tenido demasiadas […] salvo la gente que elaboró cosas, líneas […].

> acordo com isso, parecia lógica a criação de um exército popular para lutar contra os capitalistas. (MARIANA *apud* DIANA, 1997, p. 145, tradução nossa).[170]

Nesse contexto, pode-se perceber que, embora a vontade de corrigir os "erros e injustiças sociais" seja algo muito claro no relato, algumas dificuldades são apresentadas pela militante no que se refere ao enfrentamento direto com o inimigo. Outras militantes também apresentam essa dificuldade, mas sempre ressaltam a determinação em relação à luta.

A respeito das dificuldades de desempenhar ações armadas contra os inimigos, relata a montonera Graciela Daleo (Viky),

> No meu caso há que acrescentar que sou mulher, que nós mulheres nos vemo menos nesse papel, e que eu tinha uma formação cristã que também pesava muito. [...] eu tinha ficado muito impressionada com as palavras do Che e aquilo de nos converter em frias máquinas de matar, ainda que naquela mesma mensagem estivesse o maravilhoso exemplo de humildade que nos dava o Che [...]. (GRACIELA DALEO *apud* DIANA, 1997, p. 272, tradução nossa).[171]

A partir do relato acima percebemos, além da dificuldade apresentada pela militante para executar ações armadas, a legitimação, de certa forma, dos papéis estabelecidos socialmente para homens e mulheres.

Ademais, outras dificuldades eram relatadas. Para alguns militantes, lidar com a prisão e morte de companheiros não era uma tarefa fácil. De acordo com Miguel,

> Tudo foi curto, intenso, confuso e doloroso. Como foi a vida de muitos casais naquela época. Éramos quase meninos, vivendo uma militância em que víamos cair companheiros, presos ou mortos, constantemente, quando ainda não tínhamos amadurecido. (MIGUEL *apud* DIANA, 1997, p. 298, tradução nossa).[172]

Por fim, muitos militantes também tinham dificuldades para lidar com as próprias demandas da organização, pela exigência quase absoluta de dedicação. Sobre o assunto, relata a montonera Graciela Daleo

---

[170] Desde de chica estuve a favor de los indefensos. Las injusticias me rebelaban. Cuando entré a Montoneros no sufrí ningún tipo de conflicto con respecto a los métodos. Me parecía justo que se intentara reparar injusticias sociales sacando a los que tenían mucho para repartir entre los que no tenían nada, o que se matara a un torturador. Lo que no sé, es que me habría pasado si yo hubiera tenido que hacerlo. Por otro lado, la historia me demostraba que los grandes cambios habían sido violentos, y de acuerdo con eso, me parecía lógico que se creara un ejército popular para luchar contra los capitalistas.

[171] En mi caso hay que agregar que soy mujer, que las mujeres nos vemos menos en ese papel, y que yo tenía una formación cristiana que también pesaba mucho. [...] yo me impresionara tanto con las palabras del Che y aquello de convertirnos en frías máquinas de matar, aunque en ese mismo mensaje estaba el maravilloso ejemplo de humildad que nos daba el Che [...]

[172] Todo fue corto, intenso, confuso y doloroso. Como fue la vida de muchas perejas en esa época. Eramos unos chicos casi, viviendo una militancia en la que veíamos caer compañeros, presos o muertos, constantemente, cuando todavía no habíamos alcanzado a madurar.

> A militância era como um útero que te continha de todas as formas, no político, no cultural, no afetivo. Todas as amizades eram de lá, os amores, os sonhos. [...] Nossa luta abrangia terrenos díspares no social, e no interior de cada um implicava a transformação em homens e mulheres novos. (GRACIELA DALEO *apud* DIANA, 1997, p. 270, tradução nossa).[173]

A militante Laura fala a respeito dos poucos momentos de lazer que vivenciavam e da sua conciliação com outras atividades do grupo. "Geralmente não íamos a festas, mas quando íamos tratávamos de combiná-la com um trabalho político. Por exemplo, fomos de férias uns dias à costa para acampar, mas aproveitamos para fazer um seminário." (LAURA *apud* DIANA, 1997, p. 132, tradução nossa).[174] Além disso, a mesma militante faz referência ao caso de uma companheira que perdeu seu avô e custou conseguir se ausentar do grupo em virtude de uma atividade que tinha que desenvolver. Segundo seu relato,

> Tudo estava subordinado à política que seguíamos. Quando o avô de uma companheira morreu, ela pediu permissão para viajar ao interior. Mas naquele momento ela tinha uma tarefa designada. E se viajasse não faria. Se fazia, não ia no velório, e ela se importava. Discutiu-se, e finalmente foi... depois de cumprir a tarefa. E chegou tarde. (LAURA *apud* DIANA, 1997, p. 132, tradução nossa).[175]

Como podemos notar, a vida dos militantes não era fácil: além de vivenciarem situações extremas e correrem vários riscos no quotidiano, ainda tinham que se dedicar para cumprir as tarefas do grupo, que muitas vezes eram bem complicadas.

Outro aspecto ligado à questão da dedicação se refere ao fato de que a militância não tinha volta: ao se optar por ela o militante corria riscos nos mais diversos locais. Roberto Perdía, militante montonero, relata que uma companheira foi surpreendida na casa em que vivia com seu filho e marido. Para salvar a sua vida e a de seu filho, a única alternativa que teve foi usar seu filho como estratégia, impondo-lhe um risco extremo.

> Um casal morava com seu pequeno filho de uns quatro anos. Uma noite a casa foi cercada e começou um tiroteio. O marido tentou sair pelos fundos e mataram ele. Sua mulher abriu então a porta e saiu levando a criança diante dela, gritando que se rendia. O oficial ordenou levantar os braços. Ela continuou dizendo que se rendia, mas sem

---

[173] La militancia era una especie de útero que te contenía en todos los terrenos: político, cultural, afectivo. Todas las amistades eran de ahí, los mores, los sueños. [...] Nuestra luta abarcaba terrenos dispares en lo social, y en el interior de cada uno implicaba la transformación en hombres y mujeres nuevos.

[174] Generalmente no íbamos a fiestas, y en el caso de que lo hiciéramos tratábamos de combinarlo con un trabajo político. Por ejemplo, fuimos a veranear unos días en carpa a la costa, pero aprovechamos para hacer un seminario.

[175] Todo estaba subordinado a la política que seguíamos. Cuando el abuelo de una compañera murió, ella pidió permiso para viajar al interior. Pero, en ese momento ella tenía una tarea asignada. Si viajaba no la hacía. Si la hacía, no iba al velatorio, y a ella le importaba. Se discutió, y finalmente fue... después de cumplir la tarea. Vale decir, llegó tarde.

> obedecer. Uma das mãos dela estava sobre o ombro da criança, a outra não se enxergava. O oficial insistiu. Ela continuou caminhando. Os militares estavam paralisados e não sabiam o que fazer. A mulher chegou a uns três metros do grupo, empurrou a criança no chão e disparou contra o oficial. (ROBERTO PERDÍA *apud* DIANA, 1997, p. 376, tradução nossa).[176]

A partir desse relato podemos observar as dificuldades encontradas pelos militantes em seu cotidiano para levar adiante seus ideais e sua luta contra o regime. Além disso, podemos ver o uso da violência naquele momento partindo dos dois lados: tanto do estado, quanto do grupo Montoneros. Abaixo, segue relato de Teresa Meschiatti (Tina), militante montonera.

> Era uma época de intensa atividade militante. A vida com os "*cumpas*" era plena e para mim eram irmãos de sangue. Minha prática era muito profunda, mas eu não refletia sobre isso. Eu podia, eu fazia... vivia dessa maneira, sem refletir. (...) minha dedicação e minha entrega eram totais (...). (...) Foi assim desde que entrei na organização e cortei com tudo: família, universidade, amigos... (TERESA MESCHIATTI *apud* DIANA, 1997, p. 47, tradução nossa).[177]

Assim, podemos notar como essas militantes viveram momentos de rompimentos em relação à família e aos amigos, além disso, como valorizavam as atuações no grupo.

Eram frequentes, os relatos de mulheres militantes que declaravam que preferiam atuar nas frentes militares às de imprensa e divulgação, por exemplo. Uma delas declarou:

> Trabalhei um tempo em documentação e depois passei para a frente militar, que é onde eu queria estar. Preferia esse nível porque ali me sentia útil. Medidas concretas para problemas concretos. Eu queria que as coisas mudassem e agindo militarmente sentia que lutava para isso. O outro parecia-me devagar e sem resultados. (NEGRITA *apud* DIANA, 1997, p. 171, tradução nossa)[178].

Mais uma vez podemos confirmar que muitas mulheres montoneras contribuíram de forma significativa em tarefas "estabelecidas" socialmente para homens.

---

[176] Un matrimonio vivía con su pequeño hijo de unos cuatro años. Una noche la casa fue rodeada y empezó un tiroteo. El marido intentó salir por el fondo y lo mataron en e lacto. Su mujer abrió entonces la puerta y salió llevando al niño delante de ella gritando que se rendía. El oficial al mando le ordenó levantar los brazos. Ella continuó diciendo que se rendía pero sin obedecerle. Una de sus manos estaba sobre el hombro del niño, la otra no si veía. El oficial insistió. Ella continuó caminando. Los militares estaban paralizados y no sabían qué hacer. La mujer llegó a unos tres metro del grupo, empujó al niño al suelo y disparó contra el oficial.

[177] Era una época de intensa actividade militante. La vida con los "cumpas" era plena y para mí eran Hermanos de sangre. Mi práctica era muy profunda, pero no meditava. Yo podía, yo hacia... vivía de esa manera, sin reflexionar. (...) mi dedicación y mi entrega eran totales (...). (...) Así fue desde que entré en la organización y corte com tudo: família, Universidad, amigos...

[178] Trabajé un tiempo en documentación y después pasé al frente militar, que es donde yo quería estar. Prefería ese nivel porque ahí me sentía útil. Medidas concretas para problemas concretos. Yo quería que las cosas cambiaran y actuando militarmente sentía que luchaba para eso. Lo otro me parecía lento y sin resultados.

Na ação da Tomada de La Calera – abordada no segundo capítulo –, algumas mulheres tiveram importantes atuações: "Na tomada de La Calera participaram "diretamente" quatro mulheres: Cristina Liprandi de Vélez, Susana Lesgart, Dinora Gebennini e María Leonor Papaterra de Mendé". (NOGUERA, 2013, p. 15, tradução nossa).[179] Apenas Petisa, que estava grávida, não atuou diretamente na operação. Seu relato, a seguir, apresenta o tipo de atividade que desempenhou.

> Estive em apoio de infraestrutura, em logística, fazendo logística o tempo todo. Durante o período preparatório, durante o desenvolvimento e depois, logística […] Digamos, eu fiquei com a parte do automóvel, levar, trazer companheiros. Armas… essa parte de mobilizar armas não me deixaram, companheiros sim. Apoio logístico, mais nada. Levar companheiros em casas. Foi muito mínimo, na verdade quase nada, quase nada. Estava de cinco meses, quatro meses de gravidez, não me lembro. (PETISA *apud* NOGUERA, 2013, p. 15, tradução nossa).[180]

Partindo da interpretação desse relato, é interessante notar alguns pontos que indicam como as mulheres eram participativas no grupo. No relato de Petisa, quando ela fala que "foi o mínimo", que não fez "nada mais além do apoio logístico", pode-se perceber o quanto era atuante no grupo, uma vez que, mesmo tendo participado da operação, ainda pensava que não tinha sido suficiente, deixando claro, assim, que se não estivesse grávida teria participado muito mais.

Através dos relatos apresentados podemos considerar que a maioria dessas mulheres se assumiu como mulheres e lutaram de igual para igual com os homens na busca por seus objetivos. No entanto, como lembra Noguera (2013), os jornais da época, quando destacavam a participação feminina nas operações, expressavam certa "surpresa". Assim, mais uma vez fica evidente como as normas sociais interferiam diretamente na conduta e no discurso dos indivíduos, que, em muitos casos, podiam até concordar com o posicionamento feminino. No entanto, essas atuações não deixavam de ser vistas com surpresa. Segundo Noguera (2013, p. 15, tradução nossa), "[…] as transgressões aos estereótipos sobre a feminilidade provocam dificuldades para serem aceitos socialmente e isso se reflete nos discursos."[181]

---

[179] En la toma de La Calera participaron "directamente" cuatro mujeres: Cristina Liprandi de Vélez, Susana Lesgart, Dinora Gebennini y María Leonor Papaterra de Mendé.

[180] Estuve en apoyo de infraestructura, en logística, haciendo logística todo el tiempo. Durante el tiempo previo, durante el desarrollo y post, logística […] Digamos, a mí me tocó la parte de automóvil, llevar, traer compañeros. Armas… esa parte de movilizar armas no me dejaron, compañeros sí. Apoyo logístico nada más. Llevar compañeros y en casas. Fue muy mínimo, en realidad casi nada, casi nada. Estaba de 5 meses, 4 meses de embarazo, no me acuerdo.

[181] […] las transgresiones a los estereotipos sobre la feminidad provocan dificultades para ser aceptados socialmente y eso se refleja en los discursos.

Como vimos anteriormente, esse tipo de conduta também era reproduzida pelo grupo. Em alguns momentos, esse tipo de atuação feminina incomodava muitos indivíduos, que não conseguiam romper com as normas sociais, que estabeleciam papéis diferenciados para homens e mulheres. Essa situação resultava em alguns problemas como, por exemplo, a atuação feminina em alguns momentos relacionada apenas a funções maternais e domésticas. Logo no período inicial de formação do grupo podemos observar algumas características que dizem respeito a essa lógica. Na revista **La Causa Peronista** número 9, publicada em 1974, a Operação *Aramburazo* é relatada por Norma e Mario. Nesse relato, podemos perceber que quem ficou responsável por costurar a farda de Fernando Abal Medina foi Norma Arrostito, como se lê a seguir:

> Um oficial reformado peronista doou seu uniforme: simpatizava conosco, ainda que não soubesse para que íamos utilizar. O problema é que ficava enorme no Fernando. Tive que fazer de costureira, ajustar ao seu corpo. A boina, jogamos fora - era enorme para a cabeça dele - mas usamos o paletó e as insígnias.[182]

Dessa forma, perguntamos: por que Norma foi escolhida para desempenhar tal atividade? Fernando, que iria vestir a farda, não seria, teoricamente, o responsável pela sua adequação? Esse tipo de atribuição escolhida para as mulheres era de certa maneira uma forma de reafirmação do papel social estabelecido para a mulher?

Outro exemplo de reprodução dos papéis sociais firmados para as mulheres no grupo foi a frente feminina criada por Montoneros, a Agrupação Evita. Como vimos anteriormente, a maior parte das demandas buscadas pela agrupação estava ligada a temas domésticos e maternais; a agrupação não tinha como objetivo principal a luta política. Além disso, de acordo com Grammático (2011), o grupo criou essa frente com o objetivo de controlar a atuação feminina e ganhar maior hegemonia em relação à direita peronista.

Segue relato de uma militante montonera que manifesta a falta de expressão política da Agrupação.

> Eu nunca entendi quais eram os objetivos da cúpula de Montoneros para a Agrupação Evita [...], porque na verdade não [nos] estavam dando representação, ou seja, podiam pôr três ou quatro companheiras, botar a cara delas lá, mas depois, qual era o projeto dentro do processo de guerra, eu acho que era machista e acho que os companheiros não tinham claro (...) Olha se Firmenich ia entender algo do problema da mulher!

[182] REVISTA LA CAUSA PERONISTA. Buenos Aires, ano 1, n. 9, p. 25, 3 set. 1974. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/causa-peronista/causaperonistanumero2-2/>. Acesso em: 17 ago. 2016.

> (Entrevista da autora Patrícia Astelarra, 5 de julio de 2006) (GRAMMÁTICO, 2011, p. 95, tradução nossa).[183]

Assim, o que existiu na agrupação foi uma fachada de representação no lugar das reivindicações femininas propriamente ditas. E isso se reproduziu dessa forma em virtude da falta de um projeto de questionamento claro por parte das militantes.

Segundo Grammático (2011), as atividades da Agrupação Evita começaram no dia 19 de setembro de 1973. Por meio de mesas informativas, em Buenos Aires, a agrupação realizou as primeiras tarefas de divulgação na revista **El Descamisado**, n. 19, de setembro de 1973. Abaixo, segue fragmento do texto.

> Ficou constituída a "Agrupação Evita", a parte feminina do movimento justicialista. Um pensamento de Eva Perón preside, como guia, os passos da agrupação. "... Dos homens nos separa uma coisa só: nós temos um objetivo, que é redimir a mulher. Este objetivo está na doutrina justicialista de Perón, mas somos nós mulheres que temos que alcançá-lo". (Tradução nossa)[184]

A Agrupação Evita se constituiu como uma frente de alcance nacional e se estruturou por meio de regionais. Assim, o país foi dividido em seis regionais estabelecidas através de algumas províncias. Esse modelo correspondeu a uma demanda de organização do grupo Montoneros, com o objetivo de romper com o centralismo de Buenos Aires. A Agrupação Evita fazia encontros mensais, e algum representante da condução nacional do grupo Montoneros sempre participava. (GRAMMÁTICO, 2011).

Enfim, de acordo com Grammático (2011), a Agrupação Evita estava assentada em modelos tradicionais estabelecidos socialmente, mais especificamente, na cultura política peronista em que a identidade política das mulheres era sustentada por sua condição de mãe e esposa. Assim, através de relatos, constatou-se que muitas mulheres tinham dificuldades de falar em voz alta, já que isso não era uma prática habitual em seus cotidianos. Por essa razão, uma militante sustenta a importância das reuniões femininas sem a presença de homens que, em muitos momentos, inibiam suas ações.

---

[183] Yo nunca entendí cuáles eran los objetivos de la cúpula de Montoneros para la Agrupación Evita [...], porque en realidad no [nos] estaban dando representación, o sea, podían poner tres o cuatro compañeras jetonas jerarcas de ahí pero, después, cuál era el proyecto dentro del proceso de guerra, yo creo que era machista y creo que los compañeros no lo tenían claro (...) ¡Mirá si Firmenich iba a entender algo del problema de la mujer!

[184] Quedo constituida la "Agrupación Evita", de la rama femenina del movimiento justicialista. Un pensamiento de Eva Perón presidente, como guía, los pasos de la agrupación. "... De los hombres nos separa una sola cosa: nosotros tenemos un objetivo, que es redimir a la mujer. Este objetivo está en la doctrina justicialista de Perón, pero nos toca a nosotras mujeres alcanzarlo." (REVISTA EL DESCAMISADO. Buenos Aires, ano 1, n. 19, p. 24, 26 set. 1973. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/causa-peronista/causaperonistanumero2-2/>. Acesso em: 17 ago. 2016.)

Nesse contexto, podemos considerar que os referidos modelos que estabeleciam formas de comportamentos femininos específicos, estavam atrelados à cultura política peronista. Assim, a referida identidade política das mulheres, sempre ligada ao doméstico pode ser compreendida de acordo com a visão de Dutra (2002) no que tange às culturas políticas, como um conjunto de elementos de base ideológica e ou filosófica, com idealizações de concepções acerca da "boa sociedade". Esses elementos, ao se inter-relacionarem formam uma identidade individual e coletiva. Dessa maneira, grupos inteiros compartilham um mesmo tipo de discurso, e interpretações, sem fugir da lógica estabelecida socialmente, responsável por organizar a vida na sociedade. Como sabemos, o peronismo demarcou claramente os papéis femininos na sociedade argentina. Eva Perón, por exemplo, reproduziu em muitos momentos os limites sociais das atuações femininas em relação ao poder masculino.

Em 1974, em virtude do contexto de violência da época e das grandes baixas sofridas por Montoneros, Mario Firmenich, acompanhado por integrantes do grupo, anunciou que a organização entraria para a clandestinidade. Com isso, a Agrupação Evita se dissolveu. (GRAMMÁTICO, 2011).

Outro aspecto que deve ser levado em consideração se refere às demandas e reivindicações femininas que, em muitos momentos, não foram levadas em conta. Os conceitos e discussões sobre a(s) cultura(s) política(s) nos esclarecem alguns pontos relacionados a essa temática.

Nesse sentido, quando compreendemos a cultura política como algo duradouro e estável no tempo (NÉSPOLI, 2015), podemos entender de alguma maneira que as reivindicações femininas não tinham sido legitimadas, porque ainda ocupavam um espaço de disputa, uma vez que as normas sociais (constituídas ao longo do tempo e que estabeleciam, por exemplo, os papéis femininos) já estavam consolidadas e sua reprodução era feita de forma "natural" pelos indivíduos. Em virtude disso, como destacam Destuet e Valle (2005), a história resultou em uma abordagem construída e narrada desde o ponto de vista androcêntrico.

No entanto, é importante ressaltar que mesmo não tendo sido atendidas as reivindicações femininas, estas permaneceram em constante luta, tendo em vista que a(s) cultura(s) política(s), segundo Berstein (1998), são fenômenos de múltiplos parâmetros e levam tempo para se consolidar como tal. Ademais, não são imóveis, se enriquecem com múltiplas contribuições de outras culturas políticas, não podendo, finalmente, sobreviver a contradições em relação à realidade do momento.

Em conformidade com Berstein, Néspoli afirma que

> [...] as culturas políticas evoluem na história em função de determinadas conjunturas e também devido à influência de outras ‘culturas políticas’, podendo, nos seus vários movimentos, declinar quando deixam de responder às aspirações da sociedade, da mesma maneira como podem crescer quando respondem a problemas específicos e fundamentais da vida pública. (NÉSPOLI, 2015, p. 374).

Nessa lógica, podemos entender as trajetórias das reivindicações femininas (seus ganhos e perdas ao longo do tempo) e os motivos pelas quais não foram aceitas de forma imediata em alguns momentos. Apresentando as experiências femininas, estamos contribuindo para romper com a lógica da “condição subalterna natural” e, sobretudo, enriquecendo a nossa história.

Para finalizar, cabe ressaltar que, através dos testemunhos dos militantes do grupo Montoneros, pudemos perceber que as mulheres atuaram em vários momentos da mesma forma que os homens, mostrando suas capacidades em diversas frentes, mesmo com as inúmeras formas de desigualdade de gênero.

Desse modo, elas romperam com condutas machistas em diversos momentos e estabeleceram posturas de igualdade entre homens e mulheres através das experiências de luta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme constatado, as mulheres estiveram presentes em diversos momentos na cena política da Argentina, rompendo assim com as imagens tradicionais construídas pela sociedade ao longo de muitos anos. Na lógica social que compreende o período estudado, os únicos sujeitos que tinham legitimidade para se envolver nos espaços públicos pegando em armas e participando nas discussões políticas eram os homens, únicos detentores de força. Dessa forma, as mulheres que assumiam esses papéis eram mal vistas por boa parte da sociedade. Entretanto, como pudemos observar ao longo da pesquisa, muitas mulheres enfrentaram as normas sociais estabelecidas, ocupando assim seus lugares nos mais diferentes espaços públicos.

No entanto, isso não aparece de forma clara na historiografia. As mulheres, os negros, além de outras "minorias", foram ocultadas de vários processos de construção histórica. Segundo Pedro e Soihet (2007), alguns autores acreditavam que, ao falar dos homens, as mulheres também eram contempladas.

Partindo da presente pesquisa e da bibliografia consultada, podemos considerar que esse tipo de afirmação se torna um problema, pois excluímos dos processos históricos sujeitos que atuaram significativamente e que contribuíram para chegar aonde estamos hoje. Assim, reduzimos também a capacidade de compreensão da história como um todo, uma vez que é através da interação dos diferentes sujeitos que constituem a história que podemos chegar a uma compreensão satisfatória. Nesse sentido, pode-se entender a importância da referida pesquisa não apenas para a história, mas para pensarmos em um mundo mais humano, com menos hierarquias, preconceitos, discriminações e, sobretudo, com menos violência e dominação de um sujeito sobre outro.

Como vimos, em virtude do contexto de atuação dos grupos armados, algumas informações são de difícil acesso, uma vez que os "detentores do poder" não se interessam em divulgá-las. No entanto, a busca por essas informações tem significativa importância para desconstrução de questões "cristalizadas" e legitimadas socialmente. Essas questões são estabelecidas estrategicamente por grupos ou indivíduos. Um exemplo que ilustra isso se refere à ignorância das pessoas em relação a alguns assuntos, como a atuação dos grupos armados. O problema é que não entendem os motivos pelos quais os grupos se formaram nem mesmo o porquê de os indivíduos se envolverem neles. O resultado de tudo isso são as conclusões precipitadas, baseadas em uma visão pré-estabelecida e facilmente compartilhada pelos meios

de comunicação convencionais, que reinterpretam os fatos e omitem diversos aspectos dos processos históricos. O problema é que a ignorância das pessoas em relação a determinados assuntos nos leva a retrocessos e nos distancia de uma luta por condições melhores, sobretudo menos dominação e exploração. É nessa perspectiva que a referida pesquisa tenta contribuir, para compreendermos os processos históricos de forma mais aprofundada e mais coerente com a nossa realidade.

No que se refere à atuação das mulheres no grupo Montoneros, podemos considerar que contribuíram intensamente. Lutaram da mesma forma que os demais integrantes e morreram em muitas ações, levando às últimas consequências os ideais do grupo. Nesse contexto, os problemas de hierarquização de gênero, apesar de influenciarem negativamente nas atuações em alguns momentos, não excluíram as mulheres da luta e da participação de ações no grupo.

Ademais, faz-se necessário destacar que as mulheres, sujeitos compreendidos na história como quaisquer outros, em nenhuma época deixaram de atuar, nem de experimentar gestos de rebeldia (BARRANCOS, 2010). Em razão disso, nosso posicionamento vai na direção de sempre incluir sujeitos nos processos históricos, reconhecendo, assim, suas atuações e trilhando novos caminhos, baseados na busca pela justiça e democracia, como também em relações mais simétricas e igualitárias entre os gêneros. Dessa forma, os estudos sobre as mulheres, no âmbito acadêmico, têm contribuído de modo substantivo para modificar a paisagem das teorias no campo social, cultural e político, seja no Brasil ou no exterior. (MATOS, 2010).

Enfim, apesar de não fazermos uma análise comparativa entre Brasil e Argentina, em virtude, principalmente, de problemas relacionados a demanda de tempo de uma pesquisa de Mestrado e à complexidade de tal proposição, a pesquisa contribui, entre outras coisas, para compreendermos com mais profundidade o contexto da Argentina e dos demais países da América Latina. Como vimos ao longo da pesquisa, esses países estão compreendidos em contextos de luta diretamente relacionados. Um exemplo que pode ilustrar esses contextos de semelhanças se refere ao grande envolvimento desses países a partir da década de 1960 com a luta armada e, no período posterior, com os processos de ditadura civil-militar. De todo modo, a referida pesquisa abre novos caminhos para pensarmos a América Latina e entendermos o contexto do Brasil de forma mais ampliada, levando em consideração processos maiores que influenciaram diretamente as estruturas específicas de cada país. Enfim, é importante destacar também que para desenvolvermos uma pesquisa comparativa devemos conhecer com

profundidade o contexto dos países que serão estudados e o contexto geral em que estão inseridos. Partindo dessa lógica e a partir da presente pesquisa, podemos pensar, futuramente, em novas pesquisas apoiadas em modelos de análise comparativa.

REFERÊNCIAS

Livros

ADAMOVSKY, Ezequiel. **Historia de las clases populares en la Argentina (1880-2003)**. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2012.

ANDÚJAR, Andrea. Historia, memoria y género: testimonios de militancia. In: DOMINGUEZ, Nora *et al*. **Historia, género y política en los ’70**. Buenos Aires: Feminaria Editora, 2005. p. 495-520.

ARAÚJO, Maria Paula. Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970. In: FICO, Carlos *et al*. **Ditadura e democracia na América Latina**: balanço histórico e perspectivas. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p. 247-273.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Unesp, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel**: a Revolução Cubana e a América Latina. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BARRANCOS, Dora. **Mujeres en la sociedad argentina**. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

BELEJ, Cecilia; HUERTA, Silvia Escanilla; MARTÍN, Ana Laura; SILVEIRA, Alina. Muestra gráfica mujeres en acción. Política y feminismos en la década de l970. In: DOMINGUEZ, Nora *et al.* **Historia, género y política en los ’70**. Buenos Aires: Feminaria Editora, 2005. p. 524-531.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre *et al*. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 349-363.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação feminina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1998.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil**: o longo camino. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COSSE, Isabella. **Pareja, sexualidad y familia en los años sesenta**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010.

DESTUET, Graciela; VALLE, María Rosa. La visibilidad de la mujer en la creación política. In: DOMINGUEZ, Nora *et al*. **Historia, género y política en los ’70**. Buenos Aires: Feminaria Editora, 2005. p. 407-432.

DIANA, Marta. **Mujeres guerrilleras**. Buenos Aires: Planeta, 1997.

DI TELLA, Torcuato S. **História social da Argentina contemporânea**. Brasília: FUNAG, 2010.

DUZDEVICH, Aldo. **La lealtad**: Los Montoneros que se quedaron con Perón. Buenos Aires: Sudamericana, 2015.

FERRO, Lilian. Mujeres y participación política en los 70. El caso de Santa Fe. In: DOMINGUEZ, Nora *et al*. **Historia, género y política en los ’70**. Buenos Aires: Feminaria Editora, 2005. p. 190-208.

GENÉ, Marcela. **Un mundo feliz**: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo. 1946-1955. Buenos Aires: Fondo de Cultura económica, 2005.

GILLESPIE, Richard. **Soldados de Perón**. Buenos Aires: Grijalbo, 1998.

GOTAY, Samuel Silva. **El pensamiento cristiano revolucionário en América Latina y el Caribe**. Puerto Rico: Huracán, 1989.

GRAMMÁTICO, Karin. Las mujeres políticas y las feministas en los tempranos setenta: ¿Un diálogo (im)posible? In: DOMINGUEZ, Nora *et al*. **Historia, género y política en los ‘70**. Buenos Aires: Feminaria Editora, 2005. p. 19-38.

GRAMMÁTICO, Karin. **Mujeres montoneras**: una historia de la agrupación Evita 1973-1974. Buenos Aires: Ediciones Luxemburg, 2011.

IGLESIAS, Margarita. Los desafíos del Cono Sur desde las perspectivas de las mujeres. La democratización de la democracia o la reinvención de una democracia latinoamericana. In: WOLFF, Cristina Scheibe *et al*. **Gênero, feminismos e ditaduras no cone sul**. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 52-73.

JAMES, Daniel. **Resistencia e integración**: el peronismo y la clase trabajadora argentina. (1946-1976). Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010.

JELIN, Elisabeth. **Los trabajos de la memoria**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

MANGIONE, Mónica. **El Movimiento de Sacerdotes para el Tercer Mundo**. Santa Fé: Último Recurso, 2004.

PEDRO, Maria Joana.Narrativas do feminismo em países do Cone Sul (1960-1989). In: WOLFF, Cristina Scheibe *et al*. **Gênero, feminismos e ditaduras no cone sul**. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 115-137.

PEÑA, Milcíades. **Historia del pueblo argentino**. Buenos Aires: Emecé, 2012.

PERDÍA, Roberto. **Montoneros el peronismo combatiente en primera persona**. Buenos Aires: Planeta, 2013.

REIS, Daniel Aarão. A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: ROLLEMBERG, D. *et al*. **A construção social dos regimes autoritários**: Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 363-393.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SAIDON, Gabriela. **La Montonera**: Biografia de Norma Arrostito. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SARLO, Beatriz. **A paixão e a exceção**: Borges, Eva Perón, Montoneros. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

TORRE, Juan Carlos. **Ensayos sobre movimiento obrero y peronismo**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

VASSALLO, Alejandra. ‘Las mujeres dicen basta’: Feminismo, movilización y política de los setenta. In: DOMINGUEZ, Nora *et al*. **Historia, género y política en los ‘70**. Buenos Aires: Feminaria Editora, 2005. p. 61-88.

WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: PEDRO, Maria Joana *et al*. **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 138-155.

Documentos

DECRETO-LEY 4.161, del 5 de marzo de 1956. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/documentos/revolucion_libertadora/decreto_4161.php>. Acesso em: 11 jun. 2015.

DISCURSO de Eva Duarte Perón. Anuncio da lei do voto feminino. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/documentos/ascenso_y_auge_del_peronismo/anuncio_de_la_ley_del_voto_femenino_evita.php>. Acesso em: 15 mar. 2016.

DISCURSOS de Eva Duarte Perón. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/documentos/documentos.php#_ftn12>. Acesso em: 15 mar. 2016.

DISCURSOS de Juan Domingo Perón. **Ruinas Digitales**. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/discursos-de-peron-1972-1974/>. Acesso em: 12 fev. 2016.

DISCURSO de Juan Domingo Perón. **El Historiador**. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/documentos/ascenso_y_auge_del_peronismo/discurso_15_de_abril_53_peron.php>. Acesso em: 12 fev. 2016.

DOCUMENTOS DITADURA MILITAR. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/documentos-dictadura-militar/>. Acesso em: 12 fev. 2016.

DOCUMENTO EL RETORNO Frustrado de 1964. Disponível em: <http://www.elortiba.org/retorno.html#El_retorno_frustrado_de_1962_>. Acesso em: 16 mar. 2016.

DOCUMENTOS Montoneros. El Ortiba. Disponível em: <http://www.elortiba.org/docmon.html>. Acesso em: 20 mar. 2016.

DOCUMENTOS SOBRE CUBA. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/revistas/Liberacion%2003.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2016.

GOLAN, José. 16 Teses Sobre Cuba. **Revista La Libertación**, Buenos Aires, n. 3, 1964. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/revista-de-la-liberacion/16-tesis-sobre-cuba/>. Acesso em: 5 jan. 2016.

GÓMEZ, María Rosa (Org.). **Memoria de mujeres**: relatos de militantes, ex presas políticas, familiares de desaparecidos y exiliadas. Buenos Aires: Instituto Espacio para la Memoria, 2011. p. 28 (CUADERNOS DE LA MEMÓRIA, 5) Disponível em: <http://www.dirdocumentacion.com.ar/repo/modulos/buscador/documentos/cuadernos5_MemoriasDeMujeres.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2016.

LONARDI, Luis Ernesto. Lonardi y la “Revolución Libertadora". **El Historiador**, Buenos Aires, 1958. Disponível em: <www.elhistoriador.com.ar>. Acesso em: 16 fev. 2016.

MOLINA, Ramón Horácio Torres. La Revolución Cubana. **El Historiador**, Buenos Aires, 2011. Disponível em: <www.elhistoriador.com.ar>. Acesso em: 5 jan. 2016.

ORTIZ, Raúl Scalabrini. La “Revolución Libertadora” y el Desmantelamiento del Estado Peronista. **El Historiador**, Buenos Aires. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/documentos/revolucion_libertadora/la_revolucion_libertadora_y_el_desmantelamiento_del_estado_peronista.php>. Acesso em: 16 fev. 2016.

REVISTAS. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/discursos-de-peron-1972-1974/>. Acesso em: 12 fev. 2016.

TORRES, Alberto. Los cubanos que rompieron el bloqueo. **Ruinas Digitales**, Buenos Aires, 19 nov. 2010. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/descamisado/descamisadoloscubanosquerompieronelbloqu12/>. Acesso em: 5 jan. 2016.

Artigos e teses

ANDREO, Igor Luis. O alvorecer da Teologia da Libertação na Argentina e no México: ensaio para um estudo comparativo. **Revista História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1-10, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/119>. Acesso em: 3 jun. 2016.

BACCI, Claudia; CRESPO; Leandro Diego Basanta. Norma Arrostito. Mujer política. Su construcción subjetiva desde la militancia montonera. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 89-108, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5175581.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BELLUCCI, Mabel; RAPISARDI, Flavio. Identidad: diversidad y desigualdad en las luchas políticas del presente. In: **Teoria y filosofia política**: la recuperación de los clásicos en el debate latinoamericano. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. p. 193-207. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/se/20100613045508/14bellucci.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2016.

BOFF, Leonardo. O perene desafio da Teologia da Libertação. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1323-1327, out.-dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n32p1323>. Acesso em: 15 jul. 2014.

COELHO, Carolina Marra Simões. Gênero: teoria e política. **Dimensões**, Revista de História da UFES, Vitória, n. 23, p. 14-27, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2507>. Acesso em: 3 jun. 2016.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p. 37-47, 1995. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1761>. Acesso em: 3 jun. 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 373-382, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16219>. Acesso em: 3 jun. 2016.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. História e culturas políticas. **Revista Varia História**, Belo Horizonte, n. 28, p. 13- 28, 2002. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/files/historiaeculturaspoliticas_ElianaDutra.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2016.

ETULAIN, Carlos Raul. **A esquerda e o peronismo**. 2001. 336 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000218831>. Acesso em: 15 jul. 2014.

GARATEGARAY, Martina. Montoneros leales a Perón: notas sobre la juventud peronista lealtad. **Revista Electrónica de la Asociación Española de Americanistas**, Múrcia, n. 9, p. 1-22, 2012. Disponível em: <http://revistas.um.es/navegamerica/issue/view/11421>. Acesso em: 22 jun. 2014.

GARBERO, Vanesa. ¿Lo personal es político? Mujeres: militancia y feminismo en los setenta en Argentina. **Revista Universitaria Digital de Ciencias Sociales**, p. 44-64, 2012. Disponível em: <http://virtual.cuautitlan.unam.mx/rudics/?p=256>. Acesso em: 17 jun. 2016.

GARCIA, Marco Aurélio. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 8/9, p. 319-342, 1997. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1886>. Acesso em: 17 jun. 2016.

GARRIDO, Beatriz; SCHWARTZ, Alejandra Giselle. Las mujeres en las organizaciones armadas de los ´70 Montoneros. **Temas de Mujeres**, Tucumán, n. 2, p. 1-20, 2005. Disponível em: <http://filo.unt.edu.ar/wpcontent/uploads/2015/11/t2_web_art_garrido_mujeres_organizaciones_armadas.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2016.

GÓMEZ, Salustiano Alvarez. A Teologia da Libertação na América Latina. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 10, n. 13, p. 24-44, 2008. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/942/911>. Acesso em: 17 jun. 2016.

KAUFMAN, Susana Griselda. Sobre violencia social, trauma y memoria. **ANAIS Seminário Memória Coletiva y Represión**. Montevideo, p. 1-18, 1998. Disponível em: <http://comisionporlamemoria.net/bibliografia2012/historia/Kauffman.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2016.

LANUSSE, Lucas. Caer y volver a levantarse. La situación de Montoneros entre fines de 1970 y comienzos de 1972. **El Ortiba**, Buenos Aires, p. 1-25, 2005. Disponível em: <http://www.elortiba.org/pdf/lanusse08.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2016.

LENCI, María Laura. La radicalización de los católicos en la Argentina. Peronismo, cristianismo y revolución (1966-1971). **Cuadernos del CISH**, La Plata, n. 4, p. 174-200, 1998. Disponível em: <http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2716/pr.2716.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2016.

MARTÍNEZ, Paola. La participación femenina en las organizaciones armadas de los años 70. **Revista Testimonios**, Rosário, n. 2, p. 37-55, 2011. Disponível em: <http://testimonios.historiaoralargentina.org/?s=2>. Acesso em: 4 mar. 2016.

MARTÍNEZ, Paola. Aproximaciones a la construcción del devenir de la(s) mujer(es) y a la aparición de formas alternativas de subjetividad femenina en la historia reciente. **Memórias**, Bogotá, v. 13, n. 23, p. 67- 79, 2015. Disponível em: <http://revistas.ucc.edu.co/index.php/me/article/view/1081>. Acesso em: 4 mar. 2016.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Estudos Feministas**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 333-357, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000200003>. Acesso em: 4 mar. 2016.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, 2010. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31628/20162>. Acesso em: 4 mar. 2016.

MENDES, Ricardo Antônio Souza. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, São Paulo, n. 8, p. 1-29, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/>. Acesso em: 4 mar. 2016.

NÉSPOLI, José Henrique Songolano. Cultura política, História política e historiografia**.** **Revista História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 1, p. 361-376, 2015. Disponível em: <http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/issue/view/82/showToc>. Acesso em: 4 mar. 2016.

NOGUERA, Ana. La participación de las mujeres en la lucha armada. Córdoba, Argentina, 1970-1973. **TALLER - Revista de Sociedad, Cultura y Política en América Latina**, Buenos Aires, v. 2, n. 2, p. 9-22, jul. 2013. Disponível em: <http://tallersegundaepoca.org/taller/article/view/72>. Acesso em: 4 mar. 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 4 mar. 2016.

PASQUALI, Laura. Mandatos y voluntades: aspectos de la militancia de mujeres en la guerrilla. **Revista Temas de Mujeres**, Tucumán, n. 4, p. 49-75, 2008. Disponível em: <http://ojs.filo.unt.edu.ar/index.php/temasdemujeres/article/view/23>. Acesso em: 4 mar. 2016.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a15v2754.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PERÓN, Juan Domingo. Carta de Perón ao Movimiento Peronista, por ocasião da morte de Che Guevara, 1967 *apud* ETULAIN, C. R. **A esquerda e o peronismo**. 2001. 336 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000218831>. Acesso em: 15 jul. 2014.

POZZI, Pablo A. La polémica sobre la lucha armada en Argentina. **El Topo Blindado**, 2012. Disponível em: <http://www.eltopoblindado.com/files/Articulos/07.%20Lucha%20armada%20y%20violencia%20politica%20/Pozzi,%20Pablo.%20La%20polemica%20sobre%20la%20lucha%20armada%20en%20la%20Argentina.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história: descobrindo historicamente o gênero. **CNT Compostela**, p. 7-58, 2012. Disponível em: <http://www.cntgaliza.org/files/rago%20genero%20e%20historia%20web.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.

ROCHA, Marina Maria de L. **Uma onda de lama e sangue ameaça cobrir a República**: os discursos sobre a violência no governo de Isabelita Perón (junho de 1975 - março de 1976). 2011. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Filosofia) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: <www.historia.uff.br/stricto/td/1479.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 121-149, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10210>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Mimeo., 1989. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2015.

SEPÚLVEDA, Patricia Graciela. Relatos de militancia femenina em los años ’70, cuando todo pareció a punto de cambiar. **Revista Testimonios**, Rosário, n. 5, p. 57-79, 2016. Disponível em: <http://testimonios.historiaoralargentina.org/testimonios-5/130>. Acesso em: 3 jun. 2015.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Diversidade de gênero - Mulheres. **Projeto Justiça Cidadã**, 2009. Disponível em: <http://gajop.org.br/justicacidada/?p=1410>. Acesso em: 3 jun. 2015.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero um depoimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 77-83, 1998. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634464>. Acesso em: 3 jun. 2015.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1994. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>. Acesso em: 3 jun. 2015.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 127-152, 2005. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644688>. Acesso em: 22 jun. 2014.

WOLFF, Cristina Scheibe. Gênero e maternidade nos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul. **Anais eletrônicos ANPUH**, Simpósio Nacional de História, Natal, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364648266_ARQUIVO_Generoematernidadeanpuh2013.pdf >. Acesso em: 3 jun. 2015.